A.-D. SERTILLANGES, O. P.
Membro do Instituto de França

O QUE JESUS VIA DO ALTO DA CRUZ

LIVRARIA TAVARES MARTINS - PORTO

CRISTO SOFREDOR

(da Catedral de Beauvais)

A.-D. SERTILLANGES, O. P.
Membro do *Instituto de França*

O QUE JESUS VIA

DO ALTO DA CRUZ

1947
LIVRARIA TAVARES MARTINS - PORTO

SÃO PAULO CONVIDA-NOS a «revestir-nos de Jesus Cristo» (Rom. XIII, 14); *São Paulo emprega a expressão no sentido espiritual mas o alcance dela é imenso. No entanto, talvez seja possível, num outro sentido, revestir-nos de Jesus Cristo, e talvez isso não seja desprovido de eficácia.*

Podemos revestir-nos de Jesus Cristo pela imaginação, colocar-nos não ao pé da Cruz ou defronte dela, mas nela, curvar a cabeça sob a inscrição trilingue, cingir a coroa de espinhos, receber os cravos martirizantes, sentir, entre os ombros, a friagem e a rugosidade do lenho, finalmente, apropriando-nos do ângulo de visão e da emoção do Senhor, ver pelos seus olhos e comentar com o seu coração, recordar, julgar e prever com ele, de tal maneira que dentro desse mesmo

sentido e dessa mesma fantasia de uma substituição de pessoa, «já não sejamos nós que vivamos, mas Cristo que viva em nós» (Gal. II, 20).

Este pensamento ocorreu-nos no decurso de uma das frequentes temporadas que passámos em Jerusalém, num lugar por excelência evocativo. No eirado dos Gregos, que domina o átrio do Santo Sepulcro, a poucos passos do grande zimbório, ergue-se uma pequena cúpula de pedra sobrepujada por uma cruz. É de fácil acesso e podemos encostar-nos a ela e assim permanecer por algum tempo. E acontece que, se nos voltarmos para Jerusalém, que se espraia largamente diante de nós, temos sob os nossos olhos — não curando do que é obra do tempo — o panorama do divino Mestre.

Segundo as mais rigorosas medições e segundo o testemunho de um dos homens que, hoje, melhor conhecem a arqueologia dos Santos Lugares (1), *a cruz de ferro que ali se palpa, está, com diferença de poucos decímetros, ao nível e no lugar ocupado pelo divino rosto. Nada mais empolgante do que*

---

(1) *O R. P. Hugues Vincent, autor, em tudo que respeita à arqueologia e em parte do que se baseia em pesquisas históricas, da grande obra, publicada pela Casa Gabalda:* Jerusalém, Pesquisas de topografia, de arqueologia e de história, *pelos P. P. Hugues Vincent e F. M. Abel, dos Irmãos Pregadores.*

tal pensamento, e, quando temos a felicidade de pisar aquelas lajes trágicas, forçosamente nos lembramos das palavras de Santo Cirilo de Jerusalém, pregando no Santo Sepulcro: «Quantos outros podem apenas ouvir, ao passo que nós vemos e palpamos!»

O cenário da crucificação está hoje alterado; a simples indicação do ponto que escolhi para o observar, basta para reconhecer que assim é. No entanto, é possível reconstituí-lo sem excessiva dificuldade.

É verdade que subsistem algumas dúvidas e que estas são angustiosas. Custa pensar que ninguém, hoje em dia, pode traçar, com segurança, a via dolorosa. Mas todo o restante espaço sagrado é, felizmente, bem conhecido. As grande linhas definem-se por meio da cercadura de colinas que rodeia o Gólgota; as elevações do solo, os vales em parte já aterrados mas ainda nìtidamente reconheciveis, subsistem; os caminhos são indicados pela ondulação das terras e por direcções imutáveis. As ruínas visíveis aqui e ali, as diligentes pesquisas realizadas nestes últimos tempos, as comparações dos textos e dos factos permitem reconhecer e até circunscrever rigorosamente o teatro do

drama. É possível que nos empolgue o arripio causado pela sensação de realidade.

Abramos, portanto, sem mais demora, abramos piedosamente, na companhia de Jesus Cristo, os olhos do corpo e os olhos da nossa inteligência; desposemos, revestindo-nos de Jesus, *o seu pensamento e o seu coração. Talvez que, assim, o mundo invisível em que a sua alma se move nos apareça mais dominadoramente; talvez nos seja concedida a graça de uma mais íntima identificação.*

Jerusalém,
Tarde de Quinta-Feira Santa.

Capítulo I

O OBSERVATÓRIO

JESUS SAI DO PRETÓRIO por alturas do meio-dia. Em Jerusalém é a mais penosa hora do dia. Está-se na Primavera (20 de Março — 17 de Abril são as datas extremas) e a Primavera palestiniana não tem o encanto de um Abril francês; é, por excelência, a época irregular, encantadora em certos dias, com neve a cair noutros, e, por vezes, sufocante; é a estação do «Khamsin», deprimente, crepuscular e febril vento do sudeste.

Jesus carrega a sua cruz. Traz ao pescoço provàvelmente, a tabuleta, dos seus sessenta centímetros, caiada, que pregarão na cruz para indicar a natureza do crime. Caminha atrás de um centurião a cavalo, entre uma escolta de soldados romanos,

na companhia de dois ladrões que se julgou conveniente associar-lhe, e precedido, seguido, rodeado por multidão curiosa ou hostil.

Vão descendo através da cidade num percurso que, panorâmicamente, não abrange mais de 150 metros, mas que o emaranhado das ruelas parece tornar maior. Depois, sobem, ziguezagueando sempre, percorrendo um espaço um pouco mais extenso. Somando tudo, uns 350 metros que vêm a dar 425, ou mesmo 450, por causa das voltas. Chegam, finalmente, à porta de Efraim, também chamada porta da Praça, porque abre para uma esplanada quadrada que virá a ser, mais tarde, o *forum* romano e que é determinada pela reentrância, em ângulo recto, das muralhas.

A porta de Efraim oferece a particularidade de ser uma porta de redente, em ângulo reentrante, de forma que se entra na direcção norte-sul e se sai na leste-oeste; uma escada com uns dez degraus termina a parte íngreme. Aí — pormenor impressionante — vê-se ainda hoje, abrigado num convento grego, um velho umbral em que talvez tocasse a cruz que Jesus transportava.

Ultrapassado o umbral, Jesus encontrava-se, bruscamente, em presença do seu sepulcro.

O local nada tinha de triste, apesar dos túmulos, acessório habitual das ricas propriedades da época. Chamava-se «Porta dos Jardins» a porta situada entre a de Efraim e a de Jafa; o nome, aliás, estava bem posto, porquanto todas as vertentes do Gareb — a colina fronteira — eram constituídas por espaços adequados a plantações e cultura.

As oliveiras eram a vegetação predominante, mas não escasseavam limoeiros, figueiras, nogueiras e romãzeiras. Numerosas aves ali encontravam abrigo, desde as andorinhas e os gaivões — alegres mensageiros das horas primaveris — aos pardais, poupas, cucos, tordos e rolas.

Também não faltavam flores, graças às brisas húmidas de Março que, mesmo naquela região penhascosa e pardacenta, as faziam nascer em abundância. O ciclame, flor das rochas, a abrótea, o linho azul, o lírio e o funcho, a papoila e a margarida, a anémona vermelha, que é talvez o lírio dos campos, rival de Salomão — corola fulgurante quando o sol a trespassa como se fosse um vitral, e, à sombra, baça e semelhante a sangue coalhado — serviam de tapete às mais frequentadas clareiras daquelas paragens.

É grato mencionar estas flores do Calvário. É grato pensar que essas débeis mas eternas

vidas que se vêem hoje surgir nos mesmos sítios onde ontem floresceram, já ali estavam, quando Jesus, por quem foram tão amadas, misturou seu sangue às bagas vermelhas... O pintarroxo da lenda, a cismadora pomba dos salmos, talvez mesmo a ave da noite atraída pela treva sem igual, embalaram, possìvelmente, a sua morte.

Numa Sexta-Feira de Paixão, às três horas da tarde, encontrava-me sentado no preciso lugar onde se ergueu a Cruz, no terraço a que há pouco me referi, quando vi o ar tão cheio de andorinhas que tive a impressão de que elas, com as asas e os gritos que soltavam, circundavam e limitavam uma porção do espaço. A pequena cruz de ferro, herdeira do grande patíbulo, estava como que prisioneira numa rede de delgadas trajectórias; gritos agudos e finos cruzavam-se em todos os sentidos. Era, ao mesmo tempo, festa e apelo fúnebre. Quem sabe se, do fundo da sua agonia, Jesus não ouviu e não se dignou acolher com um triste sorriso, um cântico assim ardente e amorável?

*

* *

Frequentemente empregamos a palavra «Calvário» e ainda não situámos essa montanha que

tão imponentes proporções assume em nossas reminiscências. Não se vê bem onde possamos incluí-la naquilo que descrevemos e cremos que o peregrino desprevenido ainda menos saberá localizá-la, nos Santos Lugares, pisando o adro medieval que a ela o conduz.

É que o Calvário não é, de forma alguma, uma montanha, nem mesmo uma colina, a menos que não se queira chamar colina ou montanha ao monticulo que se vê no campo.

Se a esplanada de cinquenta metros onde se abria a porta de Efraim não tivesse sido nivelada — e tê-lo-ia, realmente, sido? — poder-se-ia subir ao Calvário, partindo da parte mais alta da cidade, sem se dar por isso, precisamente como da encruzilhada de Médicis, em Paris, se sobe à «Montanha» de Santa Genoveva. O espigão calcáreo pouco mais se elevava do que uns cinco metros acima dos caminhos que o contornavam; um pouco abrupto na encosta ocidental, tinha uma inclinação muito suave a leste e a sudeste, que foi por onde Jesus subiu.

Seja como for, o que não há dúvida é que o observatório do Senhor domina a cidade. Erguido o madeiro do suplício, do ponto mais alto deste,

que ainda se levantava a mais uns dois metros e cinquenta ou três metros acima do solo, seria fácil percorrer com a vista tudo que o horizonte limitava.

Jesus terá visto, na sua frente, a porta de Efraim, a uma distância de setenta e cinco metros; o Templo, a quatrocentos e cinco; a torre Antónia, a trezentos e cinquenta; o grande ângulo sudeste, ou *pináculo*, donde Satanás o quis ver despenhar-se, a seiscentos e oitenta.

Distinguirá, em seguida, outros pontos mais ou menos próximos: entre norte e nordeste, mas quase ao norte, as vertentes de Nabi-Samuel, o *alto lugar* de Gabaão, onde Salomão teve o sonho da sabedoria, onde a trágica Resfa defendeu dos abutres, seus supliciados filhos; em seguida, Masfa, lugar de culto dos fiéis Macabeus, aguardando a entrada em Jerusalém.

Precisamente a nordeste, o Scopus, onde Alexandre se humilhou, um dia, perante a majestade do sumo sacerdote, — onde acamparam, quando os fados de Israel se cumpriram, Céstio Galo e Tito, — por onde avançaram, mais tarde, os soldados de Godofredo de Bulhão, — acesso solene, ponto de mira do saque e da cobiça, desde os tempos de Nabucodonosor, de Senaqueribe e de Teglath-Falasar.

A leste, o Monte das Oliveiras, que, na vida de Jesus, ocupa um lugar que pode quase dizer-se preponderante, pelo que evocam os seus primeiros declives, as suas vertentes, o seu cume, os seus arredores, as suas povoações, os seus caminhos. Convém, portanto, que nestas páginas, nele venhamos a deter-nos um pouco mais.

A direita do Monte das Oliveiras, através do vale do Cédron, uma prega de deserto requeimada e rígida, para além da qual se sente o Mar Morto e se vê, franjada, na base, pela bruma exalada dessas águas volumosas, a cortina dos montes de Moab, que não se rasga. Aí se encontram as recordações do grande jejum do Senhor, do baptismo e da voz celeste; ali está o monte Nebo, onde Moisés dorme após a sua remota visão; ali está Maqueronte, onde a cabeça de João Baptista aparece como que aureolada pelo prato doirado onde a colocam; ali estão os antros onde, na fuga, o bode expiatório se ocultava, perseguido por causa dos crimes de Israel como Jesus foi perseguido pelos nossos.

Mais para diante, sempre em plena direcção leste, está o Moriah, pedestal do Templo, com o seu prolongamento meridional, que o Tiropéon e o vale de Josafat — local da *Cidade de David* — orlam.

Na linha do horizonte que termina esta língua de terra imortal, vê-se a aldeia de Siloé, antiga necrópole judia, e, para além, o Monte do Escândalo, onde se patenteavam as antigas *abominações*.

Finalmente, para ocidente, o horizonte é limitado por altas colinas que determinam, pelo seu encontro com o que hoje se chama Monte Sião, a curva da prega em que se aninha o vale de Hinón ou Geena.

Tal é o lugar em que Jesus se defrontou com a morte.

Nesse momento, o cenário era, sem dúvida, risonho, mas sabemos que depressa uma nuvem muito sombria cobriu a terra. Nas primaveras da Palestina, é frequente a noite deslizar assim ràpidamente, após horas radiosas. Sob a terrível lufada do deserto, por malfeitoria do demónio de pesadas asas do Stix assírio, nuvens fuliginosas vão-se amontoando; nas alturas, trava-se um combate entre o vento do ocidente, húmido e fresco, e o hálito esbraseado do Nedjed. As trevas castigam a terra durante mais ou menos tempo: imagem do que aconteceu, não se sabe por que desígnio providencial, no momento da grande morte.

* * *

Eis a cruz. É uma trave esquadriada com uma haste transversal. Teria talvez uns três metros de altura, porque Roma costumava exibir os seus condenados, para exemplo. Jesus alude a essa elevação quando diz: «*Se for levantado da terra, atrairei tudo a mim*». (*João*, XII, 32). De uma intenção infamante pôde tirar glória.

A trave não podia alongar-se indefinidamente, porque era necessário que fosse sólida e estava estabelecido que teria de ser transportada pelo condenado. Havia um limite de peso, exigências de equilíbrio e de construção; era possível encaixar o ombro entre a trave e o braço da cruz, mas não era prático deixar o madeiro ir a arrastar-se.

O madeiro do suplício apresentava, talvez, a certa altura, uma haste de madeira (*antenna*), formando encaixe, destinada a impedir que os pés e as mãos se despedaçassem sob o peso, mas sobre tal pormenor não há uma certeza (1).

É frequente, em imagens do Crucificado, ve-

(1) O emprego desse acessório dava lugar, entre os Antigos, a uma trágica expressão: «cavalgar a cruz», *equitare crucem*.

rem-se os pés divinos sobre um pequeno pedestal inclinado; é apenas uma piedosa fantasia que em nada se fundamenta. Jesus foi pregado a uma altura suficientemente grande para que as plantas dos pés pudessem assentar no madeiro, isto é, numa posição horrível, mas que, por isso mesmo, tem, a seu favor, todas as probabilidades de ter sido assim.

Que espécie de árvore teve a honra de fornecer a madeira donde penderia o Fruto excelente do mundo? Não se sabe muito bem, mas, provàvelmente, foi uma conífera.

Uma lenda indica-nos o lugar onde a Árvore estaria: um vale, a sudoeste da cidade, junto do mosteiro grego de Santa Cruz. No entanto, florescem por ali tantas e tão pueris histórias deste género que ninguém pensa em aceitar como certa uma tal afirmação. Na verdade, não se vislumbra uma indicação segura. No Pretório havia um depósito de cruzes, mas estas não teriam etiquetas que elucidassem sobre a respectiva procedência.

A liturgia revela melhor inspiração, quando abstrai das origens materiais ao tratar-se de um madeiro tão impregnado de espiritualidade, e canta, no seu hino de Sexta-Feira Santa: «*Cruz fiel, ár-*

vore entre todas nobre, árvore única, nenhuma floresta nos dá outra igual a ti, na raiz, na flor ou nos ramos; doce madeiro, que seguras, com doces cravos, um doce fardo!» Este misticismo enternecido tem mais sabor que as invenções a respeito de Lot plantando um arbusto e da rainha de Sabá encontrando-o como umbral no templo de Salomão, etc.

Quando falamos da cruz como de um madeiro já não estamos pensando na sua germinação ou localização; o seu lugar é o universo, o seu desenvolvimento começa no *Sexto dia,* mas também pode procurar-se o seu lugar e a sua expansão nos corações cristãos, quando se unem ao divino Mestre. A cruz é necessária à salvação do mundo: felizes a terra e a alma que consentem em dar-lhe tudo de que ela carece.

*
* *

Determinado o Calvário e descrita a cruz, ainda não está tudo dito. Para que ponto do horizonte olhava o paciente? Há autores místicos que orientam a cruz no sentido do ocidente — o que equivale a dizer que a *desorientam.* A sua ideia é chamar a nós o olhar que recria os seres e de

infligir a Israel, à antiga lei, o abandono desse olhar. Ideia *a priori* e um tanto ou quanto parcial, que não condiz com o cenário.

Passando a porta de Efraim, ficava-se defronte do espinhaço do Gareb, de que o Calvário era um anexo: voltar o patíbulo para oeste, era patenteá-lo à eminência e escondê-lo às pessoas. Os passeantes ociosos que atravessavam a porta e os da esplanada de pasmaceira, os transeuntes que circulavam nessa encruzilhada de estradas frequentadas, os cachos de gente pendurados por toda a parte e os hóspedes das tendas ao ar livre armadas para a festa, ter-se-iam sentido logrados; o exemplo não poderia, afinal, frutificar; o trabalho de erguer o instrumento do suplício e o da execução seriam dificultados, e, de um modo geral, não seria um serviço bem feito.

Não, Jesus estava voltado para a porta por onde viera, por onde vinham os seus ofensores e os gulosos de espectáculo; oferecia-se à vista dos rancorosos e dos motejadores; prestava-se à manobra do suplício e às conveniências dos verdugos, e, se é necessário invocar vantagens morais, olhava — ele, o Homem novo — para as origens, para as margens donde vem a civilização com a luz; orientava-se como a abside de uma igreja, tendo na sua frente a muralha doravante ultrapassada, mas

não renegada, de um mundo a que ainda estava preso, saudando, com seu derradeiro olhar, o Templo, casa de seu Pai, e o nascente.

A cruz está, pois, erguida em lugar bem escolhido, no eixo conveniente e segundo todas as regras. O calcáreo da rocha prende-a bem; o poste aguenta perfeitamente; o letreiro, agora, encima-a. O que vai morrer foi despojado das suas vestes, amarrado primeiro, pregado depois. Deixaram-lhe a sua coroa, que comentava — supõe-se — a inscrição irrisória, mas, na verdade, consagrando Jesus rei dos corações como do universo.

Os primeiros espasmos abalaram a carne tão atrozmente martirizada pela flagelação e por uma noite de ultrajes; o suplício da suspensão foi rude; o sangue escorre em fios delgados das mãos e dos pés, transpira da fronte, zebra o peito e os membros, seguindo a linha marcada pelas cordas. A maneira cruel como está preso não permite qualquer movimento; a alma, porém, está livre e os longos arripios não obstam a que a inteligência mantenha a plenitude das suas energias.

Ainda um pouco dessa grande vida que, na acanhada Judeia, toma uma amplidão universal! Ainda alguns gritos e algumas palavras soberanas!

Capítulo II

SIÃO

EM TUDO QUE CAI SOB O SEU primeiro olhar, Jesus pode contemplar a obra de seu Pai e o que vai ser atracção na sua própria obra. Mas imagino que um ponto desse solo, particularmente misterioso, atrai e retém a sua meditação, como serve de ponto de partida à corrente das idades.

A distância, para além das muralhas e da esplanada do Templo, entre a actual mesquita El-Aksa e a Geena, desce, rápida e estreita, uma língua de terra que tem o nome de Ofel *(tumor)*. O espaço que ocupava, media cerca de oito hectares, dos quais quatro e meio — um pouco menos que o nosso pátio do Louvre — se estendiam da base a Gihon, a actual fonte da Virgem. Ora este

último espaço ou, para melhor dizer, este sector de eleição, formando acrópole, usava, há três mil anos, um nome destinado a ir sempre espraiando-se até cobrir a humanidade e gozar, numa das acepções que lhe seriam atribuídas, de uma boa sorte eterna. Chamava-se Sião.

Sim, a *Cidade de David,* como lhe chamaram logo após a façanha de Joab, a «metrópole do Rei dos séculos», como lhe chamará, mais tarde, S. João Crisóstomo, media, de largura, cerca de 150 metros por dentro das muralhas. Utilizava a única fonte de Gihon, e, para ter a certeza de que não lhe faltaria, em caso de cerco, esse indispensável fio de água situado fora dos seus muros, escavara um *sinnor,* canal interior secreto; foi por aí que um único homem, engodado pelas promessas de David, reduziu à submissão a «inconquistável» e decerto muito minúscula cidadela.

Grandes nomes cobrem, às vezes, pequenas coisas! Só a cidadela é que, ao princípio, se chamava Sião; a cidade, apenas por extensão, compartilhou do vocábulo. A cidade! Quer dizer: ocupando qualquer coisa como dois hectares, um montão de choças a confundirem-se com as encostas, casebres cinzentos sobre terra cinzenta, formigueiro sem a auréola do prado!

Não se admirem nem vejam nisto algo de ver-

gonhoso. A vida, naquelas regiões, não era, de forma alguma, nem é hoje, o que as nossas civilizações ocidentais supõem. Vive-se ao ar livre; à porta de casa é que se fazem negócios; cada qual vai para aqui ou para ali, para o vale ou para as encostas vizinhas, ao sabor dos trabalhos agrícolas; dorme-se sob a protecção dos astros, ao abrigo das rochas, em escavações naturais, muitas vezes em velhos túmulos. Só se entra em casa por momentos ou quando chega a estação das chuvas, e, então, os habitantes amontoam-se entre paredes toscas.

Só as autoridades sociais e a Divindade têm instalações, no moderno sentido da palavra; ocupam a cidadela, que é, simultâneamente, templo e palácio, e, nestas condições, não é preciso muito espaço. Tendo por si a natureza, aqui assaz benigna para o homem, cada qual olha a sua casa menos como habitação do que como abrigo ou refúgio provisório. O campo oferece-se a todos: o casebre é rudimentar e dele pouco se exige. O deserto é grande: o antro do leão pode ser pequeno.

E ei-la agora, ali, ó Mestre, ei-la, obscura e tímida, a setecentos passos de vós, doravante mas-

carada pelas magnificências herodianas, a terra onde se implantou essa haste de Jessé donde devíeis sair. A história que dali partiu não mais devia deter-se no seu curso; ao passar, levantará a vossa cruz para a levar até aos confins do mundo e daí até ao próprio Deus. A Trindade traz o sinal da cruz; *em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo* assinamos sobre o nosso peito; a história do mundo insere-se, pela cruz, na história de Deus.

Como, na verdade, ela é grande, essa pequena colina fugidia, como é grande também a aventura davídica, a quase infantil proeza para que um só homem basta! E desse ponto quase inextenso que é a Sião primitiva, que vibração se propaga no espaço e no tempo!

A grandeza não está na amplidão mas no que contém de celeste. Em pouco espaço pode conter-se o Parténon, o Panteão de Agripa, o Pátio dos Leões, a Santa Capela. Os *Pensamentos* de Pascal pouco espaço ocupam numa estante. A *Visão de Ezequiel,* de Sanzio, é uma tela de trinta e cinco centímetros. Que será preciso para fazer de Sião a cidade universal e o ponto de encontro dos corações religiosos de todos os tempos? Que nela seja previsto o Filho do Homem e que a cruz de «fardo suave» nela projecte a sua sombra.

Pequena região maior que o mundo, em ti se contém a eternidade que nos ofereces.

*
* *

De todos os pontos da cidade de David, dominada pelo Moriah e os terraços salomonianos, avistava-se a casa de Yahveh, como da base de uma geleira dos Alpes se avistam, na sua plataforma, as alturas sagradas que a coroam de torres. O fiel israelita dizia de Sião: «*Deus está no meio dela* (Salmo XLV, 6 e «passim»). E como a Sião jebuseana fora chamada cidade de David por causa de ter sido tomada pelo filho de Jessé, a sua conquista por Yahveh fê-la chamar Cidade de Deus e o salmo exalta-a com alacridade: «*Ela ergue-se graciosa, júbilo de toda a terra, no monte de Sião, a cidade do grande Rei, situada ao lado do setentrião*». (Salmo XLVII, 3).

Israel sabe que é o povo de Deus, investido de promessa que apreende mal, que muitas vezes materializa, mas que nos melhores e sempre em qualquer recanto das almas mais mesquinhas, assume um valor místico.

Eis o que explica a história deste povo, história paradoxal, em que vemos um reduzido grupo

encher tudo com as consequências da sua presença e irradiar sobre o género humano.

Esta história apresenta-se, ao próprio descrente, como um mistério difícil de elucidar. Uma corrente atravessa-a; um objectivo misterioso norteia-a; não sabe para onde vai, mas vai, e di-lo sem penetrar claramente o sentido dos seus oráculos. Um humilde facto assume nela um tão alto alcance moral que se torna seu símbolo eterno; o céu e a terra nela se misturam incessantemente; concluem-se alianças entre o que, a todo o momento, oferece de atroz ou de pueril, e sublimidades prodigiosas, e é uma *história santa,* até quando, aparentemente, se afoga em horror.

Todas as contradições se encontrarão nesse escoar de factos, porque se encontram no princípio humano que Deus utiliza e onde deixa o seu sinal. Povo ousado, turbulento, inquieto, violento e fraco, idealista e sedicioso; povo de traficantes e de sacerdotes, de agiotas desconfiados e de heróis; — povo escravo e soberano, rotineiro e pioneiro de novas terras, positivista e em demanda de um Éden, acanhado e universal, sórdido e defensor do povo, esfarrapado e de uma altivez sobre-humana, profeta e assassino de profetas, venerando os seus oráculos e matando os que os escreveram, infiel em nome de uma rigorosa fé em si

próprio, muitas vezes amigo dos seus algozes e sempre algoz dos seus benfeitores... Eis o que é Israel.

Israel tem o sentimento poderoso e tenaz do seu destino; no entanto, trai incessantemente esse destino e desfigura-o; é indominável a ponto de resistir ao universo, e nenhum povo é, temporàriamente, mais servil e mais humilde na sujeição. É conservador por excelência; é um povo que não evolui, que diz sempre as mesmas palavras, faz os mesmos gestos, prefere colar, ponta a ponta, frases contraditórias dos seus livros a perdê-las, entrega-se aos mesmos ritos particulares ou solenes, vive dos mesmos sentimentos cujo número é pequenissimo; acreditou, porém, na idade do ouro, e, ao passo que os outros povos a confinam no passado, localiza-a simultâneamente no passado e no futuro e assim aguça e excita esse ardor de pensamento, essa veemência dos movimentos da alma que oportunamente coloca ao nível das grandes coisas e que manda cantar.

Este guardião da unidade de Deus não terá traficado bastante com os ídolos, não terá mostrado inclinação pelos cultos vizinhos que primeiro flagelava cruamente, ao sentir que a sua redenção étnica e moral dependia só de Yahveh?

No tempo de Salomão, por complacência pelas

mulheres estrangeiras desse sátrapa sensual, Israel tolera recintos de cultos pagãos perto da sua necrópole. *O Monte do Escândalo* ainda agora o testemunha. Aí surgem, apesar de protesto constante dos profetas, esses jardinzinhos sagrados que apresentam uma laje como tapete de orações, ramos decorativos, penduricalhos, uma árvore ritual, um nicho na parede do rochedo contendo o ídolo.

Apesar de tudo, num meio panteísta, politeísta e feiticista que o cercava por todos os lados, Israel preservou a unidade de Deus; transmitiu-a, intacta, ao futuro; os seus actos de prevaricação sublinharam o seu papel e deram ocasião a que os seus porta-vozes nele insistissem mais; promulgou a lei, as promessas e as esperanças; consciente do pacto, quebrando-o, reatando-o, finalmente infiel, é, em última análise, o intermediário graças ao qual é selado um pacto eterno, numa história vastíssima em que Israel se absorve na própria humanidade.

*
* *

É admirável que a história da cruz e das suas consequências esteja inscrita, do princípio ao fim, nos livros hebraicos, e que Sião não seja apenas o lugar das preparações, mas também o das adi-

vinhações e das anunciações. Israel pressente e prevê; um espírito dominador dos tempos está incluído no seu génio religioso, e o seu Yahveh fala-lhe ao ouvido.

Sob o cálamo dos profetas, dos salmistas, dos cronistas, dos sábios e dos legisladores, a história antecipada deste dia e do dia eterno que dele depende, determina-se, frase a frase, traço a traço, sem coerência aparente e como què ao acaso, mas de tal maneira que o facto, despertando de súbito e coordenando todas as recordações, faz como que surgir uma descrição completa e empolgante, para glória dessas remotas vozes.

A chegada do Messias, os seus característicos, o seu papel, a sua vida e a sua morte, a sua ressurreição e a sua glória, o seu reinado eterno sobre o povo dos eleitos são claramente apontados em muitas e breves sentenças. Alguns textos agrupados bastariam para o fazer ver.

«O cetro não sairá de Judá, nem o bastão do mando de entre seus pés até que venha o Pacífico. A ele é que os povos obedecerão.»

GÉNESIS, XLIX, 10.

«E tu, Betlém Efrata, pequena entre os milhares de Judá, de ti sairá para mim Aquele que deve

dominar sobre Israel e cuja origem remonta ao princípio, aos dias da eternidade.»

MIQUEIAS, V, 2.

«Uma Virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado Emmanuel (Deus connosco).»

ISAÍAS, VII, 14.

«Um menino nos nasceu: um filho nos foi dado. O principado foi posto sobre o seu ombro. E chamar-lhe-ão Conselheiro admirável, Pai eterno, Príncipe de paz.»

ISAÍAS, IX, 6.

«É o momento de enviar o meu anjo, e ele preparará o caminho diante de mim. Logo entrará no Templo o Senhor que buscais e o Anjo da aliança que desejais. Ele virá a seu tempo.

MALAQUIAS, III, 1.

«Os tempos que hão-de vir cobrirão de glória a terra vizinha do mar (a Galileia), o país para além do Jordão e o distrito dos Gentios. O povo que caminhava nas trevas verá uma grande luz.»

ISAÍAS, VIII, 23, IX, 1.

«Então, os olhos dos cegos abrir-se-ão, as orelhas dos surdos ouvirão, o coxo saltará como um veado e a língua do mudo desatar-se-á.»

ISAÍAS, XXXV, 5-6.

«Eis o meu Servo, que eu ampararei; o meu Eleito, em quem ponho a minha complacência. Sobre ele derramei o meu Espírito: ele espalhará a justiça entre as nações. Não clamará; não elevará a voz e nada fará ouvir nas ruas; não quebrará a cana rachada e não apagará a mecha que ainda fumega.»

ISAÍAS, XLII, 1-3.

«Saltai de alegria, filha de Sião! Expandi-vos em gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que o teu Rei virá a ti, justo e vitorioso, humilde e montado numa jumenta e no potrinho da jumenta!»

ZACARIAS, IX, 9.

«Aquele mesmo que era meu amigo, que tinha a minha confiança e que comia o meu pão, levanta o calcanhar contra mim.»

SALMO XL, 10.

«Eles pesaram o meu salário, trinta siclos de prata. E Yahveh me disse: Arroja ao oleiro essas

moedas, essa bela soma em que me avaliaram. E tomei as trinta moedas de prata e lancei-as na casa de Yahveh, para o oleiro.»

ZACARIAS, XI, 12.

«Levantam-se testemunhas iníquas; acusam-me de coisas que eu ignoro; tornam-me males por bens.»

SALMO XXXIV, 11.

«Ofereci as minhas costas aos que me batiam e as minhas faces aos que me arrancavam a barba. Não desviei o rosto dos que me injuriavam e cuspiam.»

ISAÍAS, I, 6.

«Deitam fel no meu alimento e para matar a minha sede dão-me vinagre.»

SALMO LXVIII, 22.

«Todos os que me vêem, escarnecem de mim. Têm a zombaria nos lábios e meneiam a cabeça. «Teve confiança em Yahveh; que o salve, que o liberte, se o ama»... Eu derramei-me como água e todos os meus ossos se desconjuntaram... Uma turba de celerados assalta-me; trespassam-me as mãos e os pés; contam-se todos os meus ossos.

E eles olham-me e consideram-me; entre si repartem as meus vestidos e lançam sortes sobre a minha túnica.» SALMO XXI, 8-19.

«*Suportou as nossas fraquezas e ele mesmo carregou com as nossas dores. E nós o consideramos como punido, ferido por Deus e humilhado; mas foi ferido por causa dos nossos pecados, despedaçado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos garante a paz caiu sobre ele e é com as suas feridas que nós somos sarados.*»

ISAÍAS, LIII, 4-5.

«*Tu não deixarás a minha alma na mansão dos mortos; não permitirás que aquele que te ama experimente a corrupção; tu me farás conhecer os caminhos da vida.*» SALMO XV, 10.

«*Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.*»

SALMO CIX, 1.

«*Dar-lhe-ei por sorte uma grande multidão de nações. Ele distribuirá os despojos dos fortes, porque entregou a sua alma à morte e foi incluído no número dos malfeitores.*» ISAÍAS, LIII, 12.

«Levanta-te, Jerusalém, recebe a luz, porque a tua luz chega e a glória de Yahveh nasce sobre ti. Vê: as trevas cobrem a terra e a escuridão dos povos; mas sobre ti Yahveh nasce, sobre ti a sua glória aparece; as nações caminham para a tua luz e os reis para o resplendor da tua aurora. Lança em volta os olhos e vê; todos se congregam e vêm a ti.» ISAÍAS, LX, 1-4.

«Eu observava a visão nocturna, e sobre as nuvens do céu vinha como que um Filho do Homem. Avançou até ao Ancião e apresentaram-no diante dele. E foi-lhe dado o poder, a glória e o reino, e todos os povos, todas as nações, todas as línguas o serviram. A sua dominação é uma dominação eterna, que não lhe será tirada, e o seu reino jamais será destruído.» DANIEL, VII, 13-14.

É certo que Jesus crucificado pensava nessas coisas. O seu grito de aflição: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» é o início de um longo salmo profético donde são tiradas várias das precedentes frases. Jesus alimenta-se dos oráculos antigos e proclama-os; comenta-os nas sinagogas; explica-os aos seus; deles fará, para os discípulos

de Emaús, um feixe completo. E assim como se prende às profecias que a sua missão realiza, por sua vez mergulha o olhar em mistérios longínquos. Os tempos que vão chegar parecem-lhe presentes; remontando no passado, encontra o futuro no seu caminho, porque circula na eternidade. O que deve fazer e sofrer estava de antemão anotado no livro eterno, e, na terra, homens o tinham afirmado por escrito; mas o que disso deve resultar não estava menos previsto, e ele vê-o como os videntes; por sua vez, profetiza.

Um artista, James Tissot, evocou este facto representando Jesus crucificado, numa espécie de êxtase; em volta, fazendo círculo e erguendo, com ambas as mãos, os seus rolos de pergaminho, vêm todos os antigos anunciadores, mesmo aqueles que, no Tabor, envolvidos na bruma da glória, tinham como que regulado com ele o acontecimento então futuro. Essas testemunhas parecem dizer: «Eis como o acontecimento coincide com a palavra; o tempo é fiel ao tempo; a Providência diz e, depois, realiza; Deus vem ao encontro de Deus».

E eis que, com um terno olhar, Jesus abrange essa pequena Sião obscura, já talvez um pouco

abandonada, e que serve de elo misterioso entre os dois mundos.

Nela reconhece as suas origens, visto que o berço da sua raça aí se estabelece e que a sua realeza espiritual encontra seu tipo no conquistador soberano dessa pequena região simbólica, no vencedor de Golias, no pai doloroso e misericordioso de Absalão, no zelador do culto de Deus e intérprete sublime das almas religiosas de todos os séculos.

Nas duas extremidades da árvore genealógica onde floresce a cruz, há David e Jesus, há a expressão e o facto, há a profecia e o sacrifício. O que o salmista feliz declara na exaltação, o Cristo sofredor realiza-o. Na visão de Booz, tudo se resume, com toda a razão, neste simples e grande contraste:

Em baixo, cantava um rei; no alto, morria um Deus (1).

---

(1) *La Légende des Siècles.* Booz endormi.

Capítulo III

A CASA DE SEU PAI

SE TODO O ISRAELITA PIEDOSO, ao contemplar Jerusalém, quase só via, por assim dizer, o Templo, deve pensar-se que Jesus, zelador verdadeiro e prosternado ante seu Pai numa constante adoração, fixava, do alto da cruz, esse ponto único, sobretudo esse ponto, com um culto fervoroso e realçado por uma profunda dor.

Encontrando-se colocado a oeste e orientado pouco mais ou menos como o Templo, via este de costas. Naquela estação do ano, ao findar do dia, a sombra da cruz, prolongando-se, cobria precisamente o edifício sagrado e o altar. Esses cálculos impressionantes são fáceis de verificar no local; não comportam qualquer fantasia, que, em semelhante matéria, seria ilícita.

Agora que está erguido o altar universal e que a realidade ali figurada nele se instala para durar toda a vida do mundo, a sombra pode prolongar-se e, pouco a pouco, alcançar os presságios. O que estava oculto nesse Templo repleto de símbolos, é-nos revelado pela cruz; a profecia obscura manifesta-se; o prelúdio extingue-se no silêncio precursor do eterno cântico, e a fortaleza religiosa de Israel, que ocupa ainda um dos pratos da balança na história divina no mundo, cede lentamente ao peso do humilde e invencível madeiro.

Poder-se-ia, portanto, pensar que esta *Cidade do Grande Rei,* transformada, para ele, em cidade da morte, e, para o universo religioso, em cidade da ruína, já só provoca, no seu coração, horror e desprezo. Alguns assim o creram; a sua ilusão opõe ao Pastor sublime, o redil no seu primitivo *habitat,* opõe o novo Testamento ao antigo que é a raiz dele, e como que opõe Deus a Deus nas pessoas de Cristo e de Yahveh. Afastemos essas ideias ilusórias.

Não há dúvida de que o Templo está condenado, a Lei está revogada, o Ocidente vai suceder ao Oriente quanto a uma grande parte do seu papel. Mas quer isso dizer que Jesus pode olvidar

ter sido esse meio prevaricante e infiel até ao deicídio, durante mais de mil anos, o *tabernáculo de Deus no meio dos homens*, o palácio da humanidade, e, pela sua marcha a caminho dos seus objectivos, um abrigo sem dúvida provisório, mas autêntico?

Ele próprio, o Filho do Homem, não deverá nada a esse lugar de culto onde entrou tantas vezes desde a mais tenra idade, onde, aos doze anos, ministrou os seus primeiros ensinamentos, onde cumpriu estrictamente a lei, desde o dia em que sua mãe o levou, dòcilmente, até à porta de Nicanor, o mandou subir os quinze degraus circulares e resgatar a sua frágil vida com duas pombas?

Quantas vezes passeou sob o *Pórtico de Salomão* que, ao longe, alinha, defronte dele, as suas colunas polidas, e cujo pavimento lajeado cintila sob a luz do meio-dia! Ensinava ali «*com autoridade*», abordando os grupos, acolhendo as perguntas ou rebatendo os argumentos dos doutores. Sentava-se, por vezes, no chão, com os ouvintes em volta, à maneira dos rabinos. Ia também prosternar-se no adro das Mulheres, próximo do gasofilácio onde se derramavam as oferendas, à passagem dos membros do sinédrio que se dirigiam para a sua sala de conselhos, por vezes

seguidos dalgum acusado, como a mulher adúltera que ele salvou.

Jesus rezava fervorosamente no sagrado recinto da sua raça. Não definia ele próprio o Templo como uma «*casa de oração*»? Não *subira* até lá por ocasião de todas as grandes festas, a fim de *oferecer os seus votos ao Todo Poderoso*, segundo a linguagem davídica? Nele via, como todos, uma imagem do céu; dava-lhe o mesmo nome, e, quando dizia *A casa de meu Pai* não era possível logo saber se se tratava da morada eterna, se do átrio do templo.

O episódio dos vendilhões expulsos, em que alguns só vêem um acto de cólera, é um efeito desta, mas de cólera amorável e originàriamente muito respeitosa. Ele que, habitualmente, ali surgia como doutor, apareceu, então, no átrio, como um juiz e como um mesrte, mas, se não amasse aquele lugar, porque se preocuparia com dar leis nesse domínio e purificar-lhe o acesso?

Que não haja sombra de hesitação no nosso espírito: Jesus ama esse Tabor de pedra onde seu Pai apareceu, nimbado de glória, ante os olhos de trinta gerações, como ele próprio sobre a montanha santa.

Aquelas pedras douradas por longos sóis, aqueles metais esverdeados pelas chuvas diluvianas e,

depois, requeimados pelo Verão esbraseante, resplandecem para Jesus, como para o feliz peregrino que vem festejar a Páscoa; o seu fulgor enternece-o e desola-o; gostaria de os velar de luto como às cruzes de Sexta-Feira Santa; consagra-lhes uma afeição triste, porque compara, em pensamento, o orgulho de hoje à miséria e à catástrofe de amanhã.

Jesus admitiu, antes de a substituir pela sua impenitência, toda a organização religiosa do seu povo. «*Sentam-se na cadeira de Moisés;* — dizia dos escribas e dos fariseus — *fazei, portanto, e observai tudo o que eles vos dizem e não façais o que eles fazem*» (Mat., XXIII, 2). E do próprio regime, dizia: «*Não julgueis que eu tenha vindo destruir a lei e os profetas; não vim destruí-los, mas sim cumpri-los*». (Mat., V, 17).

O desenvolvimento progressivo de uma instituição é alcançar o seu objectivo, embora, para tal, a si própria se ultrapasse. O judaísmo, tal como estava, não podia perdurar, uma vez que era apenas um caminho para um fim. O seu dever, depois da vinda de Cristo, era abdicar entre as mãos de Cristo, renovar-se pela sua palavra e segundo o seu espírito, entrar, assim, num caminho novo, mas sempre continuando o caminho antigo, como fazem uma larva ou uma crisálida que se metamorfoseiam.

Seria possìvelmente a morte, mas uma morte gloriosa, — morte que é sobrevivência e na qual todas as almas que nela consentem, todas as autoridades que se transformam, não podem senão participar de uma sobre-elevação insigne e não de um declínio.

Vê-se muito bem Israel a aclamar o seu Cristo, com os chefes a darem o exemplo, os seus pontífices revestindo-se do novo sacerdócio, o seu sinédrio transformando-se em concílio, todos os seus doutores passando a ser, como Paulo, mestres do Evangelho e apóstolos junto dos gentios; por consequência, o Templo, investido de uma nova consagração e de mais amplo papel, elevar-se-ia à dignidade de primeira igreja cristã, de templo no perfeito sentido da palavra. O seu *Santo dos Santos*, deserto até agora como lugar de espectativa, acolheria doravante o vivo e eterno Santo dos Santos.

Não pode duvidar-se de que tal foi o ideal de Jesus, que há tanto tempo procurava, para esse tabernáculo inconsciente, a presença real. Já se pensou que o Templo, estando Jesus presente, era, só por esse facto, um lugar consagrado? Não tinha mais que deixar-se ficar assim, fazendo suceder à presença física de Cristo, a sua presença sacramental, deixando terminar-se a série das evoluções

que desde a pedra regada de óleo por Jacob até aos altares cristãos prefaz a unidade do culto *em verdade*.

De que Jerusalém não teria, então, a cristandade gozado! Essa Jerusalém teria sido menos enternecedora, sob certos aspectos, que a nossa, mas quão mais gloriosa seria para seus filhos, quão mais honrosa para a humanidade! Não seria a Mesquita de Omar que campearia hoje na esplanada salomoniana: seriam os pórticos santos transformados em magníficas alamedas para as nossas procissões eucarísticas, seria o pilone que o altar defumava e volutas de incenso cingiriam.

É evidente que, dentro desta hipótese, a antiga Jerusalém não teria perecido. A sua queda está nìtidamente anunciada como uma sanção providencial. A «galinha» com os seus pintainhos debaixo das asas tê-los-ia defendido, e nem a águia romana nem qualquer dos abutres em procura de presa no mundo do seu triunfo, teria conseguido arrebatá-los.

Ai de nós! Semelhante, nisso, à maior parte dos poderes religiosos ou políticos, Jerusalém não se rendeu; não soube reconhecer, excepto nalguns dos seus filhos sem autoridade social, «*o que podia proporcionar-lhe a paz*», e em breve sucumbirá pela guerra.

A sua recusa a evoluir equivalia, para ela, a uma sentença de morte. E porquê? Porque o Deus que até então a habitava simbòlicamente, aí se dignara surgir em pessoa e fora expulso. Agora, aconteça o que acontecer, aquela casa de Deus não passará de uma casa deserta, aguardando a ruína. O que expulsa Deus está destinado a perecer.

*
* *

Perante esse Templo moribundo, Jesus, também a morrer, não terá tido uma dessas demoradas divagações mentais pelo passado, que, em regra, acompanham uma agonia? Que longa história vai ter fim quando findar esse Templo famoso, que, sob três formas sucessivas, soube renascer! Templo de Salomão já sonhado por David, Templo de Zorobabel depois do cativeiro, Templo de Herodes, o Grande, no momento em que o escravizado povo de Roma vai ser escravo de todos, — é como que a imagem de Israel em todos os seus estados: o da glória e o da miséria, o da fidelidade e o do crime.

A antiga Jebus, ao tornar-se cidade de David, vira imediatamente modificar-se o regime religioso de Israel, até então pouco sedentário. Yahveh contentava-se, outrora, com um santuário portátil, a Tenda sagrada ou *Tabernáculo*, que também designavam por *Tenda de Reunião* (de Yahveh com o seu povo) ou *Tenda do Testemunho*, por causa das tábuas da lei que nela repousavam.

Mas agora que Israel se estabeleceu sòlidamente na sua capital, agora que o rei é o primeiro a ter uma casa de cedro, não faria sentido que Yahveh permanecesse como nómada, em Jerusalém. A antiga Tenda, enraizada na montanha e adquirindo estabilidade, fixará o povo ao fixar-se a si própria.

David descobre então o *alto lugar* onde se erguerá o novo santuário; compra a eira de Ornan, o Jebuseu, e aí erige imediatamente um altar.

Esta primitiva instalação já representa um progresso em relação aos antigos santuários semitas. O antigo semita contentava-se com um Haram ou recinto sagrado, propriedade do deus cuidadosamente delimitada, a maior parte das vezes cercada por uma muralha baixa ou por uma sebe. Aí erguia, sem outro dispositivo, a sua pedra sagrada, e, sem dúvida, o lugar escolhido era sempre assinalado por qualquer particularidade natural—emi-

nência, fonte, árvore digna de nota, etc. — mas a instalação não revestia qualquer carácter arquitectónico. O altar é uma etapa a caminho do edifício.

No momento em que David prepara a eira de Ornan, o Tabernáculo e o altar dos holocaustos ocupam Gabaon, a arca de aliança está em Jerusalém, na sua tenda provisória. Só em 1013 antes de Jesus Cristo, durante o reinado de Salomão, se iniciam, conforme o que dissera o profeta Natan, os trabalhos do primeiro Templo.

Salomão não tinha qualquer possibilidade de edificar, por si só, um monumento sumptuoso. Possuia ouro, gado, colheitas e orgulho; não tinha nem materiais apropriados nem operários hábeis nem a menor noção de arte. Recorreu aos tírios, que dispunham de tudo quanto era necessário e, nas suas concepções arquitectónicas e decorativas, combinavam a arte do Egipto com a da Assíria.

Em sete anos (1006-1013), a casa de Yahveh ficou pronta. Compunha-se essencialmente, como todos os templos egípcios, de um *Vestíbulo* ou pilone, de um primeiro recinto sagrado, o *Santo*, e de um reduto ainda mais sagrado, inacessível, excepto uma vez por ano e sòmente para o magno sacerdote: o *Santo dos Santos*. Um certo número de câmaras acessórias destinavam-se aos serviços

do culto, e, a toda a volta, a uma certa distância, devia campear um conjunto de pórticos hipostilos que só foram acabados muito mais tarde.

Sob o Haram salomoniano, tinham-se cavado cisternas para serem utilizadas pelo pessoal e por ocasião dos sacrifícios; para as abluções, havia um grande tanque de bronze chamado *Mar de bronze,* imitando as piscinas de Suza; finalmente, o soberano instalara-se, assim como a rainha, ao lado do seu Deus.

A obra, tal como assim foi realizada por Salomão, era grandiosa, embora tivesse de ser, um dia, ultrapassada. Há que notar nada ter de arbitrário a sua geometria, a qual se harmonizava com a simbólica dos números, que, no Egipto, se juntava à simbólica das formas e das palavras. As dimensões adoptadas para as diversas partes eram como elementos de problemas aritméticos cujo conjunto representava a solução.

O corte transversal do edifício baseava-se no triângulo equilátero e o seu corte longitudinal no triângulo rectângulo «perfeito», o mais belo de todos no dizer de Platão, aquele cujos três lados são representados pelos números 3, 4 e 5.

Quanto à decoração, era feita de silhares es-

culpidos com aplicações de lâminas de ouro, segundo o uso babilónico, de revestimentos de cedro e de cipreste espalhados por toda a parte, até mesmo sobre as lajes do chão, por tecidos preciosos e por mobiliário sagrado, quase todo de ouro: mesas para as oferendas, candelabros e querubins com as asas estendidas, feitos de talha dourada, etc.

Este edifício durou, sem alterações de qualquer espécie, um pouco mais de quatro séculos. O israelita tinha nele um orgulho mais alto do que podemos suspeitar; via-o como «*a alegria de toda a terra*», e, ao orgulho nacional vinha juntar-se, na gente mais piedosa, a doçura de ver o seu Deus assim glorificado. Era vulgar confundirem, de bom grado, o seu amor ao Templo com a sua aspiração ao próprio Deus: «*Que as tuas moradas sejam amáveis, ó Yahveh; a minha alma esgota-se suspirando pelos átrios de Yahveh; o meu coração e a minha carne estremecem a caminho do Deus vivo*». (Salmo LXXXIII, 2).

Em 588 antes da nossa era, Nabucodonosor, rei da Caldeia, veio, porém, destruir e profanar esta maravilha, cujas ruínas puderam ser erguidas, cinquenta e dois anos mais tarde, por Zorobabel,

graças à libertação de Jerusalém por Ciro. A reconstrução, em menores proporções, embora sobre os primitivos alicerces, exigiu vinte anos (536-516) e as muralhas só puderam ser reerguidas por Neemias, em 445.

O destino do Templo em nada se modificara quando Pompeu tomou Jerusalém, e Herodes, vindo após ele, aí se instalou. O sanguinário usurpador tinha tanta necessidade de perdão que procurava, por todas as maneiras, atrair as simpatias do povo judeu e principalmente da casta sacerdotal. Amontoou, durante três anos, os materiais necessários; aprovou um projecto em que as antigas disposições e, por consequência, o próprio estilo, eram respeitados, mas em que predominava, no conjunto, a técnica greco-romana.

Quando tudo ficou preparado, Herodes meteu mãos à obra. Na construção empregaram-se dez mil operários, sob a direcção de mil sacerdotes, os únicos a quem era permitido trabalhar no *Santo* e no *Santo dos Santos*. Decorridos dezoito meses, o *Naos* estava terminado e foi consagrado; nos oito anos seguintes, trabalhou-se nos átrios e nos pórticos; os trabalhos acessórios prolongaram-se até ao tempo de Agripa, no ano 64 depois de Jesus Cristo, isto é, até ao limiar da ruína completa.

O Templo herodiano, no seu conjunto, corresponde a uma concepção arquitectural grandiosa: recintos concêntricos com diferentes pavimentos, muralhas escalonadas estilizando a montanha, e um pilone ponteagudo que lembra um másculo rochedo.

O efeito, admirado de longe e sob uma luz magnífica, é prodigioso. O mármore branco das paredes, ornado de prata e de ouro, parece «neve cintilante». Ao erguer do sol, o espectáculo, admirado do Monte das Oliveiras, provoca deslumbramento: os telhados dourados, as portas, os ornatos, a vinha de ouro que serpenteia ao longo do pilone, flambejam; o orgulho abrasa o coração do peregrino israelita, que, sem dúvida, murmura o versículo do salmo: «*De Sião, beleza perfeita, Deus resplandece*». (Salmo XLIX, 2).

Aquela mole reveste-se de vida, que lhe aumenta a força expressiva, quando multidões vêm subindo, de todos os lados, por ocasião das festas, engolfando-se nas portas e invadindo os átrios, — quando os sacerdotes oficiam e circulam, os doutores, em grupos, discutem entre os seus discípulos ocasionais ou habituais, o sinédrio delibera, e, sob os pórticos, bois, ovelhas, cabras, cordeiros aparecem, guiados por gente que os vem trazer aos sacrificadores, — quando os leprosos vêm fazer-se

purificar, e maridos inquietos vêm submeter as esposas à prova *da água de amargura*, — quando os cambistas, os vendilhões de pombas e de bolos fazem as suas animadas transacções.

O crepitar das fogueiras, as vozes dos animais e dos homens, o ruído dos passos e o som das trombetas sagradas, cruzam todos os recintos e todas as dependências do Templo, que é como uma pira de mármore, de carne viva e de sons. Tudo ascende e o verdadeiro alicerce do Templo já não é o Haram ou o Moriah onde assentaram as suas primeiras pedras, já nem mesmo é Jerusalém ou até a Palestina: é todo o mundo judeu, próximo ou disperso, que ali, naquele santuário, encontra o seu cume espiritual, a sua acrópole simultâneamente religiosa, civil, política, económica e intelectual.

Ageu dissera do segundo Templo: «*A glória desta casa será maior que a primeira*». Herodes acreditou que, por si só, realizara essa parte do augúrio. O profeta acrescentara: «*E é neste lugar que eu darei a paz*». Quanto a isto, Jesus é que se encarrega de justificar o oráculo, e a sua dor compra a nossa paz.

*

* *

Não nos cansemos de aprofundar os sentimentos que podem animar o Senhor a sofrer perante o conjunto monumental e místico oferecido à sua suprema contemplação.

Jesus afasta-se desse Templo onde o fumo do incenso adorador ainda se eleva, onde ressoam os salmos, onde ritos outrora plenos de uma vida misteriosa colhida na sua própria vida, acabam de morrer. Jesus abandona o Templo, que se enriqueceu e é poderoso colector de todos os recursos nacionais, mas decaiu do seu antigo esplendor de prece e se tornou um palácio ostentoso, uma fachada de hipocrisia; a sua brancura marmórea é uma dessas pinturas superficiais que se prodigalizam aos túmulos e que escondem ossos impuros. Os fariseus fazem dele um campo de discussão, de surdas rivalidades, de manhosas competições, enquanto outros o transformam em lugar de tráficância e de rapina, numa «caverna de ladrões».

Além disso, considerado como o vestíbulo do verdadeiro templo — tal como os tempos em que florescia eram o vestíbulo dos séculos cristãos — a sua resistência condena-o.

Já há muito o veredicto foi eventualmente pro-

nunciado; Israel foi advertido. Quantas vezes os profetas não repetiram já o que um deles disse com feroz energia e recorrendo a sugestiva imagem: «*Eu quebrarei esta cidade* — disse Jeremias — *como se quebra uma bilha de barro que já não tem concerto*», e, ao dizer isto, quebra com violência, na presença dos anciãos e dos sacerdotes, uma bilha que trouxera.

No último dia das profecias e na aurora das realizações, João Baptista, por sua vez, veio dizer: «*O machado está na raiz da árvore*».

Faltava que o próprio Jesus advertisse, uma última vez, os prevaricantes e prevenisse os seus discípulos, antes do abalo supremo. Fê-lo com uma solenidade que deve dar ao seu olhar de hoje algo da sua triste grandeza, mas também, julgo eu, um pouco da sua doçura... Pode alguém irritar-se, pode alguém mostrar-se duro perante um condenado?

Lembra-se o episódio recente. Num daqueles dias de fatigante discussão que ele ia terminar na paz de Betânia, Jesus, ao sair do Templo, é interpelado por um dos Doze, que, de repente, presa de ingénua admiração, diz, apontando o colossal monumento: «*Mestre, vede que pedras e que constru-*

ções!» Jesus responde: «*Tu vês todas essas coisas: delas não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada*». (Marc., XIII, 1).

Um silêncio fulminante pareceu seguir-se a tais palavras. Os Doze estão estupefactos. O grupo desce para o vale do Cédron e, em seguida, sobe a encosta das Oliveiras, sem proferir palavra. Chegado ao cimo, Jesus detém-se; volta-se, manda sentar os seus, e, aí, em face da mole de pedra aparentemente eterna, afastando o véu de glória que o poente lança sobre Jerusalém como promessa enganadora, e a auréola que oferece ao Templo, a destacar-se no horizonte luminoso, pronuncia o discurso final: «*Tomai cuidado de que não vos seduzam...*». (Marc., XIII, 15).

Esse discurso é circunstanciado; nele se vêem os indícios da aproximação do drama, as peripécias deste e a sua conclusão. Os sinais, os factos, as consequências, nada lá falta, e o conteúdo da profecia é tão temível que pode servir de símbolo e dar ensejo à descrição, por Jesus, de um cataclismo mais amplo e ainda mais decisivo, — o do fim dos tempos.

Quando este último acontecimento terá lugar, isso ninguém o sabe, «*nem mesmo o Filho do Homem*». (Mat., XXIV, 36); mas a queda de Jerusalém e do Templo não tardará: «*Não passará esta*

geração sem que todas estas coisas aconteçam». (Mat., XXIV, 34). Dali a menos de quarenta anos, a espada nua que David viu nas mãos do anjo, na eira de Ornan, no momento em que sonhava aplacar a cólera de Yahveh construindo-lhe um templo, vai trabalhar e ameaçar, com seus terríveis golpes, tudo o que, na cidade rebelde, tem vida e forma. Mãos judias a ajudarão. Os primeiros ataques terão lugar por ocasião da guerra civil entre Eleázaro, João de Giscala e os Idumeus de Simão. Os romanos só depois sobrevirão, mas, nesse monte, tudo, então, será minado; o fogo e a picareta conseguirão vencer os alicerces inabaláveis, e quando Julião, o Apóstata, tentará reerguê-los, o seu esforço só conseguirá realizar mais literalmente o que Jesus dissera: «*De tudo isto não ficará pedra sobre pedra*».

Oh! com quanta melancolia Jesus deve deter o seu último olhar sobre aquele espaço animado e florescente, aquela cidade buliçosa, aqueles pórticos e torres de tão nobre majestade! Vê o dia em que o deserto invadirá a esplanada, a planície e as duas altas colinas sobre que se desdobra a cidade, — em que tudo o que brilha agora mais não será que um imenso abandono ainda visível, — em que tudo quanto resta de Sião, lá ao longe, por detrás da basílica orgulhosa, dará a impres-

são de uma cidade revolvida, cujo solo emerge e cuja vida se enterra. Nada mais do que grutas e covas de sepulcros, e silêncio, e cinzas, e aquele apagar de vestígios que é a morte das ruínas.

«Eu olhei a terra: estava vazia; os céus: estavam sem luz. Olhei os montes e vi-os tremer, e todos os outeiros estremeciam. Eu olhei: já não havia homens e toda a ave do céu fugira. Eu olhei: o campo, um deserto! todas as cidades destruídas por Yahveh, ao sopro da sua ardente cólera!» (Jer., IV, 23-26).

Acontecerá a Jerusalém o mesmo que a Hai, no tempo de Josué, reduzida a um *eterno sepulcro*. O vale que se cava sob o Templo será, cada vez mais, *«a grande região da morte»*. (Jer., XXXI, 40). O próprio Templo mais não será que um grande túmulo sitiado por outros túmulos que irão alargando seus círculos até cobrir, depois de os ter escalado, os outeiros vizinhos. Revessa de túmulos, vagas de morte, tempestade de cinza...

Todo o ruído dos átrios se calará; todo esse tumultuoso movimento mais não será que paz podre; a erva indisciplinada brotará entre lajes gastas, no lugar do *Santo dos Santos*. Sobranceiro à rocha onde campeia o altar dos holocaustos, um zimbório muçulmano virá um dia pousar-se

como uma altiva proibição: é proibido a Israel adorar ali, onde atraiçoou!

Israel ver-se-á reduzido a vir chorar e salmear, roçando-se nuns restos da muralha exterior; o «muro das lamentações» será a sua consolação e o estrangeiro rirá ao contemplar esse abastardado resto de Sião, outrora a santa Sião!

Entretanto, o Crucificado, que hoje contempla com olhos injectados de sangue, que todo estremece, que, por vezes, parece ceder à dor e deixar a noite invadir-lhe a alma, e, logo em seguida, de novo olha ardentemente, — esse supliciado terá ido sempre crescendo. A Árvore plantada no humilde outeiro terá mergulhado as raízes no coração da terra; os seus ramos invadirão o céu, e uma grandeza espiritual benéfica para todo o universo virá ocupar o lugar arrebatado às grandezas passageiras e prevaricantes, às culposas grandezas carnais.

Jesus é a pedra angular de um Templo novo, *que não é feito por mão de homem.* «*A pedra que os construtores rejeitaram vai tornar-se pedra fundamental do ângulo*». (Actos, IV, 11), e «*ninguém pode doravante pôr outro alicerce senão aquele que foi posto, que é Jesus Cristo*». (I Cor., III, 11).

Capítulo IV

O CENÁCULO

«*JESUS, SABENDO QUE A SUA HORA de passar deste mundo a seu Pai, era vinda para ele que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim*». (João, XIII, 1). Este enternecedor e sublime prelúdio é o que convém sempre que se fala das cenas de Quinta-Feira Santa e das que a coincidência de lugar com elas relaciona.

Este «fim» do amor teve por teatro o que chamamos o *Cenáculo*, isto é, uma alta sala do monte Sião, situada, em relação à cruz, absolutamente a sul, à extrema direita de Jesus, a uma distância de 790 metros.

No seu primeiro alvorecer, a tradição cristã

atribui aos discípulos a posse da casa onde tiveram lugar a instituição eucarística e o Pentecostes.

Houve, a bem dizer, quem tivesse dúvidas sobre se os dois acontecimentos se desenrolaram no mesmo cenário. A dúvida era legítima, porquanto a narrativa evangélica não é nada explícita. Mas não bastará que tal narrativa permita a identificação para que invencivelmente sejamos inclinados a crer que foi assim?

A Páscoa é celebrada por Jesus e pelos seus numa casa onde estão como na sua. Convidados perpétuos, podem nela aparecer a qualquer hora e com segurança. Não devem ter muitas casas dessa espécie em Jerusalém. Aquele que não tem onde *repousar a cabeça* não corre de morada para morada. Para mais, uma vez testemunha das supremas efusões e da mais misteriosa instituição que tem visto o mundo, essa casa deve exercer um singular poder de atracção.

Não se vê bem Jesus a dispersar de propósito, com risco de as enfraquecer, manifestações cuja viva impressão tinha empenho em deixar. Ser aqui a refeição de adeus e ali a do reconhecimento póstumo; aqui, a promessa do Espírito, e ali, a sua chegada, quando se está, como em casa própria, na primeira morada e se deixou esta impregnar-se de tão poderosos eflúvios... Não faz sentido.

Deverei ainda argumentar com uma consideração de euritmia religiosa? O lugar da instituição eucarística deve ser o mesmo da descida do Espírito, porque, no fundo, é a mesma coisa. Há dois sacramentos, mas um só efeito: respira-se, por duas vezes, a mesma atmosfera. A carne e o sangue de Cristo só vivificam dando-nos o Seu Espírito *(a carne não serve de nada)* e o Espírito vivifica os que se encorporam em Jesus conforme ele quis, na unidade mística que é o fruto da sua Páscoa.

Se nos colocarmos num ponto de vista colectivo, uma conformidade do mesmo género foi posta em relevo pela *Didascália dos Apóstolos*. «Assim como — diz ela — nessa alta câmara tinha começado o mistério do corpo e do sangue de Nosso Senhor para reinar no mundo, assim a doutrina da sua prédica começou nesse lugar a dominar no mundo».

*

* *

Eis, portanto, ali, à longínqua direita do patíbulo, esse cume espiritual a cujos pés o mundo vai dispor-se como as tendas de Israel sob o céu, no tempo do maná. O Cenáculo é, na verdade, para

Jesus, a Betlém da sua obra, que se segue à do nascimento; é a segunda «*Casa do pão*».

Aí foi posta ontem à noite, a mesa universal; daí partirá, dentro de poucos dias, a influência do Espírito que tudo faz mover. O prodígio secreto de Quinta-Feira Santa terá sido o incentivo de prodígios visíveis, mas quem sabe se o segredo não continuará sendo a sua mais eficaz virtude? Não é por intermédio do coração humano que tudo vem de Deus?

Enquanto sofre, Jesus não tem que inquietar-se pela sorte da sua Igreja; tudo foi disposto lá no alto; tudo aí se dispõe ainda; o pão do futuro está pronto; línguas de chamas minam obscuramente sob as abóbadas; o vento retém-se para não soprar; pés animosamente se preparam para correr o mundo, — corações para o abrasar. Quantas forças poderosas, em volta da cruz!

Se alguma coisa é flagrante na Paixão, é a interferência de duas correntes de acontecimentos, das quais uma acciona o presente e o impele para o lúgubre desenlace, ao passo que a outra prepara o futuro e espalha no universo espiritual, sementes de vida perpétua.

Enquanto no átrio de Caifás e no Sinédrio se interrogam acerca da maneira de matar Cristo, a dois passos daí, Cristo encontra a maneira de viver

sempre. Dispõe livremente de si próprio, quando já, aparentemente, caiu na armadilha de Judas. Dirige não só o seu sacrifício e a comemoração que dele se fará, como a parte que dele será tomada por cada fiel durante todos os tempos.

Há ali como que dois conselhos independentes, mas, na verdade, um domina o outro e esse um não é o de Caifás; há dois planos, e o plano de Deus não é importunado pelo plano dos homens, que aceita como instrumento; os homens servem-no e é por isso que, diz São Leão, Jesus não afasta Judas do Cenáculo; coloca tudo diante dele e deixa-o organizar a sua própria malfeitoria. Que dia aquele, quanto à transcendência da acção divina e aos desígnios da Providência!

Há quem tenha perguntado a si próprio por que motivo Jesus, em demanda de local para comer a Páscoa, não procedeu a essa cerimónia em casa de Lázaro, onde, nesses dias, estava instalado. Mas a Páscoa devia comer-se na cidade. Dos confins do mundo judeu acorria-se, para esse fim, a Jerusalém. Conviria que Jesus e os seus parecessem recusar um módico esforço para se conformar com os antigos usos?

Além disso, Jesus meditava uma suprema lição, o seu testamento: não parecia oportuna a intervenção de estranhos, embora tão íntimos como

eram Madalena, Marta e Lázaro. Se, um dia, no decurso da sua prédica, a quem lhe falava da sua mãe e de seus irmãos, ele dissera, mostrando os seus discípulos: «*Eis a minha mãe e os meus irmãos*», esse sentimento de família espiritual era, dessa vez, bem mais premente. O estabelecimento do sacrifício e do novo sacerdócio, a intimação do novo preceito, a promessa de confirmação da Igreja pela vinda do Espírito, as efusões supremas, tudo exigia intimidade rigorosa, por assim dizer oficial, embora simultâneamente terna. Ali, só admite os que associou à sua obra, os seus amigos no sentido ritual, os pregadores e os bispos de amanhã.

Jesus envia, pois, dois dos seus, do monte das Oliveiras, onde então está, à cidade, onde encontrarão um homem transportando uma bilha cheia de água. Esse homem reconhecê-los-á, talvez; em qualquer caso, segui-lo-ão, e ao proprietário da casa onde se dirigir, falarão nestes termos: «*O Mestre disse: Onde está a minha sala, aquela em que devo comer a páscoa com os meus discípulos?*»

O compartimento assim requisitado (καταλυμα) é a sala de recepção reservada, em cada casa um tanto importante, aos hóspedes, o *divan* em que os

viajantes e as visitas são admitidos. Na frase seguinte, Jesus chama-lhe uma *câmara alta* (αναγαιον); a propósito das aparições de Jesus ressuscitado designá-lo-ão por outro substantivo grego, mas que tem o mesmo sentido (δπερωομ.). Trata-se sempre da parte alta de uma casa, que serve à família nas grandes circunstâncias, mas que é especialmente reservada aos hóspedes. É o quarto de honra. Tem, muitas vezes, acesso pelo exterior, para evitar os serviços do rés-do-chão e os quartos íntimos. Precede-a, por vezes, um terraço, sobre o qual abrem amplas portas ou janelas, a menos que estas não dêem para um pátio interior sem tecto.

A câmara alta da páscoa evangélica era particularmente grande (μεγα), o que nos confirma a sua identificação com a do Pentecostes, na qual Pedro poderá arengar a cento e vinte pessoas. Estava mobilada e absolutamente preparada (ετοιμον εστρωμενον), isto é, provida de tapetes, de almofadas e de mesas.

Quando Jesus dita, com tanta precisão, o seu apelo aos dois discípulos, sabe qual será a resposta; contou com uma reconhecida boa vontade, e, aliás, é de regra, em Jerusalém, considerar-se comum todo o compartimento que não está ocupado ou não está para alugar; o primeiro que chega pode, sem indiscreção, pedir, aí, alojamento. Compete,

bem entendido, ao ocupante, arranjar as provisões necessárias, e é o que Jesus deseja fazer, sem dúvida por delicadeza, e também, provàvelmente, para que nenhuma intervenção estranha possa perturbar a completa intimidade que espera.

O judeu antigo devia comer a páscoa de pé, com os rins cingidos, empunhando um bastão, calçado de sandálias, e apressadamente, para melhor marcar a lembrança da saída do Egipto. Mas na época de Cristo já não era assim: os rabinos prescreviam a posição vulgar, e é estendendo-se como os senhores, que manifestam a sua liberdade. Os escravos, a quem tal posição é geralmente proibida, podem assim estar, nesse dia, em sinal da liberdade de Israel.

Comem, portanto, o cordeiro, deitados em colchões ou em tapetes estendidos no chão, com o cotovelo esquerdo sobre uma almofada, o braço direito livre, os alimentos dispostos numa mesa baixa, de tal maneira que cada qual possa fàcilmente servir-se. Efectivamente, não se fazem circular os pratos; cada qual tira ou molha o seu pão à vontade. «Aquele que mete a mão comigo no prato...» dirá, dentro em pouco, Jesus. Seria fácil supor que os leitos e as mesas eram altos,

como no triclínio, mas não eram, porque não se usavam, em geral, no Oriente.

*

* *

Parece bem que a intenção em que estava Jesus de, nesse dia, instituir um novo rito, não o dispensava, em seu pensamento, de cumprir a páscoa judia. Foi dela que os discípulos falaram e ele não os contradisse; com ela se relacionam os preparativos, que são muito especiais; ele próprio, Jesus, a mencionou, no discurso que ditou para o anfitrião. Não procura, portanto, fugir-lhe e, ainda menos, dela fazer um simulacro; orienta-a sòmente para o futuro, associando-lhe os seus próprios desígnios. O conjunto da cerimónia que medita é como a porta de Efraim: tem duas saídas cujas direcções se cruzam; o fiel entra, por ela, judeu, e dela sai já cristão.

Eis Jesus estendido no lugar de honra, como convém ao Rabi. Os Doze — sem exceptuar Judas — estão junto dele, em volta da mesa. João está encostado a ele, à sua direita — é, entre os judeus,

o segundo lugar de honra, depois do que pertence ao chefe do grupo — e em situação de por meio de um simples movimento, repousar a cabeça sobre o peito sagrado. Pedro está ao lado de João, com quem poderá falar em segredo; Judas não está longe do seu Mestre, a quem arrancará uma advertência igualmente só por ele ouvida. Ocupará a esquerda, isto é, o primeiro lugar entre os discípulos?...

Jesus fala e esta é a sua primeira frase: «*Eu desejei com grande desejo comer convosco esta páscoa, antes de sofrer*». (Luc., XXIII, 15). Um suspiro de amor é o que se exala do coração de Jesus, quando se instala para esse banquete donde espera tão grandes coisas! Assim ressoa a harpa que se pôs em repouso. O coração do Mestre está cheio de vibrações; é um coração melodioso e qualquer choque provocado por um novo acontecimento, nele faz ressoar a eterna ternura.

A habitual gravidade dos seus discursos nem sempre permitia a Jesus abandonar-se assim. A obra era demasiado urgente. Excesso de enternecimento teria amolecido os corações. Jesus sentia mesmo, por vezes, a necessidade de reagir, com uma espécie de violência, contra a natural tendência afectiva; daí, certas frases que nos chocam: «*Mulher, que há entre mim e ti?*» «*Quem são mi-*

nha mãe e os meus irmãos?» «Deixa os mortos enterrarem os seus mortos». «Retira-te, Satanás, tu indignas-me». Mas esta divina rudeza mais não é do que sinal de uma alta dedicação, e, apenas o seu papel o permite, a ternura ressurge.

Agora, ele vai morrer, e a iminência do seu fim, a vizinhança da separação chamam as expansões isentas de reserva; tem necessidade de se exprimir em toda a sua inteireza, e a afluência de pensamentos, a vaga de sentimentos ternos que lhe transbordam da alma, procuram uma saída.

«Eu desejei com um grande desejo comer convosco esta páscoa». Para ele é a última páscoa; para o seu povo, também é a última páscoa legítima. Amanhã, o judaísmo será uma heresia; hoje, ainda é uma revelação.

Última páscoa, páscoa vizinha do Reino dos céus, o do tempo que hoje se inicia, o da eternidade em que Cristo avança, Jesus desejou-te ardentemente! Dela fez uma felicidade; esta noite e aquele dia de amanhã em que todos os ofícios são tristes, vão, no entanto, abrir-se para uma missa de alegria.

Oh! que alegria tão complexa! Que caos de sentimentos, que só uma infinita força de vontade pode associar e conciliar numa harmonia soberana! Ao passo que o predominante, em São Lucas,

parece ser o desejo plenamente satisfeito, os três restantes evangelistas colocam no primeiro plano uma impressão de tristeza. A traição está ali; a sombra da cruz entra pelas arcadas... Como pode alguém regozijar-se? E como, no entanto, não nos regozijarmos no momento em que o amor dá tudo!

Jesus sente-se já morto e vai estabelecer a comemoração da sua partida: «*Eu já não estou no mundo*», dirá ele (João, XVII, 11); Jesus já se sente vivendo da sua perpétua vida, cujos frutos distribui à turba. Enquanto treme, no tecto da câmara alta, a lâmpada da sua última vigília, o seu coração estremece ante o que vai pronunciar e o que vai fazer. Ele está transbordante de uma mortal alegria.

A Páscoa podia começar após o aparecimento das três primeiras estrelas; muitas vezes, começava um pouco mais tarde. Seja como for, é já bem de noite, com o que nada perdem as expansões. Teve de escolher-se um cordeiro de um ano, sem mácula, mandá-lo imolar no Templo, sobre o altar, e o preparo, a cozedura, tiveram de realizar-se conforme os ritos severos de que o Michna guardou o vestígio.

No momento da manducação, o pai de família

devia explicar solenemente, cedendo ao pedido da criança mais nova, o significado simbólico do que se comia: o cordeiro recordava o resgate de Israel e a sua salvação, no momento em que o anjo passeava por toda a parte a morte, introduzindo-a nas casas; a mistura de frutos cozidos, com o seu molho arruivado, simulava o almofariz de Pithom e de Ramessés, no tempo dos trabalhos forçados do Egipto; as ervas amargas evocavam esses velhos sofrimentos, e os ázimos ou pães sem fermento, a pressa como deles se fugira.

Jesus pode adaptar este ensinamento a novas orientações. Ele sabe qual é o Cordeiro da verdadeira páscoa, de que escravidão e de que amarguras ele deve libertar-nos, em que consiste essa rápida viagem dos novos israelitas: passagem do mal para o bem, da escravidão espiritual para a liberdade filial, do reino de Satanás para o reino de Deus na terra e da terra para o céu. Todas as arengas dessa noite estão disso bem cheias.

Após a explicação do rito, cantava-se uma parte do *Hallel*, ou *Louvor*, que se compunha de uma sequência dos salmos CXII-CXVII, os mais confrangedores a respeito do Messias e dos seus sofrimentos, os mais significativos quanto ao papel redentor e às suas prefigurações na história judia. E a taça circulava quatro vezes; os alimentos eram

ingeridos nos intervalos, segundo os ritos que variavam de Hillel a Schammaí, e a última parte do Hallel, precedendo a quarta taça, era um cântico de acção de graças e de triunfo em Yahveh.

Tudo isto foi, indubitàvelmente, observado com fidelidade, mas o objectivo da reunião suprema era, no fundo, completamente diferente. As narrativas evangélicas impelem a páscoa judia para a sua conclusão com uma espécie de violência; apenas São Lucas distingue as duas etapas com precisão; os outros só falam da páscoa judia a propósito dos seus preparativos; ao chegarem ao facto pròpriamente dito, repelem-no, até certo ponto, para se dirigirem directamente ao que perdura, afastando o que é passageiro.

Jesus, que em dois emissários delegou o cuidado de preparar a refeição judaica, vai, agora, proceder aos seus próprios preparativos, e não se trata já de local, de mesa, de almofadas e de alimentos, mas de algo absolutamente íntimo. Jesus prepara os corações. Querendo deixar um grande exemplo do que sempre apresentou como o essencial do seu ensinamento, e de antemão comentar o seu banquete espiritual no sentido da unidade que veio estabelecer, levanta-se da mesa, depõe o seu manto, cinge os rins com uma toalha, pega no gomil das purificações e na respectiva bacia, e,

apresentando-se ante cada um daqueles que ali se estendem, põe os dois joelhos em terra e começa a lavar-lhes os pés.

Que espanto empolga, então, os Doze e o universo, perante tal espectáculo! São João descreve a cena em termos solenes que a oposição de Simão Pedro comenta à sua maneira: «*O quê?! Vós, Senhor, lavais-me os pés!... Não, nunca!*» diz o ardente apóstolo. Mas Jesus, «*que sabia ter seu Pai entregue todas as coisas entre as suas mãos, e que ele saíra de Deus e se ia para Deus*», não se deixa afastar da sua tarefa. (João, XIII, 6-8). Uma tal pompa narrativa assinala o carácter religioso e, dalgum modo, eterno, deste acto.

Convinha misturar o símbolo do amor com o da pureza, a fim de que se soubesse que onde há amor verdadeiro, há também a assembleia dos santos.

O próprio Jesus não tem de purificar-se, mas humilha-se e ama; dá o exemplo de tudo; afirma, pelo facto, que o inimigo do amor é o orgulho e que o inimigo de qualquer bem é a recusa do amor. Humildade e caridade são a base e o coroamento do edifício espiritual que medita, quer em cada indivíduo, quer na humanidade. Por isso, a cruz que esse edifício ostenta é tão infame como dolorosa, e tornar-se-á, uma vez concluída a obra, tão

gloriosa como agente de união e fonte de beatitude. Tudo está nela; tudo está na cruz, porque tudo está na humildade e no amor. O lava-pés é a prevenção de que é assim mesmo.

Os pobres pés com que tocamos na terra bem necessitam de ser purificados! Mesmo quando a cabeça pensante, o coração amante, as mãos afadigadas só perseguem designios puros, a lama dos caminhos macula os pés que se arrastam, e, em qualquer caso, o pó cobre-os. É preciso o gomil e o contacto do Senhor, é precisa a submissão à graça purificadora, para tomar parte, na companhia de Pedro recalcitrante e convertido, no que Jesus dá: «*Se eu te não lavar, não terás parte comigo*». (João, XIII, 8).

No momento seguinte, Jesus explica que o lava-pés tem ainda outro sentido. Fala dos seus emissários e da identidade por ele estabelecida entre a sua pessoa e eles como entre ele e seu Pai. Jesus lava os pés dos Doze com o fim de os preparar para correr mundo. A pureza e a humildade são condição do amor; o amor anima o apostolado; o mundo será convencido dessa ordem e penetrado dessa múltipla força.

Dir-se-ia que o Emissário por excelência, de joelhos diante deles, admira já esses outros emissários, esses *anjos da Aliança*, que vai, em breve,

dispersar, e que, com tanta generosidade e proveito, meterão mãos à obra: «*Ah! como são belos, sobre os montes, os pés daquele que anuncia a boa nova, que proclama a paz, que anuncia a felicidade!*» (Isaías, LII, 7). O profeta visava sobretudo Cristo, mas ele, Cristo, comunica aquilo que recebeu, e ei-lo, ele próprio, em atitude de humilhação ante o dom do céu.

Retomando o seu manto e instalando-se de novo à mesa, Jesus explica, agora, o acto assim realizado; o ensinamento concentra-se e exalta-se. Durante toda aquela vigília, vão multiplicar-se as efusões, e também as advertências, e, ainda, quando se oferece oportunidade, afectuosas censuras. Jesus derrama todo o seu coração. Sente esse coração de tal modo cheio que mesmo lá fora, na encosta que desce de Sião ao Cédron e sobe para Getsemani, não poderá aligeirar-se por palavras. Será um testamento espiritual completo; será, sobretudo, amor, «uma inundação de amor», diz Santo Anselmo, e será, ao mesmo tempo, uma torrente de sublimidade.

Releia-se esse discurso em São João e seja saboreada, mais uma vez, a sua plenitude. Jesus conforta os Onze na véspera das tribulações cujo sinal de começar, tanto para eles como para ele próprio, é a saída de Judas; adverte-os da própria fraqueza

e consola-os; prediz-lhes o abandono a que vão votá-lo e deste tira apenas a seguinte e maternal conclusão: «*Que o vosso coração não se perturbe; vós credes em Deus, crede também em mim*». Fala-lhes das moradas que existem na casa de seu Pai, para que eles para lá se dirijam; vai *preparar-lhes o lugar*, e, *para eles, é bom que ele se vá*, para que o Espírito que ilumina, que guia e que consola desça sobre eles. *Não os deixará órfãos;* sabem já que, sob uma dupla forma misteriosa, ele virá. *Lega-lhes a sua paz, dá-lha,* mas não como o mundo, que só tem falsas pazes; e, para que essa paz esteja em todos, renova-lhes o mandamento do amor mútuo, do qual faz o sinal do amor que se terá por ele e da respectiva e precisa medida.

«*Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; que, como eu vos amei, assim vós vos ameis uns aos outros. É por isso que todos vos reconhecerão como meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros*». Insistência, insistência confrangedora, num momento em que o sinal de amor dado por Jesus se precisa nesta palavra: «*Ninguém ama mais do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos*».

Mas eis que no meio destes discursos, exal-

tando a emoção dos Doze, para quem o lava-pés foi, até agora, o acto mais impressionante da assembleia nocturna, a refeição que se segue vem, de repente, reforçar os ensinamentos e dar aos símbolos a sua plena significação: a Eucaristia surge ali.

*
* *

Jesus, quando tinha dito: «*Eu desejo com grande desejo comer convosco esta páscoa*», acrescentara: «*Eu vos digo que não mais a comerei até que ela se cumpra no reino de Deus*». (Luc., XXII, 16). A páscoa judia, a que está celebrando neste momento, deve ser *realizada;* vai beneficiar do que Jesus disse, em geral, da lei: «*Eu não vim para a abolir mas para a cumprir*».

E em que «reino de Deus» terá lugar essa realização? Sem dúvida fora deste mundo, lá para onde Jesus se dirige e para onde os seus subirão, um dia, atrás dele, mas também — essa é, certamente a intenção das suas palavras, tal como as encontramos em São Lucas — no *reino de Deus* que estabelece na terra e cujas leis todos os seus últimos discursos ditam.

Há, pois, ali, uma dupla etapa: a páscoa judia

transforma-se em páscoa eucarística; a páscoa eucarística transformar-se-á, um dia, em páscoa celeste, e, para Jesus, que também comunga, esta última transformação está à porta.

Aos discípulos, tanto aos da Palestina como aos de todos os tempos, o novo festim aparecerá como um monumento comemorativo. Jesus encontra maneira de o tornar mais empolgante e consolador que tudo quanto pode imaginar-se, visto que à lembrança que renova o passado junta a eficácia da presença. Enche, antes de ele se ter produzido, o vazio causado pela sua partida, da qual consola o futuro: não nos deixará órfãos; eterniza, entre nós, a sua passagem; a sua morada eterna vai ser fundada, e, num humilde festim comemorativo, toda a realidade do Dom divino será o tesouro das almas.

Jesus, portanto, «*tomou o pão, e, tendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, dado por vós; fazei isto em memória de mim. E a taça, da mesma maneira, depois da refeição, dizendo: Esta taça é a nova aliança em meu sangue, que será derramado por vós*». (Luc., XXII, 19-29).

Aqui, há duas coisas que se ligam e se sobrepõem: há um alimento espiritual só feito à custa de Jesus; há um sacrifício permanente que é prò-

priamente o seu e que nos proporciona os seus benefícios.

Os pequenos reclamavam pão — diz o profeta, — *e não havia alguém que o partisse*». (Lamentações, IV, 4). Tinha havido o maná; havia permanentemente, no Templo, os pães de proposição (1); em Canã e na margem do Lago, o próprio Jesus oferecera um alimento de milagre, mas não se tratava ainda do verdadeiro pão. Este devia ser amassado em sangue, partido num gesto de amor sacrificado, distribuído na unidade de um banquete de alcance universal, sobre a colina que antecipava o Calvário e, como este, se erguia para a eternidade.

Jesus toma o pão e *dá graças;* era a sua maneira de o abençoar; mas em dois casos — quando da multiplicação dos pães e aqui — a sua fórmula de bênção é anunciada de forma solene; repete-se sobre a taça, e São Paulo, falando dela, esforça-se por marcar a razão evidente desta bênção especial: é que a taça da Ceia é bem, verdadeiramente e por excelência, uma taça bendita; então, que a abençoem dignamente e com pompa! «*O cálice de bên-*

---

(1) Também podem chamar-se «pães das ofertas» e eram os doze pães que, em nome das doze tribus de Israel, todos os anos, em obediência à lei de Moisés, eram depositados no «Santo»; só os padres podiam tocar-lhes. *(N. da T.).*

ção que nós benzemos», diz o Apóstolo (I Cor., x, 16).

O gesto de Jesus, ao distribuir alimento aos seus, devia ter algo de particular, visto que só por isso eles o reconhecem. Aqueles que viram uma terna mãe partir pão para os seus filhinhos, não se admirarão dele; bastar-lhes-á fantasiar quanto uma majestade divina pode engrandecer a ternura.

Moralmente é também muito mais pela fragmentação do pão que Jesus se reconhece. Só ele dá o pão nutritivo e reconfortante, o pão da doçura e da esperança, que leva à vida eterna. Desde o Cenáculo, a mão de Jesus estende-se para todos nós, com o intuito de, assim, se fazer reconhecer; o seu pão multiplica-se segundo o nosso número, as nossas necessidades e os nossos desejos; a sua taça é única a fim de marcar a nossa unidade, mas dá a volta ao mundo e acompanha os tempos, como deu volta à mesa, em Sião. O que alimentou a humanidade preparou verdadeiramente, nesse dia, o alimento das idades; no seu reino, a inanição só poderá ser voluntária; eternamente, como em Emaús, como na margem do Lago em que o Ressuscitado desliza na alvura matinal, no próprio céu, reconhecer-se-á Jesus pela fragmentação do pão.

O pão da páscoa judia devia ser partido em pedacinhos, para exprimir o sacrifício. Jesus parece contentar-se com dividi-lo em partes, mas o simples facto de o partir é também, no seu pensamento, um símbolo de sacrifício — desta vez, o seu — porque assinala que o pão, assim partido, significa e é o seu corpo *dado*, ou *entregado*, e que essa dádiva tem, no facto, um valor mortal.

O vinho que escorre tal como o sangue, o vinho que é sangue, apresenta-se da mesma maneira. Jesus bebe-o em sinal de perfeita união; saboreia o seu sacrifício. Vejo-o na cruz, derramando, com alegria, o conteúdo das suas veias: não deve ele encher, como se vê nas telas antigas, o cálice que a Igreja lhe apresenta, ou a *fonte de vida* que desendentará os homens?

No ritual grego, o celebrante perfura as espécies santas com uma lanceta murmurando a frase do Evangelho: «*Um dos soldados furou o seu lado com a lança...*» Jesus, quando, ainda vivo, via passar e repassar, pela sua frente, a lança de Longuinhos, não pensaria nessa taça gloriosa onde quereria, derramar, em sinal de amor total, as suas últimas gotas de sangue?

No Calvário, Jesus ama até para além da morte. Crucificado, leva até ao fim o sacrifício visível e cruento; no sacramento, oculta-o e ele pró-

prio aí se esconde; mas nos dois casos, faz dele vida. Da morte tira vida. É porque haverá morte que de antemão se institui uma comemoração; mas é porque terá havido morte que essa comemoração será a mais poderosa e a mais doce das realidades vivificantes.

«*Fazei isto em memória de mim*» — disse ele: eis, portanto, os apóstolos padres, e eis os seus fiéis, assistentes perpétuos do sacrifício no altar. Elevar-se-á a hóstia como a Cristo, crucificado; será partida como sob o golpe dos suplícios; confiar-se-á ao fiel purificado como ao sepulcro novo.

Jesus crucificado, como vós deveis olhar com grande doçura a *casa dos mistérios!* Como brilha o pequeno edifício de Sião, quando a sombra se estende sobre o Moriah e a sua antiga glória! Lá do alto corre um rio de vida; amanhã, correrá um rio de luz; tempo virá em que o Cenáculo, o templo e a cruz não serão mais que uma só coisa, em que a casa de vosso Pai será a vossa casa, a do vosso sacrifício criador e da vossa glória útil, a *sala alta* para a vossa mesa e para o vosso Espírito.

Então, o Cenáculo do monte Sião já não terá necessidade de preservar os seus vestígios; o Cenáculo estará em toda a parte; nós próprios, vossos filhos, seremos um cenáculo onde será renovada, espiritualmente, a fragmentação do pão, onde o

necessário corte do pão será aceite, onde o alimento será assimilado, onde o vosso Espírito se manifestará — pelo menos, nós assim o queremos — na glória das obras.

Pronunciai agora, quando quiserdes, o *Consummatum est:* tudo está preparado para a consumação da justiça e para a do amor.

II

O passado e o futuro distinguem-se, para Jesus, tanto quanto se distinguem em si próprios. Vê-os diferentes e distantes, mas a uma distância dalgum modo espacial, que nada prejudica a presença de ambos debaixo de um mesmo olhar. Assim como Deus vê todo o cortejo dos tempos do alto da eternidade, assim também um cume imutável, o seu Cristo, seu eterno associado, vê como Deus e sabe como homem, o que o futuro da sua obra oculta. Por isso, quando, do patíbulo, olha a *Santa Sião,* avista ali, dentro da mesma perspectiva, a refeição sagrada que teve lugar na véspera, e as graças reservadas para amanhã.

Jesus estava morto, segundo o espírito, antes da cruz; está ressuscitado, segundo o espírito, antes do túmulo. Passeia os olhos pelo lugar das

aparições póstumas e do Pentecostes, como os passeou, sem dúvida, muitas vezes, pelo Calvário, ao errar em volta de Jerusalém. Que frémito devia sacudir o Filho do Homem quando, transpondo, em plena vida, aquela porta de Efraim, pisava o Gólgota e as suas flores sangrentas! Não podia determinar, na rocha, o lugar da cruz, marcado desde o início dos tempos? Quando olha o Cenáculo, a antecipação é bem maior e o seu coração transborda de esperança ao presagiar os altos feitos do Espírito.

A dor atormenta-o agora e parece aniquilá-lo, mas a lembrança consola-o e a expectativa exalta-o; encontra-se prisioneiro entre as efusões da Ceia e as efusões mais amplas, aparentemente, — as efusões públicas que vão oferecer o mundo à sua obra. O seu olhar demora-se e ele profetiza; reúne dois longos tempos de que a cruz é o centro e cuja harmonia é, para nós, um eterno objecto de contemplação.

Logo após a morte do seu Mestre, os discípulos, apavorados, vão recobrar-se do tremendo assombro; reunir-se-ão para falar dele e entregar-se à oração. Os discípulos de Emaús, ao entrar em Jerusalém, encontram juntos «*os Onze e os*

que estavam com eles» (Luc., XXIV, 33). As mulheres que visitaram o sepulcro vazio vão, igualmente, em embaixada, junto de um grupo formado pelos Onze e por *todos os outros*, isto é, pelos íntimos que se juntaram aos apóstolos e, com eles, rodeiam Maria.

O lugar onde permanecem não é misterioso; será nomeado quando, voltando do monte das Oliveiras, depois da ascensão, os Onze tornarem a entrar na cidade. «*Eles subiram*, dizem os Actos, *à sala alta onde permaneciam habitualmente*». (Actos, I, 13). Estão, portanto, no Cenáculo, «*com algumas mulheres, e Maria, mãe de Jesus, e seus irmãos*», isto é, seus primos. (Ibid.) (1)

Essa casa que recebeu os adeuses do grupo sagrado na tarde de Quinta-Feira Santa, que recolhe os seus restos quando o túmulo parece terminar tudo, será também a testemunha da aparição e um lugar de consolidação da tão vacilante fé dos discípulos.

Jesus crucificado perdoa de tal modo à fragilidade daqueles homens que até se preocupa com os meios de a vencer; mostrar-se-á vivo àqueles que não crêem nas sobrevivências, glorioso àque-

---

(1) Jesus não tinha irmãos, mas, entre os hebreus, a qualquer parente, mesmo afastado, se dava esse nome. *(N. da T.)*.

les que o julgam abatido, sempre amorável para aqueles que teriam motivo de temer, quando ele regressasse da morte, um olhar que deve reflectir visões eternas.

Censurar-lhes-á, todavia, *a sua infidelidade e a dureza do seu coração.* (Marc., XVI, 14), porque não é agora, na véspera da missão deles, que conviria encobrir-lhes as suas fraquezas; mas, primeiramente, vendo que estão perturbados, dirigir-lhes-á a saudação vulgar: «*Sou eu; não temais; a paz seja convosco*». (Luc., XXIV, 36), e, como a emoção dos discípulos não se dissipa logo, porque as suas dúvidas não se dão por vencidas ante uma aparição sobrevinda tão inopinadamente, *com as portas fechadas,* e que poderia ser *um fantasma,* dirige-lhes esta tão condescendente fala: «*Que vos perturba e porque se elevam, no vosso coração, pensamentos incertos? Vede as minhas mãos e os meus pés. Sim, sou eu mesmo. Tocai-me e compreendei que um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho*». (Luc. Ibid.).

Hesitaram ainda, mas agora com um jubiloso espanto que só não ousa ceder por temer uma decepção. Então, ele pedir-lhes-á de comer; oferecer-lhe-ão peixe seco e mel; serve-se e deixa-lhes a sua parte, como se o festim eterno que tinha

anunciado e devia, para ele, suceder imediatamente à Ceia, já se iniciasse e os tomasse por hóspedes.

Para cúmulo, Jesus permitirá que um dos seus esteja ausente, quando deste encontro; recorrerá à astúcia para lhes revigorar a fé. Tomé, o incrédulo, homem ardente mas com ideias um pouco pessoais, escutará com cepticismo a narrativa de seus irmãos: «*Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos e se não meter um dedo no lugar dos cravos, e se não meter a mão no seu lado, não acreditarei*».

É o homem difícil, que não quer aceitar os meios normais de informação, que renega a solidariedade, válida em matéria de conhecimento como em tudo o mais, a quem são precisas evidências próprias e como que uma quebra especial das leis da eternidade. Jesus censura-o, mas condescende, e, por fim, como o seu amor por ele se provou, o do discípulo irrompe: «*Meu Senhor e meu Deus!*» (João, xx, 24-29).

A partir desse momento e já em virtude da Ceia, o Cenáculo é compelido a mudar de carácter; da sua primitiva qualidade de aposento para hóspedes, de *divan* servindo para recepções e para as refeições, passa à de lugar de oração e de espectativa religiosa, de capela provisória, aguardando que a «*Mãe de todas as igrejas*» surja e consagre um culto solene ao vencedor da Morte.

Maria, as santas mulheres, os Onze, os discípulos ocorrem ali para se entregarem ao culto da recordação e da mística presença. Aquele lugar é um lugar sagrado. E o olhar de Jesus crucificado não o consagrará mais uma vez, designando para sempre, como um santuário, aquela câmara bendita, que se tornara a casa do novo Pão e a sede do Espírito?

* * *

Jesus tinha dito: «*A menos que eu não me vá, o Paracleto não virá*». (João, XVI, 7). A cruz merece-nos esse hóspede, mas, uma vez saldada a dívida e obtida a preparação das almas, eis que ele chega, o Paracleto, em missão solene e doravante perpétua.

Sinais deslumbrantes o acompanham: um vento violento que faz estremecer todas as moradias, um fogo que se divide em línguas abrasantes para cair sobre cada qual, um influxo que se traduz por pregações em idiomas diversos, símbolos transparentes em que se descobre a missão dos Discípulos e o papel da Igreja. Mas se tão ruidosa manifestação exterior oferece, o Paracleto age sobretudo interiormente, deixando-se primeiro reconhecer pelos impulsos dos nossos corações.

O Espírito divino é um Espírito de santificação; é ele que cria a «Santa» Igreja. Não que dela afaste todas as taras e torne impecáveis os seus aderentes, ou mesmo os seus chefes, mas faz dela brotar uma fonte. Como, nas enseadas seguras, o rio corre ao centro e dorme junto das margens, assim é a vaga de santidade na Igreja, e cada qual pode escolher, com Deus, o voo que prefere, porque o essencial é alcançar essas águas.

Vinde, humanos, pecadores em Adão, por vós próprios em perigo de vício, sempre culpados em maior ou menor grau, fracos a ponto de inspirar piedade, — vinde, que ali está a regeneração, e, com ela, a força, a salvaguarda!

O Espírito divino é um espírito de organização. Para criar a *Santa Igreja,* deve primeiro criar a Igreja, fazer-se a alma desse corpo, provocar-lhe as funções, nele estabelecer uma subordinação de partes, nele fazer correr um influxo unitário que será o governo ou, segundo a palavra profunda da teologia, a Ordem. A eleição de Matias no Cenáculo servirá imediatamente de sinal para esse papel do Paracleto. A hierarquia não é mais que a manifestação desse facto. Deus fará dela uma

graça social, um dom colectivo de que provirão uma enorme quantidade doutros.

E o Espírito divino é também uma Testemunha. «*Ele virá dar testemunho de mim*», tinha dito o Mestre. Como esse Espírito de Jesus oferece um poderoso testemunho! Oferecê-lo-á pela palavra, pelo martírio, pelo génio e pela virtude; oferecê-lo-á pela vida dos indivíduos e pela dos povos; acrescentar-lhe-á os prodígios, que, em todos os tempos, semeiam as estradas que ele segue. Oferecê-lo-á — digo-o eu — pela própria contextura do que dá, pela harmonia interior que nos manifesta. Não conheço testemunho mais empolgante do que esse.

A vida presta testemunho à vida, o ser ao ser. O que se mantém em si mesmo sem lacuna traz um sinal de Deus. Ora o Espírito de Cristo é assim uma vida cheia, uma harmonia sem defeito e sem falha, uma lógica que jamais cede e cuja simplicidade revela a Arte criadora.

Divina simplicidade do Evangelho e do catecismo, da alma de Cristo e da dos santos! Nessa inefável ingenuidade está contida a sobre-humana sabedoria, e o estilo nu, transparente, em que lhe apraz moldar-se, como água pura quando se cristaliza, desvenda-lhe ainda melhor toda a profundidade.

Daqui ressalta, para quem possa compreender, uma atracção irresistível. O mistério oprime-nos, mas a convergência, a coerência dos mistérios é uma claridade que tudo ilumina. Sentimos que ali está o Verdadeiro, porque ali está o Uno, seu idêntico, e dali brota a Certeza, que nos transforma o mistério em felicidade.

As aparências da vida não são aproximadas umas das outras e conciliadas umas com as outras por nenhuma doutrina humana. A Túnica sem costura só uma vez se viu. Ela está ali. O Espírito expõe-na para nós a admirarmos, no seu tecido de raios donde imana uma única luz.

A palavra do Espírito é nítida como a voz do Oceano na escuridão. Reconhece-se o monstro pela voz surda e ameaçadora das águas, cujas vagas disseminadas produzem um só amplo arquejar. O Espírito é a única explicação, como será a única força, como será a única alegria duradoura, sendo a feliz e radiosa paz.

Para além disto e por causa disto, o Espírito divino será um espírito de conquista; soprará até aos confins do mundo e abalará o universo como a casa assente sobre a colina. É por ele que o homem erguido acima da terra, tudo atrairá para si.

Será como um fogo que consome, como um fogo que ilumina a distância, como um fogo que conquista e invade, abrasando florestas e montanhas. «*Eu vim trazer o fogo à terra,* dizia Jesus, *e que desejo eu senão que ela se acenda?*» (Luc., XII, 49). Para realizar tal voto do seu zelo, Jesus só tem de lançar este archote.

A sua obra não será como a dos génios humanos cuja posteridade é sempre acanhada. Que filho do homem teria ousado dizer: «*Ide e ensinai todas as nações?*» E a qual deles o mais próximo futuro não teria imposto um desmentido irónico?

Os maiores nomes da história só viveram pela recordação; a descendência viva dos heróis sempre foi restrita, passageira, e, ordinàriamente, infiel; eles não tinham, como Jesus teve, o poder de comunicar a essa descendência um Espírito vivo.

Aristóteles, Alexandre, Miguel Ângelo, São Luís, vêem a sua obra extraviada em mãos de sucessores e de imitadores medíocres, de pretensos discípulos encarniçados em a si próprios se adornarem com uma auréola e uma riqueza feitas de uma glória ou de uma herança recebidas. Mas Jesus salva a sua obra e fá-la viver, porque permanece nela. Conhece o meio de manter muito ardente a inspiração da sua partida, de a conservar perpètuamente jovem, de fazer dela o rio de

águas sempre vivas de que falava à Samaritana; esse meio é o Espírito.

Graças ao Espírito, a Igreja universal, por muito diversa que seja nas suas tendências locais e superficiais, é sempre a Igreja; realiza esse ideal da «permanência do tipo» que nas espécies vivas pode sempre sossobrar. A sua ideia directriz essencial é imutável, e é-o em todas as linhas onde a Igreja avança, como um exército com todas as armas e um só ímpeto. O seu dogma, a sua moral, a sua disciplina, a sua liturgia sacramental, a sua constituição hierárquica são essencialmente no século XX o que foram no tempo de São Paulo, o que são no Cenáculo.

Houve capitulações individuais, e numerosas; houve mesmo doenças colectivas; mas era a Igreja viva que estava doente, ou então um membro dela ou uma função, sem que a Igreja estivesse reduzida, por isso, à condição de cadáver. Essa doença, como a de Lázaro, *não levava para a morte*. A Igreja não morre; o Espírito palpita nela e as suas épocas de abatimento são precisamente as que convidam esse Espírito a violentas e maravilhosas reacções.

Todas as épocas de inquietação são épocas de santidade e de heroísmo. Nos séculos socialmente deserdados, poderosas personalidades parecem

destinadas a concentrar e a manter em reserva a actividade espiritual comum; essas personalidades são o fermento do futuro. Tal é o trabalho do Espírito, chama íntima, chama de vida semelhante àquela que mantém os nossos corpos, anima os nossos lares e as nossas cidades, seus tributários.

Finalmente, uma vez que conquista e organiza, ocioso seria dizer do Espírito divino que ele congrega. Deve, porém, notar-se o carácter universal dessa congregação. O Espírito de Jesus é um Espírito da raça; é, além disso, um Espírito que transcende todas as diferenças criadas ou criáveis, Espírito dos espíritos, e, mais longe, Espírito dos seres. Tudo depende dele, e, quando se agita, deve esperar-se um abalo universal.

Até então, o mundo era caótico, ou, se estava, em parte, organizado, como a Sinagoga, era por virtude de uma antecipação, de um empréstimo; o Cenáculo irradiava retroactivamente. Mas, para a frente, a irradiação unificante revela mais poder; o Espírito polariza o mundo; polariza as idades; *põe num, todos os filhos de Deus dispersos* (João, XI, 52); os que julgam escapar-lhe, realizam, doutra maneira, os seus desígnios e servem-no nos seus eleitos.

O mundo estava inanimado, estava um cadáver, um Lázaro com as suas ligaduras, e cheirava a corrupção, isto é, a disseminação dos elementos e das forças. O espírito de Cristo reata a cadeia da vida. O universo vivo mantém-se de pé doravante; a obra criadora surge, de um jacto, no tempo e na imensidade do ser.

A linguagem cristã manifesta essa unidade, mostrando idêntica em todos os tempos e por toda a parte, a doutrina que codifica a vida e a contém, por assim dizer, integralmente. A linguagem cristã com tantos cambiantes aqui e ali, hoje ou ontem, jamais será senão uma única voz através das idades, das civilizações e dos grupos. Haverá muitas testemunhas, não haverá mais que um testemunho. O *dom das línguas* concedido à doutrina como aos seus primeiros pregadores não será mais que o dom de fazer ressoar em diversos idiomas espirituais uma palavra idêntica, desabrochar no prisma humano a luz branca do céu... E o próprio céu, no seu silêncio de multidão e no seu mistério, terá uma outra linguagem?

É graças ao Espírito que a mensagem de Jesus exprime um outro mundo, e que esse outro mundo e o mundo da peregrinação não são mais que um só. O Reino de Deus está em toda a parte; o Espírito é a sua luz. E o que digo da unidade lumi-

nosa repetir-se-ia quanto à unidade de orientação, à unidade de acção, à unidade do resultado, que é — invisìvelmente aqui e claramente lá no alto — a vida eterna.

O Espírito divino é um espírito de eternidade; a água viva que Jesus dá, deve tornar a subir ao seu nível; partindo do céu, daí volta sempre a jorrar espontâneamente e aí permanece. Lá é que está a sua superfície de equilíbrio, e se *Cristo ressuscitado já não torna a morrer, se lá onde ele está, quer e faz que nós também estejamos,* a razão é esta: o seu Espírito sopra entre o Pai e o Verbo a que a sua carne está junta, a que a sua alma se une, no qual nós também, por meio dele, constituímos apenas um só todo espiritual que a vida divina trespassa.

Espírito de Cristo, como sois poderoso, e como a pequena morada que visitastes abre vastos horizontes no côncavo das suas arcadas! A cruz, agora, sangra, e o Salvador geme; mas o Salvador gemente é apenas como o operário que, no decurso da tarefa, pena a sua fadiga. Acabada a tarefa, ver-se-á que os meios e o fim se mantém ao mesmo nível e que a eterna Testemunha não mentia.

Capítulo V

O MONTE DAS OLIVEIRAS

O MONTE DAS OLIVEIRAS assume, na visão de Cristo, uma importância em harmonia com a que teve na Paixão e no apostolado em terra judaica. É o frontão da moldura natural que rodeia a cruz; será a terra da partida gloriosa, após ter sido o teatro do grande combate.

Getsemani está ao pé dessa colina, em nível inferior ao Calvário. Jesus não o vê; o pórtico de Salomão encobre-lho, como um parapeito montanhoso dissimula um precipício.

O monte das Oliveiras é também chamado no Evangelho e em José, monte do Oliveiral ou simplesmente o *Oliveiral*. Nossos avós diziam, em

velho francês, monte *Olivet*, do latim *olivetum*. Este cume limita, a leste, como se sabe, o horizonte de Jerusalém; avista-se de todos os pontos da cidade; quando se habita a cidade santa, uma atracção invencível para ele chama o olhar, porque, sem falar da eminência e da importância do lugar, em parte alguma se patenteia com mais encanto e simbólica beleza, a sinfonia de luz.

Desde as quatro horas da manhã, no Outono, a alvorada ali estende seu véu azul, verde, cor-de-rosa, dourado, indefinível; essa eminência surge, viva, embora serena como uma bela morte, e, superior aos seus planos levemente sobrepostos, uma jóia transparece, cuja palpitação é ardente como uma lança de arcanjo e tem incomparável doçura. É a estrela de alva, à qual o próprio Jesus se comparou.

No Apocalipse, diz-se: «*Quanto a Mim, sou a vergôntea e a raça de David, a Estrela brilhante da manhã*». (Apoc. XXII, 16). E noutro passo: «*Àquele que vencer e guardar até ao fim as minhas obras, eu darei a Estrela da manhã*». (Apoc. II, 28). Apreende-se o conteúdo da promessa! Jesus viu hoje mesmo, 14 de Nissan, esse puro símbolo preceder o sol; viu-o desvanecer-se graciosamente, como, daqui a pouco, ele, confiantemente, irá apagar-se em seu Pai... E que evocação, para o

cristão da Palestina, é esse nascer de um astro associado à mortal apoteose do seu Cristo!

À tarde, o monte das Oliveiras só tem os reflexos do poente, mas pertence-lhe, assim, a mais bela dádiva; esse poente parece ainda uma aurora e desta apresenta a suavidade e a paz. Sobre móveis tons violeta trespassados de verde e de ouro, a crista do monte apresenta uma nobre lividez; cinzentos espessos dela se dependuram, e vão unir-se, no fundo do vale, à sombra ainda transparente. A noite aproxima-se insensìvelmente, sempre luminosa, e, nas épocas de lua cheia, quem poderá descrever a majestade virginal do astro a pousar, sobre a luminosa mancha cor de malva, o seu disco argênteo?

O monte das Oliveiras é, para Jerusalém, verdadeiramente a região luminosa por excelência. Amam-no por ter brilhado para Jesus e por ter aureolado os seus dias. Saindo do Templo pela porta Dourada, à beirinha da noite, ele tinha-o na sua frente; ao regressar de Betânia, de manhã, via-lhe a fina silhueta rósea, antes de o ter por miradouro em frente dos zimbórios cintilantes.

Esse caminho que liga Jerusalém à Betânia conduz a Jericó; corta, pouco mais ou menos, a montanha em duas partes iguais. Para o Jordão, toma-se, de preferência, um outro caminho, mais

ao sul e menos escabroso, e há ainda um terceiro, que desce para o norte. O do meio é o que mais nos prende. Quantas vezes, durante a sua vida de pregador, Jesus o pisou! Antes dele, o seu antepassado David subira-lhe a encosta quando fugia de Absalão e suportava, sem permitir que alguém por isso o censurasse ou disso tirasse vingança, os insultos de Semei, que lhe atirava pedras e pó. Vem de longe o exemplo do perdão da cruz.

Esse caminho íngreme é o último que Jesus trilhou na terra. É a estrada do bom Samaritano, cujo símbolo nele encarnava. Nas suas encostas, à beira do trilho, nossos irmãos, os dois cegos, foram curados, e, na sua extremidade, mesmo em Jericó, nosso outro irmão, Zaqueu, o publicano, alegremente desceu do seu sicómoro para introduzir na sua pecadora morada o perdão e a paz.

Na base oriental do monte, os três caminhos alcançam uma região de aspecto severo: é o deserto de Judá, semeado de tendas negras, tràgicamente cavado em vales e acutilado, em todos os sentidos, formando como que ondas erguidas e imobilizadas. Ali, a solidão é solene e rude como a palavra dos profetas, como o verbo de Amos, o pastor, que passeou seus anátemas em Thecoa, distrito dessa desolação.

De lá sopra o vento ardente que calcina a

Judeia, como o vento do mal esteriliza a alma. O judeu antigo considerava-a a região do pecado; essa paisagem do mar Morto evocava os cataclismos vingadores e, por isso, ali é que se caçava, todos os anos, o bode expiatório, o animal sobrecarregado com os pecados de Israel. Depois de se proferir diante do altar a fórmula de execração, empurrava-se o maldito para o vale do Cédron e, lá longe, era precipitado no vazio dos abismos; sob a luz magnífica, como sob o olhar de Deus, era sacrificado pelo povo.

Jesus, olhando, do alto da cruz, as ondulações que, precedendo Moab, abrem, para ele, a árida extensão, não pode deixar de pensar que o animal maldito é agora ele, a quem hoje expulsaram da sua cidade e se vê excluído do mundo, perseguido em direcção à morte, transformado no ser diminuído que silenciosamente toma lugar no lado dos bodes expiatórios!

Nesses espaços sem vegetação e sem água, nessa terra só vestida do seu silêncio, da sua luz ardente e do abraço do vento, João, o Baptista, viveu e desempenhou o papel de anunciador. Abriu no deserto o caminho futuro dos povos; obedeceu ao velho profeta: «*Preparai no deserto o caminho do Senhor, aplanai na solidão as veredas do nosso Deus*». (Isaías, XL, 3).

Vestido de pêlo de camelo em tecido de tenda beduína, comendo gafanhotos assados e mel silvestre, João percorria a região, estranhamente exaltado, animado por amplo espírito. Nele, o Novo Testamento procurava-se no Antigo e este tentava a sua metamorfose; o passado estava pleno de espectativa e, através do seu último e grande ser, era sacudido por enormes arripios.

Voz do deserto que clama e chama as águas refrigerantes, — voz da distância aspirando por *Aquele que deve vir*, — voz da justiça estrita e da virtude legal, que convida à dilatação da alma e ao desafogo da penitência para a chegada do amor... João Baptista foi tudo isto e a sua palavra encheu a Judeia como a de Jesus devia encher o mundo.

Não esqueçamos que Jesus quis associar-se a esse período de preparação e, dalgum modo, preceder-se a si próprio; no deserto, constituiu-se seu próprio precursor. Durante quarenta dias, no início da sua missão, ali esteve, entregando-se a uma penitência e a uma meditação extenuantes, ordenando, em si, os conselhos de Deus, fazendo disposições sobre o futuro, aceitando e adaptando a sua obra, chamando a si a dedicação dos que deviam secundá-lo e tendo só a natureza por testemunha dessa inauguração do seu Reino.

Vivia não longe do Jordão, na zona hoje chamada da Quarentena, entre os chacais e as pequenas panteras que, mesmo nos nossos dias, lá não faltam. Pela primeira vez, parece, desde que era adulto, vivia na vizinhança dos seres invisíveis, legiões de seu Pai que por toda a parte o seguirão, e podia arrostar com a solidão, trazendo em si o seu universo.

Para cá do deserto, e agora no interior das muralhas, o olhar agonizante pode adivinhar um ponto de grande importância simbólica, a que Jesus deu a sua consagração. Refiro-me à piscina de Siloé, onde o cego de nascença teve de ir acabar a sua cura milagrosa. O cego de nascença, quer dizer o homem, sofrendo de cegueira inata, e Siloé, quer dizer o Messias, o «*Enviado*», que começa a sua missão purificadora ali, pela água, aguardando o sangue...

No mesmo ângulo de visão, mas muito ao longe, apercebemos Maqueronte, onde caiu o Precursor, e o Nebo, que sepultou Moisés e a sua esperança.

Se subirmos pelo monte das Oliveiras, devemos nomear ainda Betfagé, que ocupa as primeiras

vertentes orientais. Jesus não o vê, mas ainda ontem ali mandava soltar o jumentinho e organizava o momentâneo triunfo, o triunfo embebido nas lágrimas que derrama sobre a cidade, o triunfo a que só pode chamar-se decisivo porque causará a sua morte. Esse triunfo estava relacionado com o que acabava de alcançar no túmulo de Lázaro, e foi precisamente ao libertar Lázaro da sua mortalha que abriu o seu próprio túmulo.

> Sabendo ter Cristo ressuscitado esse homem
> E que todos bem viram o sepulcro a abrir-se,
> Dizem: É tempo agora de o fazer morrer (1).

Continua a mostrar-se o *Lazarion,* muito próximo de Betânia, agora já descido da sua colina (El-Azarieh). Sofreu remodelações, mas ainda é muito impressionante e fàcilmente evocativo do milagre. Aí se abre a cova donde emergiu, desvairado, o homem que saía da noite eterna; a ranhura da pedra da sua sepultura subsiste; o lugar onde Jesus se encontrava poucas dúvidas deixa; o das duas irmãs quase nem se deixa procurar, porque logo se impõe. Vê-se a cena tal como a viu Rem-

(1) Vítor Hugo: *La Légende des Siècles.* La Première Rencontre de Christ avec le Tombeau.

brandt na sua grandiosa «água-forte», tela um pouco teatral talvez no que respeita à personagem de Jesus, mas empolgante e cheia de mistério.

*
* *

Fixando de novo, com Jesus, a colina das Oliveiras, devemos concentrar a nossa atenção em três pontos: em baixo, Getsemani; nas encostas, não longe do cume, mesmo defronte de Jerusalém, um lugar onde Jesus se detinha quando se dirigia à Betânia com os seus e onde ainda ecoam sublimes pregações; no ponto mais alto, o lugar da ascensão.

Getsemani significa aproximadamente *lagar de azeite*. Era um espaço aberto no grande olival que toda a montanha formava; como acontecia nas vinhas judias, tinham ali instalado um lagar para a exploração da colheita. Havia ali um bom abrigo; sob as árvores de folhagem prateada, podia encontrar-se solidão, repouso, se era necessário, e nada impedia que, durante a estação mais quente, ali se passasse a noite sob a bênção dos astros.

O lugar era talvez um tanto triste; situado «nas raízes do monte», como diz São Jerónimo, pouco se erguia acima do vale de Cédron; era domi-

nado pelas altas muralhas do Moriah e o pináculo do Templo; a Torre Antónia ameaçava-o de longe, e, à sua esquerda, estendia-se o vale de Josafat com os seus túmulos.

Jesus para ali se dirigia quando sentia necessidade de um retiro seguro; aquelas melancólicas cercanias acalmavam-no; rezava, longe das agitações, apenas rodeado por alguns íntimos que podia, à vontade, manter a distância, e confiando à natureza, à solidão, à sombra, ao mesmo tempo que a seu Pai, a fraqueza da sua humanidade.

Se decidia passar ali a noite, como acontecia por ter saído tarde da cidade ou haver prolongado as orações, fazia de Getsemani um dormitório sagrado. O seu grupo participava daquele mistério: Jesus a cair na leve inconsciência do sono, guardando o infinito no coração. Vê-se o Deus condescendente apoiado à base de um tronco de árvore, a cabeça sobre o braço, com os seus em volta — pobres homens por completo aniquilados, enquanto nele prossegue a vigília celeste — e, sem dúvida, todo encolhido, muito junto do seu Mestre, João, o mais afectuoso, que pousa o rosto no divino manto.

Mas chegará o dia em que Jesus estará só e

já não poderá apoiar à alma dos Doze o seu coração fatigado.

Mais alto — disse eu há pouco — não longe do cume, ficava outro sítio familiar. Simples paragem em tempo vulgar, era possível, no entanto, aí alguém demorar-se e abrigar-se, porque havia uma gruta. É a essa gruta que a primitiva tradição precisamente prende a recordação do *Ensino*.

Sabe-se que Jesus ali estacionou, numa tarde em que subia para Betânia, e que, voltado de rosto para o Templo, predissera a ruína deste; aproveitara o ensejo dessa primeira desgraça para descrever o fim dos tempos e terminara por longas exortações morais.

Quanto ao lugar da Ascensão, a Escritura não o determina rigorosamente. São Lucas situa-o nos arredores de Betânia; os Actos, «*no monte que é chamado do Oliveiral, perto de Jerusalém, à distância de um caminho de sabbat*» (1). (Lucas, XXIV, 50-53; Actos I, IV, 12). A crista do monte, num plano um pouco recuado, corresponde, de um

(1) Chamava-se *caminho de sabbat*, a distância que era possível percorrer, fora das cidades, sem violar o *sabbat*. Essa distância era de dois mil côvados, cerca de um quilómetro.

modo geral, a tais indicações, e aí devemos procurar os vestígios divinos.

*

* *

Jesus, como já se disse, tudo contempla com espírito profético e com espírito de rememoração; vive o tempo eterno; impregna-se do que é, foi e será, tal como de uma mesma presença, e assim como sobre o Cenáculo projecta a visão da Ceia, que é ontem, e a do Pentecostes, que é amanhã, também, no monte das Oliveiras, tem o poder de inclinar-se, conforme os tempos, sobre um duplo abismo, um abismo de dor e um abismo de céu.

Quando Jesus acabou, no monte Sião, de celebrar a sua partida, tendo já comentado longamente os seus actos, mas desejoso de prosseguir o seu caminho, diz: «*Levantai-vos; saiamos daqui*». (João, XIV, 31). O grupo dirigiu-se para Ofel, atravessando a cidade, àquela hora completamente deserta; desceu, por encosta rápida, para a muralha, que ultrapassou na porta das Águas. Talvez ainda, mas é muito menos provável, tomasse o caminho de Siloé e a porta da Fonte, onde vinha

ter uma grande escadaria que foi recentemente descoberta, após escavações. Em qualquer dos casos, por uma ou outra via se alcançava o Cédron, o vale de Josafat, os túmulos, e o mais mortal dos túmulos, que é a agonia do coração.

Seriam, aproximadamente, dez horas da noite. A fulgurante lua do Oriente, em toda a sua plenitude, derramava generosa luz; as rochas brilhavam como espelhos; as lajes fúnebres resplandeciam; os archotes dos assassinos iam tornar-se inúteis, e as espadas e os bastões ressoariam nìtidamente naquela silenciosa noite.

O peregrino, quando trilha essa estrada, na noite de Quinta-Feira Santa, em união com Jesus, misturado com o grupo dos Doze, àquela mesma hora, sob aquela mesma lua de Nissan, e vê, no vale estreito, o rochedo que aflora e lhe dá a certeza de pisar as pegadas divinas, não pode deixar de estremecer e de prosternar-se para beijar essa pedra. O caso de Absalão tornava outrora execrado aquele lugar maldito, e ainda hoje o transeunte judeu ou maometano arremessa pedras ao pérfido. Jesus, porém, passou, e já nenhuma maldição subsiste. Absalão, éramos nós; Jesus apagou os nossos crimes, e as lágrimas que ali se vêem, quer sejam as de Jesus, quer as do penitente, já não são amargas.

Subindo o vale, depressa se chegava sob o pináculo do Templo; uma enorme sombra bordava a parte inferior do enorme edifício, mas a claridade tornava a encontrar-se no caminho, porque a lua ia alta. À direita, abria-se, assaz rudemente, o caminho de Moab, do Jordão e do mar Morto. Por toda essa encosta estendiam-se vinhas muito bem expostas e que se mostravam férteis. Jesus delas oportunamente se aproveita para desenvolver uma das suas mais impressionantes comparações: «*Eu sou a vinha; vós sois os ramos...*». (João, xv, 1).

Caminhava-se lentamente. Como o precurso era breve e as palavras abundantes, tiveram de sentar-se, aqui e ali, nas encostas de Sião, defronte das Oliveiras, sobre os rochedos do vale ou sobre os túmulos. A natureza, ali, fora pródiga em lugares onde podiam sentar-se; o peregrino, animado de uma vaga esperança, tem onde deter-se demoradamente.

Passado o «túmulo de Absalão» e dos seus iguais, deixando essas grandes testemunhas que do alto observam e sobre os mortais mantém abertos os seus precipícios nocturnos, abandona-se o vale fúnebre e investe-se com as «raízes do monte». Getsemani está diante de nós.

É evidente que Jesus não pensa em passar essa

noite no seu habitual abrigo de Betânia; se a tal não houvesse renunciado, não se teria demorado tanto no caminho, ameaçado como estava. Recusa, portanto, à amizade esta última vigília, esta última oração? Sim: a Paixão começou; agora, só pode marcar encontros na cruz e no sepulcro.

Familiarmente, Jesus entra no jardim com os Doze, e tudo parece, ao princípio, passar-se como de costume; simplesmente ele, que gosta de rezar sòzinho, leva consigo, dessa vez, Pedro, Tiago e João, seus amigos predilectos, e ordena aos outros que o esperem, sentados, como se em breve voltasse e retomasse o fio do seu discurso, ou continuasse, com eles, a subir a colina.

Nesse momento, o espírito divino que até então mostrara a sua plena firmeza, começou a dar sinais de inquietação. Uma terrível visão empolga-o. A violência da aparição é tal que a estupefacção precede o terror e o abatimento (ηρξατοεχθαμβεισθαι) Jesus cambaleia e, não podendo guardar só para si aquela horrível impressão, dá parte dela aos discípulos, tomando a peito, talvez, explicar a brusca mudança que nele se opera: «*A minha alma está triste,* diz, *até à morte*». O «*Forte*» de quem falara o profeta, o *Conselheiro admirável,* o próximo vencedor dos suplícios e do túmulo, parece sucumbir; pede auxílio. «*Conservai-vos aqui,* su-

plica, *e velai comigo*». Muitas vezes dissera *velai* mas não dizia *comigo;* esta afectuosa frase tem, aqui, um significado de apelo: não é só a vigília que está em discussão; o que o Senhor implora é piedade.

Então começa a desdobrar-se essa angústia sobre-humana cujo mistério não está revelado. Jesus, no início da sua Paixão, está como no princípio da sua missão de pregador: entra no deserto, mas o deserto da sua alma é profundo e sinistro de maneira diferente do de João Baptista, quando lhe apraz deixar que dele se afastem as consolações.

Não se põe de joelhos: «cai» e prosterna-se com o rosto voltado para a terra. Propõem-lhe um cálice impossível de beber; treme, ante ele, a ponto de o pranto escorrer não só dos olhos mas de todo o seu ser e arrastar consigo glóbulos de sangue. Chora com todo o seu corpo; chora como se sangrasse, e esse sangue que precede o ferimento, essas lágrimas de dolorosa surpresa, que não aliviam, são para ele, nessa última vigília terrena, como gotas de treva.

Jesus dizia há pouco: «*A minha alma está triste até à morte*»; as palavras são pouco expressivas; a tristeza de Jesus ultrapassa muito a morte. Esta só atinge a carne; na própria carne podem operar-se fenómenos — e não será este o caso? —

piores que suplícios. Esses fenómenos despedaçariam normalmente o coração humano; mas também podem, quando Deus quer, poupar esse irmão da alma em proveito da dor. A morte vai deter-se agora na agonia, mas para o espírito não haverá limite; todos os cálices se juntarão e quase será um alívio sair deles a caminho da cruz.

Quem entrará nesses abismos, e quem descreverá, depois das lágrimas de sangue que avermelham a terra, a torrente de lágrimas ainda mais sangrentas que se derrama na alma divina como uma corrente no fundo do mar?

A visão de Jesus não pode ser explicada por completo, mas pode ser conjecturada. Não se negue que a morte material e o seu cortejo de sofrimento deve oferecer a essa ascensão de terror um primeiro ponto de apoio. A cruz ergue-se de repente. Não há dúvida de que Jesus já com ela se familiarizou; desde sempre que a aceita; fala de amanhã como da *sua hora,* dizendo: «*É para isso que eu vim*». (João, XII, 27). Mas quem desconhece o apavorante relevo que pode assumir, num dado momento, uma imagem que o hábito diminuiu? Um lenitivo indizível é concedido aos sofrimentos que não prevemos; um outro, também eficaz, aos que prevemos mas só fracamente imaginamos, distraídos por qualquer imagem estranha ou compensa-

dora. Mas a dor que tudo invade e permite ao seu fantasma a total absorpção do espírito, reveste-se de uma espécie de infinidade. É este o caso do Filho do Homem.

«*O meu coração treme em mim, e os terrores da morte assaltam-me; o terror e o assombro assaltam-me e a tremura apodera-se de mim*». (Salmos, LV, 5-6). Estas expressões repetidas tornam sensível — tanto quanto palavras podem fazê-lo — um estado de suprema angústia. Os pensamentos do Salvador flagelam-no e os seus pressentimentos crucificam-no; as suas visões arrastam-no através do jardim, da encosta, da casa de Ana, da casa de Caifás, da Torre Antónia, das ruas, da morte, do túmulo. Ele vê! Ele vê! E, por um instante, uma obsessão invencível desvaira-o. Ali, prosternado, com os braços estendidos, à maneira judia, conhece o gosto da soma total de todos os tormentos.

Alargai um pouco o horizonte sem deixar nenhuma força consoladora infiltrar-se no círculo... Que vedes? Não só a cruz de Jesus mas a multidão das nossas. Como no vale de Josafat os túmulos se juntam aos túmulos e escalam indefinidamente as encostas vizinhas, assim também, no

calvário interior de Jesus e em toda a paisagem, as cruzes juntam-se às cruzes, as cruzes oprimem a cruz; comprimem-se, chocam; há-as de todos os tamanhos, há-as de todas as madeiras; umas estão direitas, outras inclinam-se, outras caem e apodrecem como árvores secas. A lúgubre floresta galga os montes e torna a descer para as planícies; desliza pelos vales; cria nascentes inesgotáveis e faz nascer rios que são rede de canais para o pranto escorrer. E o oceano ainda a leva, de margem em margem, como flotilha imensa que soluços e suspiros balouçam.

O Filho do Homem veio para adoptar o homem; sobre si toma toda a carga de seus filhos; a sua dor não é a sua dor, porque é a dor universal; quer vencer a nossa, suportando-a ele, tal como, morrendo, vai destruir a morte, e o seu espírito, aderindo à desgraça mais que o próprio desgraçado, esgota, pela compaixão, todo o horror que ela contém.

Mas para que dessa compaixão tiremos proveito, Jesus deve tentar, sofrendo, uma outra vitória. Há alguma coisa mais terrível do que a cruz: é o que a ergueu. O tormento é uma consequência, o crime é a sua causa; e — o fiador universal não pode ignorá-lo — o homem é um criminoso.

Sim, não tenhamos medo das palavras e não

deixemos que fáceis condescendências nos induzam em erro sobre juízos ditados pela eternidade. A eternidade é o verdadeiro juiz; a eternidade sabe o que vale o tempo e condena-o. A humanidade está transviada; «*o universo está todo pousado na malícia*», diz o Apóstolo (I João, v, 19) e não é de admirar que o Salvador, Irmão que sobre si tomou a dívida e a defronta, sofra, no decurso da grande liquidação espiritual, o que exprimia, em seu nome, o salmo: «*As torrentes de Bélial apavoram-me*». (Salmo XVII, 5).

Ele, sòzinho, tomou sobre si toda a iniquidade; «*foi feito pecado por nós*». (II Cor. v, 21) e já não é o primeiro Adão, com a sua descendência, que se encontra perante o tribunal: *é o segundo primeiro homem.*

Jesus é aquele que «*penetra o fundo dos abismos*» (Daniel, III, 53), e o abismo por excelência é o abismo do mal moral. Sentiu-se sob os cúmulos do pecado de todos os séculos como os gigantes da fábula sob a sua montanha; extenua-se a soerguer-lhe o peso e não será excessivo o esforço conjugado de todas as almas fiéis para aliviar, um dia, esse inconcebível fado.

Uma carga, aliás, aumenta outra e «*o abismo atrai o abismo*», «*as vagas respondem às vagas quando bramem as cataratas*». (Salmos XLI, 8, hebr.

e Vulg.). A mordedura da dor que segue a do pecado não cura esta; são precisos outros remédios. Eis o médico, mas cura por meio dos seus próprios males, e o seu diagnóstico é, nesse momento, a sua dor suprema.

Jesus abriu uns olhos que a nossa inconsciência mantém fechados, e que a nossa debilidade tornaria sempre desproporcionados com o espectáculo. Jesus viu a desgraça e a malícia do mundo, que nós não vemos. Se cada um de nós se penetrasse de todas as agonias e de todas as atrocidades que enchem a terra, qual de nós poderia viver? E se cada qual olhasse de frente o seu próprio caso, quem ousaria mostrar-se? O nosso poder de ilusão defende-nos; mas o Clarividente não tem defesa, enquanto não recorreu à única força vitoriosa do mal.

Eis agora Jesus a encarar essa própria Força e a tentar readquirir alento para antecipadamente pagar os seus efeitos.

Jesus veio do céu para fazer deste mundo um paraíso. Não se sentirá ameaçado de ter sòmente extraviado o paraíso no lamaçal humano? A sua consolação seria que, ao colocar num prato da balança o sofrimento e o pecado, e, no outro, a

cruz, esta fosse suficientemente pesada para tudo vencer. Mas se a própria cruz estivesse em perigo de falhar?...

Certamente que, ao somar tudo, nunca tal veremos: a cruz é o mais poderoso instrumento de vitória. Mas admite-se que o olhar de Jesus, neste momento, só se abra para a dor; Getsemani é de uma tão terrível parcialidade que nada se lhe aproxima sem mostrar, à entrada, algum signo fatal. Nestas condições, a própria vitória, pelo seu carácter sempre relativo, não figurará como desastre?

Poderá triunfar o general que se limita a contar os seus mortos, os seus prisioneiros, as bagagens perdidas, as praças que não tomou, as probabilidades que ainda restam ao adversário e o sonho sempre mais amplo que o facto? Se se agarra a esse cálculo, perde a sua vitória; se é um grande ambicioso, pode pensar que tal vitória é apenas um pesado insucesso, porque o que é um insucesso senão o facto que não satisfaz de forma alguma?

Ora a ambição do Salvador dos homens é total. Por uma só alma, daria todo o seu sangue e todo o seu coração, mas, precisamente por essa razão, quando uma alma, uma só, se perde, parece-lhe que, para a recuperar, deixaria e esqueceria todas as outras. A sua parábola di-lo: «*Se um homem*

tem cem ovelhas e uma delas se extravia, não deixará na montanha as outras noventa e nove para ir procurar a que se perdeu?» (Mat., XVIII, 12).

Quantas ovelhas extraviadas, apesar do báculo sangrento! A cruz está cravada na terra como sinal para se reunir o rebanho humano: mas quantos para ela vêm e quantos dela se afastam? Ninguém o sabe e uma grande margem resta à esperança; o que o visível não contém, talvez o invisível o abrigue; talvez o que o tempo aparentemente dissipa, possa a eternidade recuperá-lo; o fim dos fins não é claro para ninguém, e o grande ou o pequeno número dos eleitos é talvez um problema vão. O certo é apenas haver um inferno, ir este povoando-se e ser Jesus o encarregado de fornecer o céu.

Além disso, Jesus é o organizador da terra. Tem um plano de vida para os grupos, as cidades, as civilizações, os tempos vindouros. Não que se inquiete com as formas, mas os lucros verdadeiramente firmes dependem da moral que ele ensina e do objectivo que determina a toda a ordem humana. Em que se tornará esse plano? Que vestígio deixará a cruz na história? Que serão, mais ou melhor que os outros, os povos cristãos?

Tudo isto é um mistério tão triste! A obra é laboriosa, e o resultado, embora visível, é tão

lento, tão interceptado por pausas e atravessado por retrocessos, que é possível está interrogação sobre o que acontecerá ao empreendimento. Que cruel visão para Aquele que veio *deitar fogo à terra!*

Finalmente, multiplicai estes sofrimentos uns pelos outros, sobrecarregai-os com as suas interferências, concebei o corpo a suar sangue, o espírito presa do tédio e das previsões sinistras, o coração tocado pela recusa de amar que seus filhos lhe opõem, a consciência sobrecarregada pelos crimes de que Jesus se considera responsável, a energia abatida pela aparente inutilidade do esforço, e dizei até onde pode ir a tortura.

Jesus recapitula sem cessar as suas amarguras e nelas mergulha com cruel delícia; não há que ter esperança de cura porque é ele que se fere. Quem é mais poderoso que ele para o ferir? Diz-se no Evangelho, por várias vezes, que ele *a si próprio se perturbou.* Oh! a divina perturbação! Aqui, ele está somando a sua própria força perturbadora à de um universo, e a sua alma sossobra.

Não se trata, entenda-se bem, de qualquer desânimo moral; fala-se de uma vontade de sofrer, ou, para melhor dizer, de uma humilde aceitação em harmonia com o plano redentor. Está dito que Jesus tudo sofrerá: entrega-se e faz-se

carrasco sempre que se trata de infligir a si próprio tormentos impossíveis de causar por inimigos só fortes contra a carne.

*

* *

Onde estão os Doze? O seu grupo principal ficou ali, perto da entrada; encontrá-los-emos quando Jesus, ao ouvir o tropel dos que descem a encosta, vier ao seu encontro. Quanto aos outros três, os eleitos, os confidentes das divinas fraquezas, os consoladores a que humildemente recorreu, estão *à distância de uma pedrada,* quer dizer, a uns trinta metros. Puderam ouvir os lamentosos gemidos, verificar o esmagamento do homem que sofre. E dormem.

Só uma vez, na sua vida, Jesus pediu o socorro dos homens, mas não o recebeu (1). Os três que associou a todos os seus passos, que tornou confidentes dos seus segredos, os únicos que viram a ressurreição da filha de Jairo e assistiram à transfiguração, a quem dá agora uma tão enternecedora prova da sua especial confiança, deixando-os ver a sua humana fragilidade, — esses três

(1) Cf. Pascal, *Le Mystère de Jésus.*

abandonam-no. Não só deixam de aliviar o seu sofrimento, como até o desconhecem. Tudo se passa entre Jesus e o céu, e, primeiro, tudo se passa entre Jesus e Jesus, que o céu entrega ao seu tormento. Em vão, acabrunhado e não podendo, no entanto, estar imóvel, cai, agita-se, prosterna-se e ergue-se à procura de um pouco de socorro: não encontra repouso em parte alguma e, menos que em parte alguma, junto dos homens. «Jesus dirigiu a sua súplica aos homens e não foi atendido».

Este abandono também fazia parte do seu cálice; Jesus, maldito por nós, devia estar só; o traidor podia estar de vigília, mas o sono dominava os amigos. Que mais havia a fazer senão Jesus, «vendo todos os seus amigos adormecidos e todos os seus inimigos despertos, entregar-se por completo a seu Pai?»

Assim o fez, mas inquieta-o aquele censurável sono; renunciando a qualquer socorro para si próprio, pensa nos seus filhos; a sua ternura repreende-os: «*Assim, vós não pudestes estar de vigília, comigo, uma hora!*» (Mat., XXVI, 40). Em São Marcos, vemo-lo interpelar directamente Simão-Pedro: «*Simão, tu dormes!...*» (Marc., XIV, 37).

Chama-lhe Simão, dá-lhe um nome familiar, como quando ainda não era apóstolo, como se não

fosse o *Rochedo*. Pobre rochedo! Pobre Simão, sempre presunçoso e sempre fraco!

Este pormenor só é indicado por São Marcos; os outros não designam Pedro como especial alvo da censura, mas Pedro nomeia-se pelo seu intérprete e Marcos não poupa Pedro, porque Pedro não se poupa (1).

Retomando a sua gravidade magistral, Jesus exorta os seus à vigília. Trata-se, agora, deles. «*Velai e rezai, a fim de não cair em tentação*». Diz «em tentação», como se dissesse numa armadilha bem escondida. Lembra-lhes que o espírito é diligente, mas a carne fraqueja. Finalmente, tendo-se afastado por duas vezes e voltando, terceira vez, para junto deles, parece dar à sua reprimenda um tom de triste ironia: «*Dormi, agora, e descansai! Acabou-se. Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores*», como se dissesse: Que hora escolheis, inconscientes discípulos! Dormir, quando o vosso Mestre agoniza! Não será associar-vos indirectamente a esses pecadores que vão crucificá-lo? Censura eterna de que têm de partilhar os cristãos de todos os tempos, quando esquecem a angústia permanente de Jesus na sua obra e na sua pessoa mística. «Jesus estará

---

(1) Le P. Lagrange, *L'Évangile de Saint Marc*.

na agonia até ao fim do mundo e não convém dormir durante esse tempo».

Encontrou a que recorrer. Por três vezes, o Homem todo dor bate à única porta que se abre sempre aos apelos confiantes. Reza. «*Tendo caído em agonia,* diz São Lucas, *rezava mais longamente*». (Luc., XXII, 43).

Recomeça por três vezes, como faziam os judeus em circunstâncias prementes; tratava-se, aqui, de esgotar a tentação. Reza invocando uma terna paternidade: «*Ἀββα, πατηρ* meu Pai! tu que és o Pai!» E ousa dizer: «*Tu, que tudo podes, afasta de mim este cálice!*» (Marc., XIV, 36). Mas tal grito de dor não é decisivo; admite uma suposição: «se é possível». (Ibid. 35). Afastada a suposição, volta a completa submissão: «*Não o que eu quero, mas o que tu queres*» (Ibid. 36).

Jesus reza, diz Pascal, na incerteza da vontade do Pai (quer dizer na suposição dessa incerteza) e teme a morte; mas, tendo-a conhecido (quer dizer reconhecido) vai ao seu encontro, oferecendo-se-lhe: «*Eamus, Processit*». «Jesus — diz, por sua vez, Bossuet com a sua habitual majestade — exprime na agonia «aquelas queixas respeitosas que

uma dor submissa espalha perante Deus para as fazer morrer a seus pés» (1).

Digamos, numa palavra: Jesus pratica o *Pater*. Entende que a oração deve ser um esforço para nos adaptarmos à vontade de Deus, não para a dobrarmos às nossas, e é ao fixar finalmente a sua alma nesta submisão que recupera a paz perfeita.

«*Levantai-vos, vamos!*» A sua coragem voltou; tornou a subir ao seu céu; despojando-se das fraquezas temporais, regressa às suas disposições eternas.

O seu deserto interior foi, aliás, visitado; apareceu-lhe um anjo, e esse irmão, como Moisés e Elias no Tabor, deve ter-lhe reafirmado as glórias trazidas pela cruz. Encara agora com firmeza tudo o que o ameaça. Que o prendam: as suas mãos estendem-se para isso; que o esbofeteiem: eis as suas faces; que o condenem e o executem: responderá com o seu silêncio e a sua paciência. Depois de Judas, todos poderão torturar-lhe o corpo e a alma; estará pronto a suportar todas as coisas, visto ter suportado o ósculo.

---

(1) Bossuet, *Sermon pour le 4.e vendredi de Carême.*

*

* *

Do alto da cruz Jesus vê, com os olhos da alma, esse Getsemani e o seu penumbroso abrigo; na depressão de terreno onde o seu olhar não mergulha, o musgo abriga as «raízes do monte». Pensa nisso calmamente, por ter passado do sonho pavoroso à realização firme, e marca-nos ali um ponto de encontro com ele, no dia das nossas próprias torturas mortais.

Teria ele querido fazer, para nós, esse encontro mais tangível, permitindo que velhas testemunhas do seu sofrimento, algumas árvores, as mais veneráveis do mundo com excepção da cruz, subsistam naquele lugar através das gerações? É lícito esperá-lo. As oliveiras que Lamartine celebrou num belo passo de *Voyage d'Orient* defendem sempre a sua velhice, e jovens rebentos preparam-se para as substituir.

Seria bom podermos dizer a nós próprios: Jesus confiava àquelas ramadas as divinas angústias; talvez se tivesse arremessado impetuosamente para debaixo dessas enormes raízes cujos relevos formam como que grutas fragosas. A lua fazia tremer as sombras e embalava a sua febril agitação; instantes de apaziguamento talvez tivessem vindo

daquela desmaiada vegetação, se ele tivesse querido; os troncos petrificados e canelados formavam, para a sua oração, como que uma colunata de templo, cuja abóbada era prolongada pelos ramos fatigados.

Mas, em última análise, que importa? Se *a carne não serve de nada*, a casca de uma oliveira não pode ser necessária. O espírito tem o poder de encontrar o que procura, em toda a parte onde o persiga; Getsemani está dentro dos nossos corações, onde se pode recolher sangue e reencontrar a forma de um corpo sobre poeira ardente. Não há necessidade de ir à Palestina, nem de pensar em nos submergirmos nas cavidades das raízes gigantescas, para ùtilmente dizer, como o poeta disse ao guarda do piedoso recinto:

Conduzi-me, meu Pai, ao lugar onde se chora!

O essencial é chorar como Jesus, e não formar juízo sobre a montanha de Oriente apenas pelas suas «raízes».

Subi, cristãos, e, na esteira do olhar doloroso, recebereis uma visão do cume onde Getsemani vai terminar.

*

* *

Deixando o íntimo abrigo onde tinham tido lugar as aparições, Jesus ressuscitado conduziu os seus «*para fora, a caminho de Betânia, e, tendo erguido as mãos, abençoou-os. Ora aconteceu, ao abençoá-los, ter-lhes sido arrebatado e ter sido levado ao céu*». (Luc., XXIV, 50-51).

Ele dissera: «*Eis que subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus*». (João, XX, 17). Não seria possível insinuar melhor — o que, aliás, ele já tantas vezes claramente exprimira — que a sua sorte é a nossa e que é o mesmo o resultado das suas dores ou das nossas dores.

Oh! ternura destas palavras, em tal boca, naquela hora da grande despedida, à beira dos universos e à beira, mais grandiosa, dos mistérios celestes: «*Meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus!*» É, pois, verdade que só temos um Pai, Ele e nós! Que somos de uma família divina e que não é uma simples figura de oratória essa afirmação de que, ao voltar ao seio da Trindade, vai *preparar-nos o nosso lugar!*

Cada qual tem a sua ascensão; pelo menos, preparam-lha; senti-la-á, primeiro, no domínio espiritual, e, depois, como Jesus, no fim dos tempos.

O *primogénito de entre os mortos* arrasta, atrás de si, seus irmãos; a cabeça de que somos o *corpo*, sobe ao céu completa.

Tenhamos o cuidado de não tomar a palavra «céu», como as palavras «ascensão», «despedida», num sentido demasiado físico! É inútil sonhar nèsciamente e dar motivo para sorrisos; as nossas grandes realidades espirituais nada lucrariam com isso. A pequena montanha que Jesus contempla, bem pouco é no vasto universo! Quando a deixar, para onde se dirigirá ele? E que pensaria disso o homem dos antípodas, que pensaria o astrónomo deslumbrado?

Não; tudo isto deve ser, quase sempre, aceite no sentido figurado. Jesus ergue-se no espaço, realmente, ante o olhar dos seus discípulos, mas a sua ascensão não é regulada pelo fio de prumo; as nuvens não o sustêm muito tempo e o próprio espaço, aqui, pouco significa, porque o céu é sobretudo um estado, não um lugar. O céu, se é da alma que se trata, existirá em qualquer parte?... Se se fala do corpo, ou da alma na sua união com o corpo, o céu, visto que nos vê reinar juntos com Deus, não seria idêntico aos reinos de Deus?...

Nesse caso, o céu físico seria o universo, ao

passo que o céu espiritual é o próprio Deus e o estado de alma que no-lo comunica. A Deus, céu vivo, estamos harmònicamente ligados pelo pensamento e o amor; ao outro céu, à criação integral, poderemos adaptar-nos pelos dons novos e as novas propriedades de que Jesus ressuscitado já deu provas. A vida eterna faz dos corpos, como das almas, irmãos do espírito puro; o «*corpo espiritual*» de São Paulo assim no-lo testemunha.

Deixemos os sonhos físicos, mesmo com essa forma purificada sob a qual nos despertam um interesse acessório. «*A completa beleza do Senhor é mais elevada que as estrelas,* diz a liturgia, *e a sua majestade está acima das nuvens do céu*». Jesus sobe exactamente para o lugar donde veio, e para lá nos arrasta consigo. A «direita do Pai», ou seja, a introdução no seio da Trindade, a intimidade de vida com a Divindade, é o quinhão que compete a esse primeiro humano, é o quinhão da própria humanidade.

Capítulo VI

OS TRANSEUNTES

UMA PAISAGEM NÃO é composta apenas pelas coisas inanimadas; os lugares, as simples habitações, os palácios, os templos têm o seu movimento humano, neles circula vida. Quando da Árvore redentora Jesus olha e deixa o ambiente gravar-se-lhe no espírito, a sua visão interior apresenta-lhe personagens cujas categorias — e quanto, por vezes, as unidades! — nos interessam altamente.

Já antes do suplício, o Homem ensanguentado, ele próprio transeunte, e transeunte que sofre e vai expondo, do Pretório ao Gólgota, a sua dor, recolhia os elementos desse espectáculo; convém, portanto, segui-lo em tal percurso para nos penetrarmos da sua própria visão.

Jesus poderia ter saído da Torre Antónia por três caminhos, mas, vistos sob o ângulo em que estamos agora, esses diversos percursos não apresentam diferenças muito frisantes; todos três são rudes, pouco transitáveis; por todos três, é bem verdade que uma breve meia hora de marcha regular pode ser suficiente, mas, devido aos obstáculos, é necessário aumentar muito o nosso cálculo de tempo.

Convém não esquecer que nos encontramos numa cidade do Oriente, nas vésperas de uma festa e no meio de gente que vem chegando em número que pode avaliar-se por centenas de milhar. As ruas estão a transbordar e, nalguns pontos e em certos momentos, estão mesmo intransitáveis. Então, forçoso é o cortejo parar, esperando que o centurião que o precede, a cavalo, possa, com a lança, abrir caminho entre animais e gente.

Sabe-se que no Oriente reina completa fraternidade entre homens, mulheres, crianças, burros e camelos; os cavaleiros roçam pelos peões; a gente ajoujada com fardos e os simples passeantes partilham como podem os exíguos espaços livres. Não há polícia no sentido em que usamos o termo, e a ordem só se estabelece à custa de gritos, pancadaria ou paciência.

A carta de Aristeu, judeu alexandrino, que

escrevia poucos anos antes de Jesus Cristo, pinta-nos essa circulação que é sempre objecto de espanto para o ocidental moderno. Fala-nos de ruas que são escadas e, em Jerusalém, como em Jaffa, como em todas as cidades de movimentado relevo, se assemelham a leitos de rios torrenciais e arrastam uma população tão depressa azafamada como caminhando indolentemente.

Aristeu faz uma observação a que a Páscoa dá, quanto a nós, um alcance especial; há — diz ele — transeuntes que esbarram uns nos outros, mas também os há que evitam cuidadosamente tocar-se, para se preservar de todo o contacto impuro. Tal preocupação, detendo na via pública os que estabelecem a barafunda, só pode contribuir para que esta aumente.

Acrescente-se ainda que as actividades exercidas na rua, sem qualquer reserva, açambarcam grande parte do caminho. Superabundam os aguadeiros com os odres de pele de bode, os vendedores de pastelaria heteróclita muito apreciada pelos aldeãos, habitualmente privados de guloseimas, os que oferecem frutos secos ou frescos e amêndoas cobertas de açúcar, expostos em grandes tabuleiros ou em mesas volantes, os vendedores de limonadas a balouçarem altos reservatórios coroados de copos, os traficantes de toda a

espécie, que tentam amoedar à custa da afluência, garantindo assim, graças à gulodice de um só dia, alguns meses de vida frugal.

O grande *sabbat* é amanhã, mas vai começar hoje, ao pôr do sol. Os que vão entregar encomendas têm de apressar-se, no que serão imitados pelos particulares, que andam fazendo recados por conta própria; os organizadores da festa, a gente do Templo, já prevendo transbordante concorrência, toma providências e dá os passos necessários; os fornecedores de pombas, ovelhas, bodes e bois para os sacrifícios, guiam o gado para os adros; os forasteiros vão sempre chegando, carregados com tudo de que precisam para acampar e trazendo também animais. Verdadeiros rebanhos cruzam por entre as pernas do transeunte, e, durante momentos, tudo atrapalham, porque também, por sua vez, se desnorteiam. E o piso desigual das ruas, as escadas íngremes, as pedras das calçadas, escorregadias e ponteagudas, cortadas a pique, não facilitam o trânsito. Nem por toda a parte há belas lajes avermelhadas, características das vias romanas da cidade, e com que, mais tarde, se farão altares.

Jesus passa, e vemo-lo internar-se nessas vielas estreitas, ora sob o céu ou sob numerosos alpendres, ora sob arcos, avançando com grande

dificuldade, esmagado pela cruz e pelos sofrimentos recentes, esbarrando, a todo o momento, nalgum degrau que não pôde ver, nalguma parede contra a qual empurraram o cortejo e onde o seu fardo bate. Estremece o pobre corpo, onde se cava mais e se agrava a contusão do ombro! Depois, é o choque com alguém que, correndo, abre caminho, ou com uma albarda ou um saco que acaso se solta de algum carregamento de camelo, mal preso e vacilante, como os que vão sendo balouçados por filas inteiras desses solenes caminhantes.

Jesus está esgotado e os soldados mal se dão ao trabalho de lhe abrir caminho. Estão aborrecidos; aquele serviço que lhes ordenaram é suplementar; é daqueles fretes que muitas vezes lhes impõe a turbulência judia. Todas aquelas histórias locais — é tudo quanto vêem no acontecimento! — parecem muito desagradáveis aos Romanos, sobretudo se eles é que pagam as culpas. E a verdade é que os soldados são sempre vítimas, quando há desordem, quer se trate de a evitar quer os mandem reprimi-la.

Quem sabe se este mau-humor não pesou muito na ferocidade que revelou a guarnição da Torre Antónia? Os seus efeitos continuam a manifestar-se no caminho e persistem em volta do patíbulo! Meu Cristo! De que dependeis! Para vós, a impa-

ciência de um soldado brutal irá traduzir-se em suplício, e tereis de pagar com sangue o atraso de qualquer jogatina ou bebedeira?

Não; sabemos que Jesus não depende de cousa alguma nem de ninguém. Um outro plano atravessa aquele, um plano de que se afastam tais baixezas. Estabelecido pelo próprio Deus, o plano da tremenda marcha é um plano livre, por onde segue uma livre obediência, inspirada sòmente pelo amor.

Jesus avança por meio de grupos cada vez mais densos. A sua execução é conhecida e os espectáculos daquele género sempre tiveram o condão de despertar um interesse horrível. A turba que, ainda há pouco, clamava e exigia a sentença não vai agora perder o espectáculo; os curiosos, prevenidos, acorrem; forasteiros detêm-se; filas de multidão vão-se formando junto às paredes, e os degraus exteriores das casas também se enfeitam de gente.

Nas janelas das casas ricaças — e só elas as possuem — erguem-se esteiras e aparecem cabeças; noutras casas, adivinham-se olhos ardentes por detrás de grades de madeira. Junto às portas, velhas deitam o nariz de fora e arriscam mesmo alguns passos na rua; velhos, acocorados nos umbrais, com o cotovelo fincado no joelho, erguem-se

para ver; garotos travessos serpenteiam, curiosos. Nas esquinas, no meio desta multidão irrequieta, que sorte se pode ter?... E se das vielas laterais uma vaga de recém-vindos, ou alguma caprichosa cavalgada, ou qualquer rebanho se precipita para onde caminha o doloroso Mestre?...

Então Aquele que tantos suplícios já martirizaram e tantos horrores ameaçam, será sacudido por um arrepio; um gemido lhe fugirá dos lábios, e, se o choque foi demasiado violento e o pé bateu nas pedras mal juntas do chão, haverá uma terrível queda. Sabemos que as houve; a devoção não se enganou, e, se se limita a fazer referência a três, é, naturalmente, mais amor do simbolismo do que verdade literal.

Quantas vezes teve de desviar-se, o pobre Transeunte, para algum recanto de arcada ou de porta! Fez-se pequeno e teve um calafrio; apagou-se tanto quanto o seu cruel fardo lho permitia. Vemo-lo a evitar o que pode, e a suportar o resto com inefável doçura. Mas, para ele, era bem aquele o momento e o caso de dizer: «*Sou um verme da terra e não um homem*»; como que rastejava sob o seu madeiro, por aquelas passagens transbordantes de multidão, umas vezes ofuscado pelo sol, outras no escuro, como através de um formigueiro tão ridículo quanto implacável.

Como tudo isto, meu Deus, é triste! Como tudo isto é mesquinho, como tudo é cruel! Como avaliar o que revolta mais a nossa ternura, — a crueldade ou a mesquinhez? Chegamos a desejar que o Salvador passe despercebido, contanto que sereno, e deseja-se também que, se tem de sofrer, seja herói de um drama digno dele, embora à custa de um sofrimento mais cruciante.

Estais a ver o Rei das dores no meio daquele mesquinho tumulto da festa judia, no meio daquela confusão, entre gritos, com o gado a empurrar a cruz e a fazê-lo tropeçar, com o cheiro desenxabido dos bazares orientais a servir de incenso ao sacrifício eterno? Concebeis que tal acontecimento tenha por moldura um dédalo de vielas? Admitis os encontrões e as triviais escorregadelas infligidas ao Imenso, na espectativa do suplício de efeitos divinos?

É forçoso, porém, repelir tais escrúpulos, que se originam no gosto das grandezas fúteis. Quanto mais grandeza moral, mais celeste misericórdia e mais generosas efusões de amor se gastarem no caminho ensanguentado, maior este será. É só por essa bitola que se pode medir o que ali se passa. Não se trata de um cortejo decorativo a percorrer uma estrada real.

Mais ainda: há o direito de pensar que foi

tudo melhor assim. O contraste entre aquelas vielas de morte e a vastidão de um acto de alcance universal é empolgante, mas tal contraste é, precisamente, nosso precioso ensinamento. Igualmente o seria outro cenário? Onde encontrar, na terra, uma coordenação de circunstâncias capaz de pretender igualar, ou simplesmente representar, alegórica e directamente, o que contém a acção redentora? Ignorar-se-á que a eternidade e a imensidade não têm figurantes? É preferível um choque de imaginação favorável aos pensamentos profundos. Prestígios postiços poderiam iludir-nos; um contraste berrante elucida-nos melhor. O nada temporal do facto evoca, ante a nossa fé, a imensidade deste; a excessiva pequenez arremessa-nos para a grandeza, e chegamos a dar graças a Deus por ter optado por tão prestante atalho. Acontecimento sem espectaculosidade, sem outra auréola que não seja a de espinhos, malvadez mesquinha que é um crime eterno, — eis o que será a Paixão.

Era agora o momento de evocar as magníficas especulações de Pascal sobre as três ordens de grandezas: grandezas *de carne,* ou físicas, grandezas *de espírito,* ou intelectuais, e grandezas *de*

caridade, ou sobrenaturais. «É muito ridículo, diz Pascal, indignar-nos com a humilde condição de Jesus, como se ela fosse da mesma ordem a que pertence a grandeza que, graças a ele, acabava de surgir... Nada inventou, não reinou (nós poderíamos acrescentar: não tomou atitudes teatrais no seu sofrimento); mas foi humilde, paciente, santo, santo para Deus, terrível para os demónios, sem qualquer pecado. Oh! como ele apareceu revestido de grande pompa e em prodigiosa magnificência, ante os olhos do coração que vêem a sabedoria» (1).

Jesus é, na Paixão, o que foi em toda a sua vida; faz do seu sacrifício uma grandeza não espacial, não política, não estética, mas moral; é na ordem moral que a quer exaltar em todos os sentidos, aprofundá-la até às raízes do bem e do mal, realçá-la até ao mérito infinito e amplificá-la até uma eficácia sem limites. Que importa engrandecer seus caminhos terrenos, quando a sua estrada está no invisível, e que pode importar-lhe a exiguidade do seu Calvário, quando, para ele, o mundo inteiro está em toda a parte?!

---

(1) Pascal, *Pensées*. Edit. Havet, art. XVII.

*

* *

A pequena multidão que ali vai, exige, no entanto, ser analisada, porque os seus sentimentos são tipos por onde podem avaliar-se os nossos.

Vão ali amigos, declarados ou ocultos; vai gente compadecida, sem dúvida em grande número, porém mais reservada e mais silenciosa que a outra; vão indiferentes, curiosos, trocistas, e vão, finalmente, os inimigos, oficiais ou não, enquadrados na turba infame.

Os amigos, que vão encontrar-se em volta da cruz, já o seguem; todas as *estações* os vêem, ali, fiéis. O Evangelho mencionará, dentro em pouco, um dos seus grupos, não o mais emocionante, porque o Evangelho tem por principal objectivo o ensinamento, mas o que oferece a Jesus oportunidade para a sua última exortação moral.

Não deve faltar gente compadecida, entre aqueles que a propaganda farisaica não pôde alcançar ou que souberam desmascarar-lhe o odioso. Sem ir mais adiante no exame da causa, dizem a si próprios que vai cometer-se uma injustiça atroz. E lamentam a vítima.

Poderão deixar de comover-se os forasteiros que, de súbito, se encontram diante de um homem

que vai derramando sangue, o vêem brutalizar por alarves e só nele observam sinais de dignidade e de mansidão? O homem é cruel, mas os bons sentimentos atraem-no e não passa muito tempo sem os conhecer: ou porque resiste às paixões adversas ou porque estas não estão em causa, transforma-se em ser emocionado, ou seja, num amigo momentâneo.

Entre os «indiferentes», tratando-se de um drama tão lancinante, devemos, pelo contrário, contar com vilanias que da indiferença só têm a máscara; são inimigos em espectativa e já inimigos parciais, a menos que o culto da sua pessoa e a preocupação do seu caso não lhes absorvam por completo o pensamento.

O gordo traficante cuja ambição só corre para os lucros brilhantes e as proveitosas colocações de capital, — a mulher garrida que um salmo descreve como «*uma coluna de templo toda composta e adornada*» (Salmo CXLIII, 14), podem não ser, no momento, nem cordiais nem hostis; passam e, através da morte, continuam o seu entretenimento.

Jesus passou, assim, lado a lado com a alegria, a vida febril e concupiscente, para chegar ao seu suplício; não era ódio, não era, aparentemente, uma cumplicidade, mas, no entanto, sabemos que aqueles que assim, à passagem de Jesus, se obsti-

nam em só dirigir o pensamento para ninharias, assassinam-no a ocultas. Os outros, ainda assim, mordem.

As zombarias e insultantes provocações citadas pelo Evangelho são exemplos; convém que se aceitem como temas sobre os quais seria fácil divagar. As imaginações populares são férteis; as graçolas circulam e vivos comentários cruzam-se. Julga-se assim infamar, ridicularizar, desafiar Aquele que se crê estar na última impotência e que é, portanto, presa fácil para as cobardias instintivas.

«A vida daquele taumaturgo acaba bem lamentàvelmente!... Que deplorável curandeiro!... Porque não se livrou a si próprio, já que salvava os outros?!... Se Yahveh estivesse com ele, vê-lo-iamos assim cair na ratoeira?... Que Deus o livre, visto que Deus é seu Pai!... Não é aquele que destrói e reconstrói o Templo em três dias?...»

Sem tanto requinte e sem pedir aos doutores argumentos de cunho plebeu, outros limitam-se a encolher os ombros. — «Que é aquilo? — Não é nada: um escravo que levam preso por qualquer malfeitoria, um condenado que vai ser executado à pressa por causa do *sabbat*, um rei de brincadeira com uma tabuleta onde se exibem seus famosos títulos, um pretenso benfeitor, um doutor

maníaco, um reformador descomedido, um qualquer que pretende endireitar o que não está certo, um acusador intratável, um agitador, um homem perigoso, numa palavra. Não é nada, não é nada...»

Não é nada efectivamente, senão o Nazareno das predições e o Messias dos profetas, Aquele que Moisés deixou entrever, que os salmos cantaram e que João, o Baptista, acolheu às portas; é o homem misterioso ante o qual tudo empalideceu antes que tudo se revoltasse, e que, um dia, fará empalidecer a revolta, a indiferença e o ódio, guardando apenas o amor. Não é nada, a não ser o Salvador dos homens; não é nada: é o filho de Deus.

Os discípulos diziam, em tempos: «Mestre, a multidão comprime-te!» e isto significava: ela domina-te, oprime-te para recorrer à tua bondade. Hoje, a multidão oprime Jesus, mas é ou com indiferença brutal por um homem que sofre ou com crueldade para com um homem odiado. Se o primeiro destes sentimentos nos revoltou, que pensaremos do outro?

Pode crer-se que muitos príncipes do Sinédrio cometeram a baixeza de se misturar com a escolta e de estorvar o passo à própria canalha, para a excitar. Encontramo-los no Calvário, e, sem dúvida,

até lá acompanharam a sua vítima. Para eles, a oportunidade é dupla: podem fazer-se saudar, o que, como Jesus dizia, censurando-os, apreciavam loucamente, e, por contraste, podem rebaixar o seu vencido. Querem que os homenageiem e insultam; provocam as homenagens e restituem-nas em maldições.

Por instigação sua, os ultrajes indecentes fazem carreira. Decerto foram arremessados pó e pedras, como, outrora, a David: assim faz o oriental que pretende vexar. Na soleira das portas, homens ou mulheres deverão ter procedido de maneira semelhante à desse Ahsverus lendário, o sapateiro cruel e cínico que chamam o «Judeu errante».

Haverá quem se interesse pela inscrição da cruz e sempre alguém censurará ao «Rei dos Judeus» não se ter sabido defender. Desgraçado do ambicioso que não sabe tornar-se forte! Mal fraqueja, a ave enjaulada vê-se atacada pelos bicos dos camaradas robustos, que sobre ela se precipitam; o suave melharuco, esse, ataca-lhe o cérebro e dá uma lição aos homens...

Neste meio tempo, terminou a descida, começa a subida. Jesus está de tal modo sucumbido que

a marcha torna-se lamentàvelmente arrastada, numa oscilação sempre ampliada por repetidas quedas. Salta aos olhos a certeza de que não poderá ir longe. A quem o visse naquele estado ao mesmo tempo extremo e calmo, silencioso como as vítimas — as alvas ovelhinhas — que a cada instante o roçam, ocorreria o versículo profético: «*Foi levado à matança como um cordeiro, como uma ovelha que guarda silêncio perante aquele que a tosquia*». (Isaías, LIII, 7).

É nesse momento que um inesperado transeunte vem em auxílio dos esbirros. A tarefa de que os incumbiram preocupa-os; aquela cruz é, na verdade, pesada demais, e o paciente sucumbe; sob pena de inexecução da sentença, há que aliviar o homem, mas, por outro lado, eles não quereriam carregar com o madeiro de crucificar um escravo. Tudo, porém, se resolve! Têm o direito de requisição e exercem-no. Tanto pior para Simão de Cirene, se os seus passos o conduziram, quando voltava do campo, para aquele caminho ensanguentado.

Feliz acaso que fará de Simão e dos seus um eterno símbolo! Simão, Alexandre, Rufus são, para nós, santos, porque o primeiro tomou sobre os ombros a Árvore da salvação, que lhe ofereceu a sua seiva. Quando o «obrigam» a caminhar atrás

de Jesus, carregado com o madeiro, não sabem a honra que lhe conferem. Os Romanos não viam naquilo mais que um insignificante serviço público; os Judeus só pensam em poupar a sua vítima: o Homem que sofre vai poder, um momento, refazer-se; mas a posteridade encontrará neste facto um tema de meditação e de louvor com que se ocupará durante séculos.

Um pintor antigo idealizou o transporte da cruz como um cortejo formado por toda a humanidade religiosa; os chefes desse grupo universal — papa, bispos, padres, com tiara, báculo, mitra e vestes sacerdotais — aliviam o Salvador; são mandatários; através das suas pessoas, porém, nós todos, colectivamente, é que somos cireneus, e cada alma, no seu íntimo, deve sê-lo por sua conta. Não é preciso «*acrescentar o que falta à paixão de Cristo?*» (Col., I, 24). Se o Mestre desfalece, a força que dele recebemos nada de melhor poderá fazer do que empregar-se em seu serviço, e em cada caso, como na Paixão inicial, o benefício sobre nós recairá com indizível poder.

* * *

O Evangelho faz menção de um grupo que, ao contrário de Simão, não passava por acaso; que seguia o cortejo ou talvez tivesse vindo, por ruas transversais, ao seu encontro. Eram mulheres, mas não aquelas que serão mencionadas após a crucifixação e que vêm da Galileia com Jesus, misturadas com os discípulos; trata-se de fiéis do seu ensino e da sua pessoa ou, então, de caridosas damas que, por ocasião das execuções, se encarregavam de acompanhar o condenado e de lhe preparar bebidas calmantes. O Talmud atribue este papel a pessoas distintas de Jerusalém, e é certo que foi desempenhado, embora o Salvador não tenha aceitado o serviço.

Mulheres judias, saudando assim, na passagem, o dolorido «Rei dos Judeus», dão um sentido de bem lancinante ironia àquele versículo do Cântico: «*Saí, filhas de Sião, e vêde o rei Salomão com o diadema de que sua mãe o coroou, no dia das suas bodas*» (Cântico dos Cânticos, III, 11). A mãe Jerusalém coroa estranhamente o seu rei! Convém que lamentações o saudem, como outrora o soberano, em marcha solene, foi saudado por aclamações. Convém a inscrição que Pilatos impôs,

provàvelmente também por ironia e com intenção depreciativa para os Judeus.

Aquelas mulheres batiam no peito em sinal de luto e lamentavam Jesus. O seu sentimento revelava bondade; através delas, a caridade comparecia a uma cena de assassínio. Mas o Doutor do mundo, que do mundo se vai, não quer perder uma oportunidade de ensinamento austero. Calou-se diante dos ofensores, dos indiferentes e dos curiosos; contra os seus inimigos opõe apenas uma gravidade que parece empurrá-los, por um violento contraste, para uma outra espécie animal. Não se responde, diz um velho comentador, nem aos cães nem aos suínos! Mas àqueles que são seus pelas disposições generosas que os animam, Jesus fala.

Já não vai esmagado, agora, pela sua cruz; pode voltar-se para o grupo e dirigir-lhe algumas palavras. Não parece que os executores se tenham oposto; é costume, entre todos os povos, deixar alguma liberdade aos condenados à morte; só um ódio feroz reprime a expressão de um derradeiro pensamento, e o ódio, se domina potentados judeus, poupa os simples soldados.

«*Não choreis por mim*», diz Jesus. Não repele a compaixão, mas deplora a cegueira que se lamenta dos efeitos desprezando as causas; que

chora uma nobre vítima sem pensar no caso, muitíssimo mais lamentável, dos algozes; que esquece a sua afinidade com os que ferem, parentesco misterioso mas tão próximo que ameaça, por solidariedade, o grupo emocionado, em cada um dos seus membros, porque os algozes são seus filhos!

«*Não choreis por mim, mas por vós e por vossos filhos*». Jesus fala-lhes dos seus filhos, certo de ticar corações de mulheres; desperta-as para a noção do crime colectivo que se comete em Jerusalém e que Jerusalém expiará em tremendas agonias futuras. «*Eis que chegam os dias em que se dirá: Felizes as mulheres estéreis e as entranhas que não geraram e os seios que não amamentaram*». A tribulação será tão grande que se chegará a amaldiçoar toda a vida, a que se suporta e a que se dá. «*Então, começar-se-á a dizer às montanhas: Caí sobre nós. E às colinas: Escondei-nos!*»

«*Porque,* acrescenta o Salvador, *se se trata assim o lenho verde, que será do lenho seco!*» Se Deus irritado parece querer queimar, castigar sem distinção de mérito, — se permite o assassínio de um inocente, que fará aos culpados? Eu cá morro livremente e realizei a minha tarefa; o fim dela será glorioso e não há razão para chorar tanto pelo herói a três dias da vitória. Mas chorai, cho-

rai por vós, mães dos deicidas, e chorai por vossos filhos que soltam gargalhadas à beira da catástrofe.

Desenvolvamos e compreendamos o que Jesus diz: Chorai por vós, primeiro, e só depois por vossos filhos... Quer dizer que ele visa uma ordem de factos que prende logo a responsabilidade de cada pessoa. Fala abertamente dos deicidas judeus; fala ocultamente dos seus cúmplices remotos, e é sobre estes, sobre nós, que devem cair, em pleno coração, as advertências da sua severa misericórdia.

Duas outras mulheres, duas outras transeuntes que Ele encontrou no caminho, a tradição introduz neste passo: Verónica, munida do seu véu, e a grande companheira, que o Evangelho ainda não menciona, mas que seria muito espantoso só encontrar no Calvário.

Verónica! A mulher do caridoso sudário, a mulher que alivia o seu Deus; a mulher que pousa ternas e trémulas mãos no rosto d'Aquele que disse: «*Quem me vê, vê meu Pai*»; a mulher que enxuga o sangue redentor e que, em paga, algo recebe da Salvação Corporizada; a mulher que leva a face de Jesus para sua casa!...

A intervenção de Maria tem outro carácter. Não pertence à tradição; é uma conjectura muito simples que, a bem dizer, não se apoia em nada de positivo, como não se apoia a aparição a Maria, de Jesus ressuscitado, ou a comunhão que a Virgem teria feito no Cenáculo. Sabe-se, porém, que os Evangelhos não são narrativas completas, e, nos seus intersticios, contanto que nada force o respectivo encadeamento dos factos, a cada qual é lícito imaginar o que a sua piedade lhe sugere. Com mais forte razão se devem respeitar e se fará bem em acolher conjecturas emanadas do sentimento comum e adoptadas pela Igreja.

Como supor, a menos de não se observarem circunstâncias por cousa alguma assinaladas, que Maria não tenha espiado a passagem do crudelíssimo cortejo e se tenha contentado de o esperar no seu termo, — que a sorte tão incerta de seu Filho, em tal caminho, não tenha aterrorizado o seu coração?

Estão ali outras mulheres, e deixam-nas estar; Jesus fala-lhes... E Maria não estaria presente?! Para não se arriscar a todas as injúrias e a todos os encontrões? Mas antes ser arrebatada, como pobre insignificância, nos redemoinhos da multidão! Também Ele é vítima da multidão! Se for reconhecida, não terão piedade? Uma tal dor não

é das que se insultam. E se passar despercebida, talvez tenham, Ele e Ela, a atroz consolação de trocar um olhar. Oh! como inveja o Cireneu! Como quereria carregar com a cruz, e, mesmo não podendo, como a aceitaria e como tentaria a impossível marcha!

Na idade média, consagrava-se a este lacrimoso encontro uma igreja de Jerusalém chamada *Santa Maria do Deliquio* ou do *Espasmo*, ou também do *Encontro de Jesus e de sua Santissima Mãe*. Uma igreja anterior, do século V ou VI, deixara vestígios, entre os quais um fragmento de mosaico, representando sandálias; julgou-se possível conjecturar que os pés da magoada Mãe ou os de seu Filho ali estivessem gravados. Conclusão apressada, porque tal símbolo de presença foi muitas vezes empregado em tempos antigos e não raramente por motivos bem profanos. Quando o pensamento religioso dele se apoderava, não era, em geral, para afirmar um milagre.

Sem forçar a nota a propósito de tudo, a verdade é que nos sentimos docemente enternecidos ao pensar no que pode ter sido um olhar trocado, em tais circunstâncias, entre Jesus e sua Mãe. Rafael, no *Spazimo de Sicile*, deu-nos uma bem

dilacerante interpretação. Jesus caiu sob o peso da sua cruz; os algozes batem-lhe; sob os golpes, reergue-se com uma nobre dor, e, na sua presença, igualmente prostrada sob o choque da emoção e estendendo-lhe os braços aflitivamente, está sua Mãe, de quem toda a vida, através do fulgor do olhar, se precipita para ele. Não é, de forma alguma, a majestade do *Stabat:* o altar não está erguido e o rito sangrento não exige ainda à co-redentora uma atitude hierática; mas é o impulso de ternura que convém neste passo, e, como resposta, a aceitação da partilha, do quinhão d'Aquele cuja vida martirizada pertence, de algum modo, a quem lha deu.

*

* *

Pode supor-se que o encontro de Jesus e de Maria teve lugar numa das duas encruzilhadas da via dolorosa; em caso de impossibilidade, pôde ocorrer na porta de Efraim, ponto onde o alargamento do espaço permitiria que ela se colocasse sem ter de recear oposição das autoridades nem uma opressiva aglomeração. Nesta última hipótese, o episódio leva-nos quase à cruz; convida-nos a voltar ao nosso *Observatório* e a contem-

plar doravante, do alto do patíbulo sagrado, o espectáculo dos nossos *transeuntes*.

As portas das cidades, no Oriente, são lugares essencialmente públicos, em que as ocasiões de afluência são constantes. Interiormente é muito raro haver grandes espaços livres: as cidades antigas evitavam-nos cuidadosamente, porque, tendo de defender-se das incursões, havia interesse em reduzir a sua área, para evitar o desdobramento de muralhas e onerosas despesas de pessoal.

As portas são, pois, o mais frequente ponto de reunião. Os ociosos e os curiosos vêm ali colher notícias; as pessoas desejosas de informações ou de se meterem em negócios — compras, vendas, ofertas ou pedidos de serviços, casamentos, etc. — ali se dirigem e por ali se demoram muito. Os mercados realizam-se em datas fixas, mas os negócios particulares dão quotidianamente lugar a que ali haja intermináveis conversas. Na porta se fazem contratos em presença dos anciãos; ali terminam litígios; ali se ministra justiça ou, em qualquer caso, se metem empenhos para a obter; sinal da força defensiva em relação ao estrangeiro, a porta também é símbolo do poder político. Diz-se: *A porta dos reis,* para significar o poder destes.

Não dizemos ainda hoje a «Sublime Porta»? E Jesus não adoptou a mesma maneira de dizer, referindo-se à sua Igreja: «*As portas do inferno* — quer dizer «as suas forças hostis» — *não prevalecerão contra ela?*» (Mat., XVI, 18).

A política é, em grande parte, dirigida sob a arcada e seus contornos; o que não sai dali, ali tem seu símbolo. A oposição, por seu lado, também ali se instala; ali se formam conspiratas e se forjam boatos. Foi lá que Absalão estendeu a armadilha para derrubar seu pai e lá é que Atália sucumbe. A porta é a *agora* e o *forum* das cidades do Oriente.

De tudo isto provém a circunstância de a religião, devido à sua estreita união com a vida pública, ser tributária da porta. A religião tem de ir buscar os seus clientes onde eles estão. Israel, quando manifesta infidelidade a Yahveh, estabelece, nas portas, pequenos santuários, chamados dos *altos lugares,* que se vêem sobrepujando a entrada, como as nossas Virgens. Quando volta de novo para o seu Deus, ou quando querem ajudá-lo a voltar, os profetas aparecem nesse limiar e dali fulminam seus oráculos, para que todos os ouçam.

A própria Sabedoria, nos *Provérbios* (I, 21) é representada a clamar às portas assim como nas

encruzilhadas. É ali que o anjo encontra Lot, quando vem anunciar a ruina de Sodoma (Génesis, XIX, 1). Quantas vezes Jesus ali opera as suas curas e semeia a palavra divinal Agora, é ali levado para morrer, porque o lugar ideal, se não sempre real, da justiça, é também o das execuções. Se a justiça bem cedo se albergou em palácios para comodidade dos seus órgãos, as sanções permanecem fiéis ao ar livre, visto não serem cometimento de grandes personagens. E, além disso, olha-se ao exemplo.

Para mais, as portas são ponto de junção da população urbana com a dos arredores, de uma cidade com outra cidade, e precisamente esta porta de Efraim é entre todas privilegiada no que respeita a comunicações exteriores: é por isso que aí se erguem os patíbulos. Os Judeus lapidam em lugares frequentados; os Romanos crucificam à beira das estradas. Ora, sem falar dos caminhos acessórios, há aqui umas quatro ou cinco das mais importantes estradas.

Poucos anos mais tarde, o valor preponderante desta posição será consagrado pelos que ali estabelecem o *forum* de Aelia-Capitolina, a Jerusalém do Império. A corrente dos peregrinos, dos comerciantes, da gente de negócios, dos correios.

dos soldados, é, ali, ininterrupta, e o observatório do Senhor não dá para um deserto.

Deixemos os olhos pousarem agora nos arredores, nos terrenos em declive donde depende o Calvário, no Gareb, no Bezetha, e, mais ao longe, no monte das Oliveiras e no Scopus. Tudo veremos coberto de barracas e de acampamentos volantes destinados aos zeladores da festa.

Veio gente de todas as regiões que Israel enxameia. A Páscoa é, para os Judeus, uma devoção universal. Agrupados em tribos ou segundo diversas afinidades, Galileus com Galileus—como hoje Gregos com Gregos, no dia 15 de Agosto, no Túmulo da Virgem — ali se amontoam até quase se esmagarem. Assim, aquelas cidades efémeras fornecem à circulação, evidentemente, um contingente formidável.

Fantasie-se o espectáculo. Na própria porta, um rio contínuo, entre duas margens animadas onde os vendedores circulam, onde as falas se cruzam, onde lojecas volantes vêm juntar-se às que estão instaladas nos degraus e nas passagens sob os arcos, onde se vendem bebidas e guloseimas, onde os mendigos — sobretudo os cegos, tão numerosos naquelas terras de luz fustigante — os

estropiados, os paralíticos, os leprosos mais ou menos curados, soltam seu lamento monótono e agitam sua escudela.

Nos jardins, há ociosos sentados no chão ou cavalgando os muros. Nas estradas, há gente, rebanhos, burros, veículos, vagarosos camelos com sua vacilante carga. Nas colinas, densos cachos de peregrinos, estalagens movimentadas, grupos acampados em volta de fogueiras, braços que se estendem e passos que se cruzam.

Some-se tudo e ouça-se, no momento em que Jesus aparece e em que a cruz se ergue, um amplo rumor de pasmo — depois, de hostilidade — um ruído de risadas que momentâneamente sufocam a reflexão e os sempre tímidos ímpetos de piedade.

«*Todos os que me vêem, escarnecem de mim; têm a zombaria nos lábios e meneiam a cabeça. Teve confiança em Yahveh,* dizem eles; *que ele o salve, que ele o livre, se o ama*». (Salmo XXII, 8-9). Sempre a mesma cruel blasfémia! Sempre o Cristo *opróbrio dos homens e abjecção da plebe* (Ibid. 7).

Estão ali, no entanto, alguns dos que lhe são obrigados e dos seus admiradores de há pouco. Aqueles mendigos acocorados e todos aqueles miseráveis precipitavam-se outrora ao seu encontro, confiantes e cheios de súplicas. Aclamavam-no

com o brado de «Filho de David»! Vinham beijar-lhe o manto, tocar-lhe a orla branca de franja violácea, que dele é parte ritual, e muitos prostravam-se, esperando o milagre ou a palavra de esperança.

Agora, afastam-se, ou zombam, e, como está expresso naquele salmo quase inteiramente profético onde se encontra como que narrada a Paixão, ridicularizam-no em cantigas, às portas, saboreando drogas inebriantes: «*Eu sou o alvo dos seus sarcasmos; os que estão sentados à porta falam contra mim e os que bebem licores fortes compõem canções contra mim*». (Salmo LXVIII, 12-13).

«*Ó vós todos que passais no caminho, olhai e vede se há dor igual à minha dor!*» (Lament. I, 12).

Ó Mestre, não há, efectivamente, dor mais abandonada, como não a há nem mais completa nem mais crucificante. No universo como em Jerusalém, no decurso dos tempos como naquela véspera de *sabbat* em que apressadamente se executa um condenado a quem se odeia, quantos serão eles, os transeuntes enternecidos, as testemunhas verdadeiramente emocionadas até ao mais fundo do coração e, sobretudo, pràticamente conquistadas por aquele espectáculo?

Em relação a Jesus, se já não há quem zombe, não é normal o esquecimento? A compaixão é rara e a generosidade efectiva ainda o é muito mais. E quando se diz que não há zombaria, só se pensa na pessoa, à qual o próprio Jesus atribui menos valor que à sua obra e ao nosso bem.

Quantas zombarias respeitantes à doutrina, às práticas, ao pessoal, às exigências, às promessas, aos factos e aos pensamentos, às instituições e aos seres a que o nome e o trabalho de Jesus crucificado se associam! Também continua a haver quem faça troça e abane a cabeça; continuam os apreciadores de vinho — vinho da ciência adulterada ou da paixão libertina — a compor canções satíricas.

A Páscoa humana prossegue; arma-se acampamento ou passeia-se, come-se, bebe-se, dança-se, arrastam-se preocupações, vive-se absorvido em negócios, estabelecem-se ou quebram-se relações, ama-se, odeia-se, e Cristo está pendurado do madeiro e a sua dor só obtem desdém e o seu apelo, a sua saudação só recebem vagos sorrisos.

Vós que passais, homens que encontrais Cristo em qualquer porta de Efraim, no decorrer da vossa vida atarefada ou apaixonada, dolente ou distraída, — *olhai e vede se há uma dor igual àquela dor,*

igual, digo eu, e com mais consequências para vós próprios, mais digna de vos despertar pela compaixão, de vos fixar pelo amor, de vos guiar pelas obras.

Se assim não é, e se o transeunte arredio deve reconhecer e confessar, embora involuntàriamente, o carácter sobre-humano do que aqui se mostra, o alcance do acontecimento, as suas incitações, os seus efeitos em toda a vida e para além de toda a vida temporal, que, então, se detenha e se entregue, unido àqueles de que vamos agora ocupar-nos, *juxta crucem,* apoiado à cruz, exposto ao orvalho purificante e inebriante que das sagradas feridas escorre.

Capitulo VII

OS SEUS

«*VIAM-SE, DE PÉ, JUNTO A CRUZ de Jesus, sua Mãe, e a irmã de sua Mãe, Maria Cleofas, e Maria Madalena*» (João, XIX, 25). Mais afastado, estava, contemplando, um outro grupo amigo, e havia outras mulheres, «*daquelas que o tinham seguido desde a Galileia e que o serviam*» (Mat., XXVII, 55).

Também lá estava João, o primeiro dos nossos narradores. Não se nomeia a si próprio, mas a doce glória que lhe está reservada obrigá-lo-á a sair da sombra. É ele quem vai beneficiar do testamento de Jesus e recolher sua Mãe.

Mas onde estão os Doze?

Que vê Jesus, quando o seu olhar se abaixa. passando dos horizontes às pessoas, quando pro-

cura aqueles que *até ao fim permaneceram junto dele, nas suas tribulações* (Luc., XXII, 28)?

— Vê mulheres e aquele dos apóstolos com que o seu temperamento estabelece parentesco. Os outros estão longe. Uma tradição informa que se encontram escondidos no vale de Cédron, nas grutas abertas nos grandes túmulos, mas é mais provável que se tenham dirigido para a cidade alta e se ocultem em qualquer canto, esperando, cheios de terror e de tristeza, o que está para vir.

Para eles, o seu Mestre já está morto; o *reino* está sem rei, a escola está sem doutor, a família está sem pai. «*Eu ferirei o pastor*, escreverão eles próprios, citando o profeta, *e as ovelhas serão dispersas*». (Mat., XXVI, 31).

No Horto, dormiam; quando o bando infame chega e deita a mão a Jesus, um deles tem um belo rasgo: puxa pela espada e corta uma orelha. Mas não vão mais longe... Jesus torna-lhes as cousas tão fáceis! Repele a violência e, sem dúvida, nada quer utilizar das fidelidades. Diz aos esbirros: «*Se é a mim que buscais, deixai ir esses*», querendo assim, diz São João, realizar, mesmo no temporal, o que, há um momento, dissera a seu Pai: «*Eu não perdi nenhum daqueles que me confiaste*». (João, XVIII, 9).

Os discípulos têm, pois, todas as autorizações;

o caminho está livre em todas as direcções e só uma destas é mortal. Teriam sofrido represálias pela sua tentativa de defesa, ter-lhes-iam batido e estão aterrorizados? Ou, mais simplesmente, teriam dito a si próprios que não há nada a fazer e que vale mais recorrer ao salve-se quem puder? Não se sabe, mas a sua hesitação é tão breve quanto a sua decisão é unânime: fogem. A calma de Jesus e a sua bondade servir-lhes-ão como suficiente autorização para o fazer.

No entanto, com quanta melancolia ele dissera, na véspera à noite: «*Eis que chega a hora, e ela já chegou, em que sereis espalhados, cada um para seu lado, e em que me deixareis só*». (João, XVII, 32).

Acrescentara, como que para lhes fornecer uma desculpa: «*Eu nunca estou só, eu tenho comigo o Pai*», e, levando até ao último limite a sua subtil compaixão, concluia: «*Eu digo-vos estas coisas a fim de que tenhais a paz em mim...*» Jesus cabe, inteiro, nestas palavras, mas não deveriam elas aparecer, ao amor, como incitamento a maior gratidão?

Ah! Pedro, o «*Rochedo*», Simão, o «*Zelote*», André, o «*Esforçado*», Judas ou Tadeu, o «*Enérgico*», Tiago, o «irmão» de Jesus, e tu, Mateus, beneficiário do «*dom de Deus*», onde estais?

Como testemunhareis sobre esta morte, ó testemunhas, e, sem corar, vos direis destinados às glórias do Túmulo? Sereis vós homens das ressurreições, não do sacrifício?

Os discípulos não se encontram ali. Dois deles, Pedro e, sem dúvida, João, embora a narrativa não o designe, reconsideraram após a fuga em comum; seguiram, a distância, o bando que subia para Sião e introduziram-se em casa de Caifás. Pouco arriscavam, porque o discípulo não designado conhecia o pontífice e podia, portanto, justificar a sua presença (João, XVIII, 15). Quanto a Pedro, tendo entrado a coberto do seu companheiro, sabe-se o que fez; uma sombra de perigo e umas palavras de criados perturbam-no e renega três vezes Aquele que há pouco defendia num absurdo ímpeto, e a quem tinha dito: «*Eu darei a minha vida por ti*» (João, XIII, 37).

Por todos Jesus distribuira motivos de dedicação menos intermitentes e menos repletos de reservas. Em que intimidade os admitia! Quer quanto ao género de vida, quer quanto aos sentimentos e aos pensamentos, a sua união era tão estreita quanto espantosa, tendo em vista a distância deles a Ele.

Nos nossos climas, a vida de um mestre com os seus discípulos é muito menos íntima que a do lar; no Oriente, pelo contrário, é mais. Vive-se como vivem os alpinistas na montanha, como os membros de uma expedição ao polo ou uma caravana no deserto. Todos comem juntos, no campo, numa barca ou à beira de uma nascente; dorme-se ao alcance do hálito alheio, ao abrigo de uma rocha ou sob a bênção do céu; formam-se grupos em volta do lume e conversa-se familiarmente, sem constrangimento, partindo tão tranquilamente o pão do espírito como o outro pão.

Jesus, *rabi* como todos os *rabis* e mais humilde de coração que qualquer outro em Israel, condescendentemente se abandonava a esta vida. Espiritualmente, abria o seu coração tanto quanto o permitia a capacidade daqueles seres humanos. «*A vós*, dizia ele, *é concedido conhecer os mistérios do reino dos céus, que aos outros anuncio por parábolas*». (Luc., VIII, 10). «*Já não vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz; mas chamei-vos amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vo-lo disse*». (João, XV, 15).

Efectivamente chamava-lhes *seus amigos, seus filhos, seus filhinhos, seu pequeno rebanho*, e tinha para eles indulgências de mãe, paciência, aspirações de afectuoso educador. Eles, que tudo tinham

recebido e a quem era obrigado a dizer: «*Não fostes vós que me escolhestes; eu é que vos escolhi*» (João, xv, 16), não deixavam de disputar o primeiro papel junto dele, e, em vez de lhes ralhar, sentava uma criancinha nos joelhos, beijava-a e dizia: «*Aquele que se fizer pequeno como este menino, esse é que será o maior no Reino dos céus*». (Mat., xviii, 4; Marc., ix, 35).

Ia ao encontro das suas faltas e delas os consolava antecipadamente, a fim de amortecer a queda do remorso sobre o coração; e o mesmo também fez a respeito do seu abandono: reabilitou-os antecipadamente. Mas, repetimos, não seria isso mais uma razão para fidelidade? E, no entanto, é apresentado como desculpa!

Mas que se tranquilizem. Apesar da sua indignidade, que não se sintam, no tribunal da cruz, afastados como indiferentes ou condenados como traidores. O seu Mestre conhece-os melhor do que eles o conheceram; discerne e encontra-lhes, no mais profundo da alma, o que eles ignoram. São fracos, inconstantes, egoistas, cheios de incompreensão, agora até são cobardes, mas acreditaram e ofereceram-se, o que tudo resgata.

Aqueles amigos que tanto o atormentaram an-

tes dos seus inimigos, que todos, mais ou menos, o desconheceram, que o fatigavam com a sua inépcia e com as suas exigências, que sobrecarregavam a sua vida apostólica e o obrigavam a fastidiosamente marcar passo, leva-os Jesus — a todos, com excepção do traidor — no mais íntimo do seu coração.

A boa vontade dos discípulos sempre bastou ao Divino Mestre; amanhã, essa boa vontade será o ponto de apoio do seu Espírito para uma transformação radical. Olha-os pensando no Cenáculo; olha-os pensando na ainda recente hora da sua vocação. Ao seu primeiro apelo, aqueles homens tudo deixaram, e, mais tarde, um após outro, arrostaram com a morte. Não vai agora notar a sua ausência! Considera-os como presentes num deles; juntamente com João, entre todos singular, e connosco, confia-los-á a sua Mãe, e ele próprio, mais maternal do que todas as mães, até mesmo do que a sua, uni-los-á no seu amor e com eles dará vida à sua Igreja.

Ei-los a desfilarem sob o seu olhar: André, irmão de Simão Pedro, o homem a quem um patíbulo igual ao do seu Mestre só arrancará este grito: «Ó bondosa cruz!...»; — Tiago, filho de Zebedeu, que declarou poder beber o cálice e, efectivamente, o beberá; — Tomé, o incrédulo, o

homem que quer tocar nas coisas, que só crê nas provas sólidas, mas que foi o primeiro a dizer, subindo para a cidade cruenta: «*Vamos e morramos com ele*»; — Bartolomeu ou Nataniel, «*em quem não há sombra de impostura*», que reconheceu como *rei de Israel* o poderoso Desconhecido; — Filipe, a quem foi dito: «*Filipe, quem me vê, vê meu Pai*», e que, cheio de fé, mergulhava seus olhos no abismo dos olhos divinos; — Mateus, o portageiro, chamado por um sinal para a outorga de Cafarnaüm e que imediatamente, deixando tudo, celebrou com um festim a alegria do seu apelo; —Tadeu ou Judas, «*não o Iscariote!*», diz, nomeando-o e como que aterrado, o seu condiscípulo João, e Simão, o Cananeu, por alcunha o Zelote: dois homens que, em quase tudo, estarão para nós na sombra, mas brilharão pelo martírio; — o outro Tiago, o «irmão» do Senhor, que será o venerável apoio da muito juvenil Igreja, o guardião da sua piedade e o exemplo do seu zelo, até que seja precipitado do alto do Templo e morra, dizendo como o seu divino Irmão: «*Senhor, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem*».

Finalmente, Pedro, Pedro, o pobre renegado, cuja ausência é talvez mais vergonha e vontade de expiação do que nova falta; Pedro, que recebe cá na terra o seu baptismo de lágrimas; Pedro,

com olhos febris e um duplo sulco dia a dia aberto; Pedro, cujo nome está como que encorporado na natureza palestiniana, porque ninguém pode ouvir, em Jerusalém, o canto do galo sem que o dilacerar desse coração não lhe esteja presente, tal como o olhar silencioso de Jesus, e a fuga na noite do desgraçado amigo que os remorsos perseguem.

Na *Paixão segundo São Mateus* de João Sebastião Bach, as lágrimas de Pedro são sublimes, mas vemo-las correr com mais mistério quando, ao romper da alvorada, a partir das três horas, os galos de Siloé e do monte das Oliveiras lançam seu apelo à luz, simbolizando o apelo divino para o arrependimento e para a luz de vida.

Se Pedro ali estivesse, tornaria a encontrar, certamente, no primeiro olhar de Jesus, a expressão triste e suave que o despertou do seu pecado na casa de Caifás, mas também aí saberia ler perdão. A sua queda conquistou-lhe a humildade, essa primeira força da alma; o martírio, após uma grande vida, provará a sua generosidade. Também ele será crucificado, mas não quererá desenhar no céu a mesma figura que seu Mestre; pedirá para ser crucificado de cabeça para baixo, provando assim, num mesmo acto, a consciência da sua humana abjecção e o entusiasmo com que se sacrifica.

Jesus olha-o e esse olhar que dissolve a malícia dos seres, esse olhar que vai procurar o amor no fundo dos corações débeis e os ergue dos seus desfalecimentos, deve ele senti-lo a distância. Foi abalado, o *Rochedo,* mas sobre ele é que repousará a obra eterna. A força de Deus chegará onde a carne provou a sua fragilidade. Se Pedro fraquejou, nem por isso é menos o primeiro dos crentes em Jesus *Filho* de Deus, em Jesus *Cristo* prometido. Esta aliança de palavras, que para nós mais não é que um só vocábulo — *Jesus Cristo* — a ele a devemos. Foi o primeiro que chamou pelo seu verdadeiro nome, o Salvador dos homens.

Ali estão todos, portanto, pelo espírito: ali estão presentes pela sua fé, pelo seu sempre dedicado coração, pela vocação não desprezada, pela sua alma fiel; só ausentes por timidez. Jesus abençoa-os e, derramando o seu sangue por eles, paga o resgate de cada um. Chamar-lhes-á amanhã seus *irmãos,* pondo-os, por assim dizer, em pé de igualdade com ele, no momento em que a obra comum lhes será visìvelmente confiada e as nações entregues como herança espiritual, e os séculos garantidos à sua descendência. Eles darão testemunho dele; dos seus corações, ele fará as

tábuas da sua lei; encarregá-los-á de organizar a sua salvação e de plantar a sua cruz em todos os pontos da terra; estabelece-los-á como alicerces do seu edifício social, como pernadas reais da grande árvore, candelabros para a iluminação do mundo, nascentes para a fecundação deste mundo, astros e nebulosas do céu cristão.

Porque não há que negá-lo: o mundo foi iluminado, fecundado, e é ainda hoje guiado por estes homens. Uns barqueiros, um cobrador de impostos e um carpinteiro, uns inconscientes, uns homens trémulos que a graça eleva, uns ausentes que se tornarão para sempre presentes, — tais são os nossos antepassados. Este é o milagre da cruz! Ela engrandece tudo o que suporta e salva mesmo aqueles que a abandonam, contanto que, no mais fundo do seu coração, dela se sintam perto.

Estão ali, mas não estão todos, sem excepção. Falta um.

Naquela manhã, ao romper do dia, quando Jesus já estava definitivamente condenado e ia ser levado a casa de Pilatos, um homem dirigia-se para um lugar deserto. Parecia alucinado; sentia-se numa solidão medonha. Olhou em volta e pareceu-lhe que todas as cousas o repeliam; não

distinguiu o olhar que por toda a parte espera o nosso e os invisíveis braços sempre para nós estendidos.

Era Sexta-Feira Santa e ele desconheceu-lhe a indulgência; para os seus olhos, o sangue que ia ser derramado devido à sua maldade, não foi a fonte de vida que só quereria purificá-lo, a ele primeiro que a ninguém. Lançou ao amor que o tinha acolhido, a suprema ofensa. Avistou uma árvore no campo, nela pendurou o seu cinto, afivelou-o sòlidamente e, enfiando a cabeça no laço, precipitou-se numa dupla morte.

*

* *

Deixemos tão penosa lembrança. Espectáculos mais consoladores nos prendem. Fazemos justiça aos Doze, mesmo quanto à sua ausência. Recusá-la-emos às corajosas presenças, aos ternos soluços, vizinhos da cruz?

As Santas Mulheres estão ali, atiradas para mais longe ou para mais perto, sem dúvida conforme as horas. Seguiram Jesus nos seus caminhos: quando se trata de cumprir junto dele os últimos deveres, não o abandonam. A sua presença é, por outro lado, um símbolo providencial;

presagia-nos o futuro e é testemunho, na vida do cristianismo como na vida de Jesus, do papel da mulher.

A mulher tem um grande lugar na constituição da Igreja incipiente. Logo no início da pregação galileana, São Lucas nos mostra o grupo reunido em volta do seu Chefe: Pedro na primeira fila, outros onze apóstolos ajudando também Jesus, no seu ministério, e, para além deles, mulheres, algumas das quais curadas de doenças ou libertadas de espíritos malígnos, assistindo o grupo apostólico com o seu esforço e os seus bens. (Luc., VIII, 1-3)

Isto nada tinha de insólito; os fariseus, devido à fama da sua piedade, viam assim dirigir-se para eles a alma religiosa das mulheres; delas recebiam bons serviços e a ninguém o facto escandalizava. Que seguissem agora Jesus nas suas viagens, talvez fosse uma novidade, mas novidade que elas tornavam bem simples por irem junto de sua Mãe.

Essas mulheres, dedicadas desde a primeira hora, até ao fim mantêm a mesma dedicação; virão perfumar o sepulcro; serão testemunho da ressurreição, participarão da efusão do Espírito, quando do Pentecostes; consagrar-se-ão à obra do divino Amigo, depois de terem amado e adorado a sua pessoa. No Calvário, recebem uma investidura; o que irmãs suas serão na história

cristã, elas são-no ao pé da cruz, a fim de que o eterno feminino santificado ali encontre sua representação autêntica.

E como os Doze respeitam uma hierarquia, em que Pedro, Tiago e João formam um primeiro degrau, em que Pedro está à frente de todos, assim as santas mulheres têm suas protagonistas em Maria Madalena, em Marta, sua irmã, em Maria Cleofas, mãe de Tiago, o Menor, e de José, em Salomé, mãe de Tiago e João e mulher de Zebedeu, em Joana, mulher de Chusa, intendente de Herodes, e em Susana. Na primeira fila de todas estas, vemos Maria Madalena, e, acima de todas e sem igual, dominando o grupo, Maria, Mãe de Jesus.

Todos estes tão sensíveis corações—por agora, pomos de parte o coração único da Virgem—compreenderam melhor que os homens o que havia de sublime doçura e de afectuoso poder em Jesus profeta, Messias e mártir. A sua grandeza subjugou-as; a sua bondade conquistou-as; o seu sofrimento só pôde prendê-las mais e fascina-as. A mulher é, por essência, uma consoladora; o seu sentimento em relação à vida leva-a a socorrer, porque, predisposta para o dom dessa vida, ela conhece-lhe, melhor que o homem, a fragilidade e as necessidades; defende o que dá.

Aquelas almas compassivas, ao mesmo tempo filhas, amigas e um pouco mães, estão, pois, ali, cheias de lágrimas. Encorajam com o olhar; convidam à partilha das fraquezas humanas; ao mesmo tempo, confessando o Deus redentor, chamam sobre si próprias uma graça; unem-se aos sentimentos do seu sagrado Preceptor e recebem o seu mandato a respeito do túmulo. Aquele corpo já lhes pertence, uma delas perfumou-o antecipadamente e todas vão precipitar-se, dentro em pouco, antes do *sabbat*, para comprar substâncias aromáticas e envolver de eflúvios simbólicos o pedregoso leito de Jesus.

*
* *

Onde está ela, a que perfumou o seu Senhor antecipadamente, a previdente amorosa, que, precedendo suas irmãs, derramou o primeiro aroma de nardo, forneceu o primeiro sudário, os seus cabelos, para envolver os pés banhados de óleo odorífero e de lágrimas? Só a vemos sucumbida ao pé da cruz que cinge com os dois braços, fazendo com ela um só todo, recolhendo o sangue que dela escorre ou deixando-o cair sobre a sua cabeça. A arte futura nesta atitude a represen-

tará, quando não a mostra amparando, nos mais trágicos momentos, a exausta Virgem.

Ela nada diz. Que poderia exprimir quando os sentimentos atingem tal acuidade? Nem mesmo pensa; nem mesmo sofre; Jesus é que pensa e sofre nela. Não se ousa falar do peso que lhe esmaga o coração; talvez já o não sinta; talvez sinta apenas, no peito, as grandes palpitações que, de tempos a tempos, convulsionam o peito do Mártir. Ela já não tem sangue, visto que o de Jesus se derrama; já não tem vontade, visto que ele se abandona. Para ela também *tudo está consumado,* e nunca mais poderá senão chorar, chorar, chorar, mas chorar dizendo a si própria que Ele a ama, e sofrer sem saber o que mais a empolga, se a sua delícia lancinante se o seu deleitável tormento.

Maria está de pé, junto da cruz; Madalena não tem essa obrigação; Madalena não é a co-redentora; mais não é que uma alma amorável e sofredora, a afundar-se na dor do seu Bem Amado, tentando igualar a dor que ele sofre. A cena ocorrida em casa de Simão repete-se, mas desta vez irradiando a sua significação, que a glória então escondera.

Lembrar-se-á o acto inaudito e o pasmo que causa, num momento em que o seu dilacerante

alcance não era apreendido? Em plena refeição, no meio das falas do Senhor e do seu hospedeiro, autorizando-se, é verdade, de um costume aceite — mas seria aceite para as pecadoras? — ela entrou na sala com um jarro precioso, colocou-se por detrás de Jesus, reclinado à oriental, e, aí, como se estivesse sòzinha no mundo com o seu amor, ignorando a multidão que a olha, começa a banhar de perfume a cabeleira do conviva, a ungir-lhe os pés nus estendidos sobre o leito, e, soltando seus cabelos, a enxugar, com eles, nos sagrados pés, o seu perfume e as suas lágrimas.

Julgamos compreender o que ela fez e o que a levou a tão audaciosa acção. Fora salva da sua indigna vida; os seus sete demónios tinham fugido, deixando-lhe uma alma de criança, apenas mais ardente e penetrada de ilimitado reconhecimento. Por Jesus, conhecera enfim a verdadeira alegria; por ele aprendera a não mais profanar o amor, e o amor purificado ergue-se nela extraordinàriamente alto, porque deve resgatar loucos entusiasmos.

Depois de culpas retumbantes, não deverá patentear uma dor também retumbante? Aquela que se defrontou, em tudo, com o mundo ofendido, também o defrontará pela humildade, grandeza de alma e de fé. E no mundo brilhará a ponto

de ser um símbolo da ressurreição espiritual, uma patrona dos arrependidos.

Mas há ainda outra cousa que a move. Jesus vai morrer e ela sabe-o; a intuição do amor revelou-lhe o que quase todos ignoram. Não lhe passou despercebida a atitude dos Judeus junto do túmulo de Lázaro, e ela que, então, dizia confiadamente: «*Se aqui tivesses estado, meu irmão não estaria morto*», talvez dissesse agora com desespero: «Se eu não tivesse estado aqui, eu, forçando a tua ternura, tu, Mestre adorado, tu é que talvez não fosses morto!»

Mas ela pensa, no entanto, que para aquela morte deve ter havido mais amplos motivos. Tal morte proporciona a oportunidade, mas onde se encontra a causa? Jesus é vítima não só dos Judeus e dos amigos cujas súplicas atendidas desencadearam cóleras, mas de toda a alma humana.

De toda a alma? Sim, com a condição de se acrescentar que isto significa de *cada uma*, e de cada uma na medida dos seus próprios desvarios. E, a partir dessa convicção, aos olhos de Madalena, que tentava uma desculpa, tudo se agrava! Ah! que terror, quando rememora os seus pecados! Que noção da sua eterna responsabilidade! É ela própria que Jesus resgata, e se o amor vem

para ela todo a sangrar, não ha-de ir ao seu encontro?

Ei-la que entra na Paixão: antecipa-se aos acontecimentos; une-se a Jesus que desde sempre prevê; aceita o futuro; aniquila-se; chora; dá graças e, entre ambos, estabelece-se uma espécie de conivência secreta que apenas com uma palavra e para instrução do seu hospedeiro, Jesus desvendará: «*O que ela podia fazer, fê-lo: ungiu o meu corpo antecipadamente para a sepultura*». (Marc., XIV, 8). E, por consequência, o perfume ali derramado vai aromatizar o mundo, tal como o corpo evadido do sepulcro o vai encher. «*Em verdade vos digo, por toda a parte onde for pregado este Evangelho, no mundo inteiro, falar-se-á também do que ela fez, em lembrança dela*». (Ibid. 9).

A casa de Simão foi, nesse dia, como que a primeira câmara do sepulcro novo, destinada às unções fúnebres, e o coração de Madalena foi, depois do da Virgem, o primeiro túmulo. Madalena chora antecipadamente Jesus: chora-o *como um recém-nascido,* segundo a palavra profética: é um recém-nascido para ela, que acaba de nascer nele.

E que faz ao jarro que trazia? Ao alabastro delicado, de gargalo afilado e faces cintilantes? Quebra-o, para que não sirva a mais ninguém;

nem mesmo tornará a servir a Jesus, uma vez que ele vai morrer. Não poder ela arremessá-lo para o sepulcro! Nos túmulos cananeus encontram-se vasos e objectos assim quebrados, em homenagem à morte.

Mas uma vez que ele morre e que morre por ela, uma vez que se morre por amor, irá ela ficar para trás? Não pode imitar a esposa indu, que sobe à pira fumegante onde ardeu o corpo do seu senhor para que as suas cinzas com as dele se misturem; faz melhor: pela penitência, pelo dom total do presente e do futuro, tendo sepultado o seu Senhor vivo, sepulta-se ela própria e consente em morrer nele.

Junto à cruz, reitera tal dom e é o que ela derrama, mais do que lágrimas e mais do que sangue do coração, aos pés do Amigo que sofre.

Outrora, sentava-se longamente aos pés dele, para o ouvir; *era a sua parte, que não lhe era tirada;* daí se levantou para a unção em casa de Simão; após os pés do Conviva, encontra os do Mártir, e, amanhã, precipitar-se-á outra vez para esses mesmos pés de que não pode separar-se, junto dos quais reconhece o seu lugar, onde satisfaz a sua paixão de humildade e de ternura. Ali está sempre prosternada, sempre aniquilada,

porque o amor possui-a e a sua própria vida já não existe.

* * *

STABAT MATER DOLOROSA...

Estava a Mãe dolorosa
Ao pé da Cruz, lacrimosa,
Enquanto o Filho morria.

Como estava triste e aflita
Aquela Virgem bendita,
Volvendo os olhos aos céus!

Como sofria e chorava,
Vendo que na Cruz penava
O seu Filho, o mesmo Deus!

E quem é que não chorara,
Se em tal hora contemplara
O sofrer daquela Mãe?

Quem ficaria indiferente,
Ao vê-la assim, tão dolente,
Porque morria o seu bem? (1).

---

(1) Versão do Rev. P.e Miguel de Oliveira, que gentilmente autorizou a sua publicação nesta obra. *(N. da T.).*

Só a liturgia, que o esgotou, pode servir de introdução a um tema oferecido à meditação dos séculos e à proveitosa emoção das almas. A Igreja ama esse quadro; dir-se-ia que o *Stabat* lhe apresenta a sua própria imagem, que é o seu hino de dor materna e de sempre ensanguentada glória.

Procurou nas profecias; bradou, com Jeremias, à sua grande antepassada: «*A tua dor é grande como o mar, e quem dela te curará?*» (Lament., II, 13); aplica-lhe, como o aplica a Jesus, o que foi dito da filha de Sião em transe aflitivo: «*Vós que passais pelo caminho, olhai e vede se há uma dor igual à minha dor*». (Ibid. I, 12).

Maria é única em tudo; depois de Jesus e nele, devido às suas afinidades com a Pessoa sagrada e com a obra, ultrapassa em dor como em mérito, e, mais tarde, também em glória, qualquer criatura associada ao caso humano. Ela é a Virgem, ela é a Mãe, ela é a Co-redentora; é a flor que só para o céu abriu seu cálice, o astro, a fonte donde nos vieram luz e purificação, o sulco onde o pão dos homens germinou. É de ti, Maria, que parte a vida do mundo, porque «*Aquele que para nós nasceu, escolheu ser teu*». (*Ave Maris Stella*).

É natural que aquela que ocupa tal lugar não

se afaste, no momento doloroso, do penar nem da obra nem d'Aquele que a completa. O que não tinha sofrido para dar ao mundo Jesus — diz um Padre da Igreja, sofreu-o quando o perdeu. Sentira-o, outrora, viver nela; agora, dentro dela o sente morrer. A infância, a vida que se desconhece, a prédica ardente já a ela pertenciam, mas como lhe pertence muito mais o fim, que exige uma maternidade mais completa!

Como aqueles anos foram breves! Ela tinha pressa, indubitàvelmente, de os ver começar, de os ver desabrochar; ela vivia para o futuro e quantas vezes deve Jesus ter-lhe dito, como se adivinha pelas palavras pronunciadas em Canã: «Porque te apressas, mulher, se ainda não é a minha hora?»

A presente dor pode avaliar-se pelo que aquele Filho era para Maria. Era o seu Deus e era a carne da sua carne; era uma parte dela e uma das Três Pessoas. Ela criou-o em nome da terra e do céu; viveu para Ele, que queria viver dela e por quem ela nascera. Espreitou as suas primeiras lágrimas, sorriu às suas primeiras palavras, guiou os seus passos, incertos como os nossos; sopesou o tesouro daquela alma por intermédio da qual a

nossa carne, outrora trevas, irradiava, — por intermédio da qual Deus se mostrava.

Ele próprio tudo esperou daquela que estava predestinada a dar-lhe tudo; foi a sua querida divindade terrestre, associada à divindade de seu Pai e do Espírito criador. Não se separou dela durante longos anos; mais tarde, foi ela que o seguiu. Imaginam-se as relações entre ambos, durante esses três anos, como um mistério só pelos íntimos gozado, mas onde há algo de profundo junto a encantadoras provas de estima. Agora, ele deixa-a, e, num mesmo dia, ela perde o seu Deus e o seu filho. Compreende-se que esteja mergulhada numa dor que só pela razão determinante pode considerar-se humana, pois contém algo que transcende o homem.

É por isso que uns santos vêem Maria, no Calvário, toda ensanguentada. Sangra do sangue de seu Filho cujas feridas beija, do sangue da cruz cujos sulcos segue com os lábios, do sangue da terra toda húmida daquele orvalho. Esse sangue e a palidez dela apresentam-nos a Virgem, no Calvário, como trágica imagem, uma Niobe mais dolorosa que Niobe, e mais terna, mais pura e, devido à sua própria grandeza, mais acessível ao coração dos homens.

Mas é interiormente, sobretudo, que devemos

ver a Virgem ensanguentada. Vemo-la aos pés da cruz, mas o seu coração está nela pregado como seu Filho e participa da mesma infinita dor. Ele é a Vítima das cinco chagas; ela é a *mulher das sete espadas*. Ele sofre a crucificação; ela, a *transfixação;* ele, a Paixão; ela, a *compaixão*. São ambos uma só vítima.

Como aquele anjo que era formado de duas almas, no dizer de Swedenborg, o Anjo do Novo Testamento é como um composto do Coração martirizado de Jesus e do Coração da Virgem, a ele unido. Quase não há maneira de distinguir entre o que ele suporta e o que ela partilha. Há duas pessoas sob um mesmo fardo, dois arcos sob uma só abóbada.

E é lícito pensar que das duas partes resulta o esforço de unidade. Jesus olha Maria pensando que ela o vê sofrer; Maria encontra em Jesus a repercussão do seu próprio sofrimento. Mùtuamente se afligem e mùtuamente se consolam. Oh! ele não guarda só para si, por muito divino que seja, o que a sua humanidade suporta. Essa humanidade proveio de Maria: Maria tem sobre ela um direito que seu próprio Filho lhe concede.

Ele permite que ela tudo veja, tudo sofra, tudo prove; permite que se deite no leito de angústia, que seja trespassada pelos cravos e rasgada pelos

espinhos, que arqueje devido à suspensão e estremeça com as contracções espasmódicas e dolorosas a que o seu pobre corpo está sujeito. Não guarda nada só para si; tudo nela se reproduz, e a sua alta vontade, assim como o seu instinto, assim o determinam.

O seu instinto? Sim, o instinto de Jesus filho, de Jesus que, se me atrevo a dizê-lo, voltou a ser criança, como todo o ser em transe angustioso. Não tenhamos receio de atribuir ao nosso Cristo as emocionantes fraquezas que ele próprio manifestou no Horto, e compreendamos que, se implorou o socorro de seu discípulos, não se mantém distante na presença de sua Mãe. Estende a face ensanguentada para o rosto que primeiro lhe sorriu; a cabeça, desequilibrada pela coroa de espinhos, procura um ombro afectuoso. Como ele aceitaria um beijo daqueles lábios!

Dantes, não gostava de momentâneamente esquecer que se fizera homem, para regressar ao seio materno? Não encontrava seu repouso nela, a Muito Doce, a sua muito próxima Betânia, seu olvido das horas tristes e sua quietude após a rude tensão de constantes trabalhos? A gravidade e a sublime virilidade não parecem excluir, em Jesus, o que de puerilmente delicado persiste

nos mais fortes e, quando o sofrimento surge, desperta.

Oh! como ela o receberia nos seus braços! Como neles Jesus se lançaria! Daqui a momentos, ao expirar, deixará a cabeça pender para ela, e o seu corpo dobrar-se, para o confiar na morte aos mesmos cuidados que o rodearam ao nascer. Será, então, a hora dela; esse corpo gelado será o seu quinhão único, e, para reaquecer dois corpos quase igualmente marmóreos já haverá sòmente um coração.

Convirá lembrar que se a dor de Jesus disfruta, tal como deve ser, uma incomparável preeminência, a de Maria se prolonga mais? Maria sofrerá a morte de seu Filho, de que o Crucificado só suporta a aproximação; ela receberá a lançada; as feridas que limpará parecer-lhe-ão vivas e, efectivamente, por ela viverão; o corpo pousado sobre os seus joelhos, a cabeça apoiada ao seu peito farão estremecer pela sua rigidez ou por sua terrível inércia o seio que os formou, e, finalmente, sob a nuvem onde ainda para todos se oculta a ressurreição, não viverá ela, uma segunda vez, a morte de Jesus, quando lho tirarem para o entregar ao sepulcro?

Quantas vezes, mais tarde, acordará ainda todas estas lembranças! Devota, primeiro que ninguém, do *Caminho da Cruz*, quantas vezes a verão vaguear por Jerusalém procurando o seu rasto, deter-se longamente onde ele caiu, encontrar outra vez o olhar dele à esquina dos bazares ou na porta de Efraim, juntar-se às mulheres a quem ele concedeu seu último ensinamento, subir a encosta do Gólgota em passo miúdo, fechando os olhos para ver melhor, caminhando silenciosamente para ouvir melhor, até ir perder-se em longa contemplação junto à cova onde se implantou a cruz.

Então, só quererá a vida para amar à custa do sofrimento; agora, só tem vida para sofrer a fim de amar melhor. A sua dor será prolongada em benefício da *obra;* neste momento, a sua dor domina-a infinitamente por causa da Pessoa e da unidade que a esta a une.

Mas que estou dizendo? Não é também a obra, não é sobretudo a obra que está em jogo, no actual sofrimento? Maria não estaria unida a Jesus se não se consagrasse — e, com ela, a sua dor — ao que o faz morrer. A cruz é um altar; a Vítima que se imola deve encontrar em Maria também um altar, o altar do seu coração.

Para que seria ela feita senão para essa aceitação, que é a causa da incarnação e, consequentemente, da cooperação que ela lhe traz? Se Jesus é o *segundo primeiro homem*, não será ela *a segunda primeira mulher*? Ela conhece o seu apelo. A espada brandida por Simeão, não esperou o Calvário. Já antes de Simeão, não estaria tudo contido no doce e doloroso presépio, na delicada e trágica Anunciação?

Foi um Crucificado que recebeu no seu seio: imaginários ingénuos fazem que sobre esse seio Jesus desça das alturas celestes, num resplendor, sob a forma de uma criança com a cruz às costas. É isso mesmo! Maria gera a morte para gerar a vida; o leite do Menino anuncia o fel e o vinagre; o berço miserável é um primeiro *lenho;* o próprio Jesus, mais tarde, não perde ocasião de proferir, na presença de Maria, os seus avisos cruéis, que o seu silêncio permitirá também surpreender-lhe no olhar.

A intimidade entre ambos foi sempre repousante e calma? Foi certamente feliz, mas daquela austera felicidade dos heróis que conhecem o peso do seu destino e o terrível preço por que pagarão a glória. Jesus estava sempre moribundo, e Maria sempre condescendente quanto ao sacrifício: aceitava a sua parte, que era contribuir para tudo; ins-

talava a cruz na sua vontade enquanto esperava o momento de a ver sobre uma colina; sepultava espiritualmente o seu Jesus.

Hoje, não há qualquer retratação; tudo, pelo contrário, se concentra com plenitude. A dor de Jesus é voluntária de ambas as partes; Maria, tal como seu Filho, poderia dizer: «*Ninguém me toma a minha alma; eu é que a entrego, e, em seguida, a recupero*». (João, x, 17). A alma de Jesus é dela; ela dá-a. Aquela é *a sua hora* como é a de Jesus. A *serva do Senhor* serve até no martírio. A que não esteve no Thabor, mantém-se junto da cruz; a que se afastou do cortejo dos ramos de palmeira corre para o altar. A heroína do *Stabat*, a *Pietà* não será ùnicamente a santa Niobe: é a nova Eva, a que torna a criar o género humano com o seu Autor e que resgata as almas dando-lhes seu Filho.

STABAT MATER DOLOROSA...

Estava a Mãe dolorosa,
Ao pé da cruz, lacrimosa,
Enquanto o Filho morria.

* * *

A dor de Maria, por imensíssima que seja, não será suavizada, apesar de tudo, por um sentimento muito profundo que comporta indizível consolação? Deve-se pensá-lo, se é certo que Maria está plenamente unida a Jesus e consagrada à sua obra. Quem nos guiará nesses insondáveis mistérios?

Diremos de Jesus que tem o seu céu interior, mesmo enquanto dura a Paixão. Já não se dirá o mesmo de Maria, porque se trata de um privilégio associado à qualidade de Filho de Deus. Mas esse céu que ela adivinha, não será um pouco seu? Nada de Jesus lhe é estranho; seu coração une-se a essas secretas efusões que, em Jesus, são a parte insondável.

Da mesma maneira, se bem que o futuro seja obrigado pelo desígnio redentor a respeitar a presente dor de ambos, esse futuro é de ambos conhecido; por detrás da cruz, vêem os frutos e as glórias. Não haverá, também ali, portanto, para suavizar um mistério lúgubre, um mistério de alegria?

Maria, desce, na alma de seu Filho, mais profundamente que a Paixão, e nela descobre uma zona de luz; aquelas lágrimas profetizam; Deus que lhas pôs no coração, junta-lhes a ciência do

que será o dia seguinte; ela sabe, espera, e pode dar ao que sofre em Jesus, um contrapeso de esperança.

Jesus dizia aos Doze: «*A vossa dor mudar-se-á em alegria*». Como não o diria ainda mais a sua Mãe!? Após as suas dores, o universo espera Maria para uma imensa aclamação. Se o *Magnificat* doutrora dá lugar hoje ao *Stabat*, o *Stabat*, por sua vez, deve fundir-se num *Magnificat* mais amplo, repleto de toda a alegria do mundo.

O Todo-Poderoso, que operou em Maria *grandes coisas*, outras, maiores, fará por intermédio dela. «*Bela como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército em linha de batalha*», ela, com seu Filho, mudará o destino das nações, e só virá a lembrar-se do Calvário como de um lugar de passagem.

Imaginamo-la, portanto, ao mesmo tempo, na sua dor e numa contemplação que transcende as dores presentes; ela está como que sonhando. Não se sabe que a própria acuidade do real obriga a nossa alma, às vezes, a ultrapassá-lo? Mas o sonho de Maria não é uma alucinação em que se movem fantasmas; é o sonho criador, ou, para melhor dizer, aquele sonho divino que, após a falta, recomeça, outra vez calmo, o sonho redentor.

Eis que um dos elementos desse destino, junto a um apelo do presente, vai declarar-se.

Jesus acaba de baixar seus olhos sobre o grupo que cinge, como um abraço, a sua cruz. Vê sua mãe; vê João que, sem dúvida, nesse momento, esboça algum gesto filial, e, sentindo agitar-se, no seu íntimo, a ternura por aqueles dois seres, por outros que evoca através de um símbolo vivo, consagra ao desejo de os unir, uma daquelas raras interrupções do silêncio que chamamos as *Sete Palavras*.

Evita — poder-se-á crer — enternecer-se; fala uma linguagem grave; não chama a Maria sua mãe, receoso de lhe despedaçar o coração, mas, voltando a utilizar a fórmula solene e como impessoal que emprega quando se trata do seu papel: *Mulher*, diz, *eis o teu filho*, e a João: *Eis a tua Mãe*.

Toda a Igreja compreendeu que João é ali um representante. Maria é-lhe confiada pessoalmente e também pessoalmente Maria o adopta; ele é parente próximo de Jesus, e Jesus, modelo de filhos, por ele se faz substituir; mas o elo assim estabelecido, tem, além disso, outra significação figurada. Maria recebe de seu Filho o género humano em tutela; o género humano recebe Maria como herança; no terno e dilacerante adeus que Jesus

acaba de formular contém-se um derradeiro mistério de amor.

Não é o momento de dizer tudo o que existe nesse múltiplo dom. Fixemos apenas que se para nós é prenúncio dos mais preciosos e sedutores privilégios, é, para Maria, uma associação mais explícita e mais visìvelmente íntima a Jesus redentor. Jesus convida sua Mãe a adoptar seus «*irmãos*», a orientar-se não já sòmente em direcção à cruz e ao sepulcro, nem mesmo em direcção ao lugar da ascensão e da glória, mas a caminho do teatro da grande obra que chama a sua terna e poderosa colaboração.

Maria anui; Maria aceita o seu papel. Não tem necessidade, para isso, de se partilhar, de renunciar às suas lágrimas e de abandonar, sòzinho, à sua dor, Aquele de quem, por herança, todo o resto recebe. É n'Ele que ela vê tudo; mergulha, uma vez mais, nesse abismo do seu amor que encerra todos os mistérios; aceita Jesus tal como ele é, no seu papel e na sua pessoa. A nova Eva está unida ao novo Adão, quer no leito de dor deste, quer nos séculos em que a posteridade de ambos vive.

Uma vez formulado o testamento e tendo Jesus

voltado ao seu silêncio, Maria regressa também à sua meditação. Não pode debater-se e dizer não; não pode dizer sim sem angústia. Será de molde a regozijá-la, a substituição de seu divino Filho por um homem, a do Único por uma multidão? O presente não tem o direito de lhe ocultar o futuro; o futuro ainda menos a arranca ao presente. Que fará senão manter-se, sem discutir, de pé, em corpo e alma.

STABAT MATER DOLOROSA...

.....

Em Gabaão, no tempo de David, a trágica Resfa velava assim, junto de um patíbulo sobre o qual dois de seus filhos inocentes, expiavam um crime do povo. Estava-se nos primeiros dias da colheita da cevada, numa época do ano um pouco mais avançada que a da Paixão de Jesus. E Resfa pegou num saco e estendeu-o sobre a rocha, de que fez seu domínio, não permitindo que as aves do céu devorassem seus filhos (II, Reis, XXI, 10).

A Resfa do Calvário não tem a mesma liberdade; não pode afastar as aves de rapina; deixa o ódio dilacerar o seu Filho. Que digo eu? Ela coopera! Não, evidentemente, participando do

crime, mas secundando o designio misericordioso do Pai, do Filho e do Espírito.

Esposa desse Espírito criador que se apodera do homem para lhe dar vida nova, mãe do Filho, homem novo,—filha do Pai donde tudo vem, Maria ajuda a Família em que a sua sobre-humana vocação a introduziu. Divina associada, realiza obra divina, e é fácil convencer-nos de que o Espírito inspirador a incitará, dentro em pouco, a dizer, imitando o Moribundo quando, simultâneamente, exala o seu soberano pensamento e a sua alma: «*Meu Pai, eu entrego meu Filho entre as tuas mãos*».

Capítulo VIII

OS SEUS INIMIGOS

JÁ DESFILARAM OS AMIGOS de Jesus sob o olhar moribundo e sob o nosso. Chegou a vez de desfilarem os seus inimigos. Vêm de longe, mas a sua hostilidade alcança no final a sua extrema tensão e a Paixão não é mais que o desenlace de uma longa crise moral, o relâmpago que brilha entre dois fluidos contrários.

Nomeemos os perversos por ordem de culpabilidade, se é lícito julgar deste modo: os soldados, a multidão, Pilatos e Herodes, os príncipes dos sacerdotes, Judas.

Os soldados que intervêm na Paixão são soldados romanos, mas não os *equites* das gloriosas

legiões, e antes mercenários provàvelmente oriundos das regiões vizinhas e talvez não estranhos aos preconceitos e paixões judaicas. O governador tinha uma coorte privativa, que protegia a sua pessoa e assistia o seu tribunal. A Torre Antónia era uma fortaleza e a presença do procurador para lá transportava o pretório; deve, pois, admitir-se a existência, nela, de uma guarnição, um corpo de tropas e oficiais de justiça para a aplicação das penas.

Toda essa gente, que vai proceder de maneira tão indigna e bárbara, não tem, no entanto, a mínima responsabilidade da Paixão. Obedecem; não julgam proceder mal ao executar uma sentença em que acordaram a autoridade judia e o poder romano. Estes dois poderes é que assumiram toda a responsabilidade; os factos exteriores poderiam só comportar uma cooperação inocente.

Em São Lucas, a indulgente palavra do Senhor—«*Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem*» — parece ter por imediato objectivo a protecção destes algozes, embora certamente o seu benefício deva chegar mais longe. No caso presente, e no que respeita sòmente aos soldados, o veredicto lançado da cruz não seria mais que a expressão de uma justiça exacta: Sobre eles chama-se o perdão: portanto, são culpados; decla-

ra-se, no entanto, que não sabem o que fazem: portanto, a sua culpabilidade deve ser considerada não relativamente à substância do facto mas à maneira como, neste, eles intervêm.

A culpa desses desgraçados foi participar com entusiasmo no jogo criminoso dos Judeus e nele patentear, com ignóbil grosseria, a sua brutalidade e insolência, assim sobrecarregando com seus próprios excessos, o crime doutrem. Foram os primeiros, realmente, a necessitar do perdão sublime.

Jesus, quando olha tais homens e também a Torre Antónia, à sua esquerda, a uns 350 metros de distância do lugar donde a vê, poderá acaso não recordar o que sofreu à sombra daquelas cruéis muralhas? A flagelação ocorreu há cerca de três horas; ainda é lancinantemente dolorosa e acaba de ser agravada pela desnudação, que rasgou as chagas coladas à túnica. Julga-se poder garantir que ela teve lugar em condições que a lei não exigia. E porquê? Só porque o animal humano gosta de sangue e porque aquela gente não refreou a sua bestialidade.

Não bastaria o luxo inumano que mandava chicotear atrozmente o condenado ao último suplício? As delgadas tiras de couro que cortam, abrem e rasgam a carne; as pequenas correntes de ferro com bolas de metal que a esmagam e fazem

saltar em pedaços; os espetos que furam e abrem caminho até aos ossos, — eis o que a sábia lei romana guardava para os escravos como prefácio à mais horrível das mortes que se poderia encontrar, morte cujas fases já, por si próprias, incluiam uma requintada gradação de torturas.

Treino doloroso, prolongamento no passado e no futuro de um odioso martírio, rebusca organizada e calculada do máximo de sevícias, tudo isto não seria bastante? Os soldados arranjam maneira de tudo ainda levar mais longe; à dor, por assim dizer, obrigatória, juntam um contrapeso, e a sua ferocidade é tão implacável que, perante a vítima ofegante, ainda têm a coragem da zombaria.

A cena da casa da guarda está bem presente; Jesus revê-a e vive-a ainda no meio das suas torturas mortais; ora essa cena está inteiramente a cargo dos agentes de Pilatos.

Jesus talvez fosse flagelado cá fora, no *lithostratos*, diante do tribunal (πρὸ τοῦ βήματος); de qualquer maneira, foi numa sala exterior, e, enquanto se julga que está a envergar de novo as suas vestes, os soldados que têm a seu cargo a execução, apoderam-se dele, levam-no ao «pretório», quer dizer, neste caso, a um pátio interior, onde toda a coorte se reúne como para assistir a um espectáculo.

Aquele condenado intitula-se rei? Muito bem! Vamos oferecer-lhe as supremas insígnias. Despe-se uma clâmide, que é arremessada sobre os ombros a sangrarem: será a púrpura real. Entre a lenha para fogueiras, avista-se uma haste com espinhos, que é entrançada em diadema, e pode ser que, naquela estação, se os espinhos estavam floridos — assim pensa Calmet — fosse arranjada de maneira a imitar as coroas festivas; nesse caso, aqui temos nós um rei irradiando glória e júbilo... Escolhe-se um fragmento de cana que fará de cetro, uma vez entalado nas mãos acorrentadas ou recebido pela passiva mão direita... Não se mete, sem resistência, um crucifixo entre as mãos de um morto?

Depois, é rir, ao mesmo tempo que se bate no condenado. A coroa, que foi pousada ao de leve para não picar os dedos de quem a coloca, é empurrada para baixo à pancada; esbofeteia-se aquela soberania irrisória que não se defende; cospe-se-lhe no rosto, e cada qual, desfilando diante da vítima, procura e encontra uma zombaria inédita, uma variante cruel. «*Vinham ter com ele e diziam: Salvé, rei dos Judeus!*» (João, XIX, 3); «*Curvavam os joelhos diante dele e adoravam-no*». (Marc., XI, 18), refinando as irónicas homenagens com pancada e escarros.

Tem-se alegado que estes ultrajes régios infligidos a um condenado eram uma tradição no Oriente; citam-se exemplos, na Pérsia e na própria Palestina; quis ver-se neles um rito: haveria, se assim o querem, uma atenuante, mas, já não falando em quanto a última suposição tem de pouco sério, ainda fica o suficiente para não se encontrar maneira de qualificar tão bárbaro entusiasmo, que faz de cena do pretório uma das mais revoltantes da Paixão.

Quando se chega ao suplício final, já é inútil os soldados inventarem crueldades, porque a operação é, por si só, suficientemente atroz, mas, apesar disso, a zombaria não pára. «*Os soldados também zombavam dele, dizendo: Visto que és o rei dos Judeus, salva-te!*» (Luc., XXIII, 36).

A ideia de realeza foi, evidentemente, a que mais impressionou aqueles miseráveis; em Jesus, vêem apenas um pretencioso vencido, um camarada que pretendeu sair das fileiras e que eles se regozijam em empurrar para o lugar que lhe compete. A populaça tem destes sentimentos; a baixa igualdade é sua ideia fixa. «*Quem quer que se eleve, será rebaixado*» — sentença que aplica à sua maneira.

Até mesmo o lenitivo que concede à vítima, dando-lhe de beber, aquela gente brutal consegue

transformar em irrisão. Têm o ar de quem lhe diz: Então é preciso que te aliviem, a ti, o rei dos Judeus? Porque não fazes, para isso, como para a tua libertação, uso do teu poder!? (Luc., XXIII, 35).

Acentuemos, todavia, que a irrisão, neste caso, não parece excluir todo o sentimento de humanidade; simplesmente, o diminui e, pela sua banalidade, constrange penosamente, em nós, qualquer respeito.

O suplício da sede era, para os crucificados, um dos mais horríveis, e os soldados sabiam-no. Tinham ali de que beber. No Oriente, qualquer instalação implica ter perto o vaso especialmente reservado para refrescar a água; a permanência no Calvário devia prolongar-se por bastante tempo e as trovoadas da estação sucediam-se. Além disso, São João diz-nos que havia ali «*um vaso cheio de vinagre*», isto é, de água acidulada, a *posca* romana, e o vaso estava, sem dúvida, tapado na boca ou nalgum orifício, pela esponja que vai ser utilizada.

Quando o Salvador confessa o seu sofrimento e parece pedir que o atenuem, dizendo: «*Tenho sede!*», os soldados não se negam a partilhar com ele, mas, ao mesmo tempo, acham aquilo engraçado: «Que se dê de beber ao rei dos Judeus!» E escarnecem-no abertamente, como se fosse caso para isso.

Um incidente vem reduplicar as risadas. Jesus acaba de lançar o clamor trágico: «*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*», o que, em arameu, se diz: «*Eli, Eli, lamma sabachtani?*» Ora os judeus ali presentes, embora conhecendo muito bem o significado destas palavras, que são as primeiras de um salmo (Salmo XXII, 1) fingem crer que Jesus chama Elias.

Não pode ser engano involuntário, porque Elias diz-se *Eliah* e não *Eli* ou *Eloi*, mas parece-lhes oportuno fazer um trocadilho, porque Elias, segundo as crenças judaicas, devia ser o precursor do Messias, e aqueles que a este último atribuiam princípio de vida modesto e sofredor, pensavam que Elias o ergueria de tal condição e faria brilhar a sua glória. Bela ironia a de dizer: «Vede! Este Messias em transe aflitivo chama Elias em seu socorro; Elias virá sem dúvida!»

É por isso que os soldados, que ouvem e, talvez por serem originários da região, estão ao corrente do caso, cooperam na graçola, e àquele que agarra na esponja embebida em *posca* e a coloca numa cana para humedecer os lábios ardentes, gritam: «*Deixa, deixa, vejamos se vem Elias livrá-lo!*» (Mat., XXVII, 49).

O outro, fazendo coro aparentemente, mas vendo as coisas doutra maneira, responde: «*Dei-*

xai, vós próprios, *e vamos a ver, com efeito, se Elias virá fazê-lo descer»* (Marc., XV, 36), como se dissesse: É preciso que Elias tenha tempo para vir! Prolonguemos a vida ao padecente aliviando o seu sofrimento.

Seria agradável supor que esse soldado fala assim por humano respeito ou por necessidade imposta pela situação, e que, no fundo, está comovido e quer praticar uma boa acção sem irritar os camaradas. Dois dos Evangelistas mostram-no *correndo* para ser prestável: o zelo corre; a ironia prefere poupar-se a fadigas. Se aquele soldado fosse uma espécie de bom ladrão menos livre em palavras, ou, dalgum modo, um pobre diabo enternecido pelo espectáculo de tanto sofrimento, compreender-se-ia que o doce Crucificado lhe fosse benigno. Jesus, pronto a saborear a menor parcela de bondade, bebe então da esponja, com uma espécie de alegria, que vale como recompensa.

O último acto dos soldados, antes da morte do Mestre, é a partilha de suas vestes. Não se trata de nova ofensa; era um reconhecido direito sobre o espólio. Um rescrito de Adriano regulamentou-o um pouco mais tarde, dispondo que só se considerariam como espólio legítimo as vestes do con-

denado, os pequenos objectos e dinheiro miúdo que trouxesse consigo no momento da prisão, mas não as jóias preciosas ou um cinto bem carregado de moedas.

Estremecemos ao pensar que aqueles homens grosseiros vão vestir o que velou uma carne adorável; tal conspurcação revolta-nos, mas aqueles miseráveis soldados não podem considerar-se responsáveis, e, agora mais do que nunca, «*não sabem o que fazem*».

Estas palavras pronunciadas na cruz, e que voltam a ocorrer-nos, parecem exprimir perfeitamente os sentimentos do divino Crucificado em relação aos esbirros. Ele não os amaldiçoa; estão na sua frente como os instrumentos da sua Paixão, como os martelos, os cravos e as cordas, só com a diferença de terem uma alma e de ele amar essa alma.

Sem os considerar inocentes, a santa necessidade da sua morte protege, aos olhos de Jesus, os seus executores; vê-os ao abrigo da *vontade do Pai*. Pouco faltou para quase lhes agradecer terem-no assim *levantado da terra* para que tudo atraia a si. E, quanto ao que foi mera iniciativa deles, na casa da guarda da Torre Antónia, não

lhes estará grato por terem oferecido ao mundo, melhor ainda que Verónica, uma imagem que jamais se esquecerá?

Ecce Homo! *Eis o Homem!* A quem ficámos nós devendo a imagem desse homem que é Deus e nosso irmão, desse símbolo das dores meritórias e da realeza conquistada pelo amor? Uma tal imagem parece ter sido mais desenhada pelo Anjo da Paixão do que por soldados brutais; a piedade de todos os tempos gravou-a no fundo das almas; a arte, mesmo a mais profana, não se cansa de contemplá-la e glorificá-la, e virá a acontecer que a impressão de sublimidade será tão forte que desvanece o horror. Em *São Marcos,* sob o pincel de Angélico, o «Cristo dos ultrajes» já só tem um carácter régio, os algozes, uma atitude de servos de um rito grandioso; tudo se apresenta como regulamentado por Deus e os homens parece só intervirem a título de assessores da Providência.

*

* *

A multidão presente, que é numerosa, obriga às distinções que já fizemos. Agora só nos ocuparemos da parte hostil, a que, como sempre, predomina, uma vez que tenha a consciência da sua im-

portância numérica e que os seus condutores lhe imponham a palavra de senha.

O incrível está em que se tenha podido amotinar contra Jesus tanta gente que, toda, e por variadas razões, devia ser sua partidária. Dele só tinha recebido benefícios; a sua palavra despertara-lhe o entorpecido coração; a sua bondade conquistara-a; os seus milagres maravilharam-na; a sua oposição contra os abusos só podia encontrar nela cumplicidade... As suas próprias promessas de felicidade não lisonjeavam os sonhos até mesmo daqueles que delas nada acreditavam?

Onde procurar um agravo? Se se compreendem da parte dos chefes, os anátemas, estes, quando proferidos pela multidão, confinam com o mistério. Por isso, levam bastante tempo a patentear-se e necessitam, para se evidenciar, de um súbito concurso de circunstâncias.

No início do seu ministério, na sinagoga de Nazaré, Jesus dissera, aplicando a si próprio as palavras do profeta: «*O Espírito do Senhor repousou sobre mim; consagrou-me com a sua acção e enviou-me para evangelizar os pobres, sarar os que têm o coração despedaçado, anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a recuperação da vista, restituir a liberdade aos que os ferros esmagam,*

publicar o ano de graça do Senhor e o dia da retribuição». (Luc., IV, 16-30).

Este programa suscitara vivo entusiasmo. É verdade que certas censuras já tinham causado melindres, e que já ali, entre os seus, Jesus conhecera o humor inconstante deste mundo; mas, de uma maneira geral, fora bem acolhido pelas multidões.

Não divisava, nos seus ouvintes, sentimentos hostis, embora pudesse queixar-se da sua inércia e incredulidade, do seu egoísmo e exigências. Muitas vezes fora aclamado; quiseram fazê-lo rei; fora recebido e festejado com reconhecimento... E, nestes últimos dias, após o milagre do *Lazarion,* não parecia que o paroxismo desse amor fora atingido?

«*Um grande profeta surgiu no meio de nós! — Deus visitou o seu povo! — Ele fez bem todas as coisas! — Nenhum homem jamais falou como este homem! — É Elias, é João-Baptista ressuscitado ou um dos profetas! — É o Messias: Hosana ao Filho de David! Bendito O que vem em nome do Senhor!*» Tais são os gritos com que o saudam.

No próprio decurso da Paixão, em casa de Pilatos, a multidão, ao princípio, não parece malévola. Os príncipes dos sacerdotes não a chamaram ali e até a dispensariam bem! Sem Judas e a oportunidade que este proporciona, teriam retar-

dado, para evitar aquela afluência, a satisfação do seu ódio. «*Não no dia da festa*, diziam, *com receio de que um tumulto ocorresse entre o povo*». (Mat., XXVI, 5).

A multidão compareceu por razões que só a ela respeitam; a libertação de um cativo é, naquele dia, um direito seu, que reivindica. Talvez pensasse em Barrabás, mas talvez também pensasse em Jesus, ao intervir, mesmo a tempo, na decisão do tribunal. (Marc., XV, 11-13).

Infelizmente para a sua escolha ou para a sua constância, os dirigentes interpõem-se; têm tempo para isso, porque é o momento em que ocorre o episódio provocado pela mulher do procurador. A troca de explicações entre os esposos deve ter-se prolongado e era natural que, nesse meio tempo, se deixasse aos reclamantes um meio de chegarem a acordo sobre as suas preferências.

Pilatos acaba de propor a opção: «*Qual dos dois quereis que vos entregue?*» (Mat., XXVII, 15) e manifestou o seu pensamento, dizendo: «*Quereis que vos entregue o rei dos Judeus?*» Abandonados a si próprios, os Judeus responderiam sim, mas os príncipes dos sacerdotes influenciam-nos; os seus pontífices têm poder sobre eles, apesar de se queixarem. Além disso, Pilatos acaba de os excitar, por duas vezes zombando do «*seu rei*».

Esse rei, sempre! Esse rei sucumbido; esse rei cuja posição é ainda mais ridícula do que cruel; esse Messias acorrentado perante um procurador romano! Tudo indica que aqui reside o ponto nevrálgico da questão, aos olhos da turba israelita, ontem entusiasmada, há pouco hesitante, e, de súbito, transformada em mar encapelado e hostil.

As multidões não gostam de desilusão; quem lha inflinge pode passar, num momento, da categoria de herói nacional a nada e a menos que nada; as simpatias dão uma reviravolta. Muitas e retumbantes quedas, na história, outra explicação não têm.

Imagine-se agora a que ponto, segundo as ideias judaicas, é descoroçoante a situação de Jesus diante de Pilatos, isto sem falar do contrapeso de acusações a que a multidão dá crédito! O Libertador do povo santo comparecendo como sedicioso e não podendo libertar-se de tal vergonha, é já, antecipadamente, *escândalo da cruz,* e compreende-se que alguns desvairados concluam: Que a sua sorte se cumpra!

O desencantamento passa, agora, a despeito, o despeito passa a cólera, e, pouco a pouco, sob o incitamento de chefes pérfidos, sobe-se à exasperação. A palavra *cruz* foi pronunciada; logo a põem em relevo. A pena da crucificação tantas

vezes recaiu sobre judeus, que se espantam das hesitações do procurador. Uma vez que põem de lado Jesus, este passa a não ser mais que um agitador e um inimigo do Império. «*Que quereis que eu faça dele?*» pergunta Pilatos. — O que fizestes de tantos outros! «*Crucificai-o!*»

Assim completada a reviravolta, o gosto do sangue faz sentir sua inebriante força; um frémito de crueldade circula; às novas perguntas que lhe dirigem e às objecções que lhe fazem, a multidão, já fora de si, só dá uma resposta cada vez mais violenta: «*Crucificai-o! Crucificai-o!*» Chega mesmo a englobar na sua reclamação e na sua responsabilidade não só ela própria mas todo o povo (ὁ λαός) e não só a geração presente mas a sua posteridade: «*Que o seu sangue recaia sobre nós e sobre os nossos filhos!*»

Obedecer-se-á a este grito, mas que tristeza para Aquele que pretendeu unir esse povo ingrato «*como a galinha junta os pintainhos sob as asas!*» Odeiam-no e arremessam-lhe blasfémias, a ele, que se apresentou como um mensageiro de felicidade. Se alguns o acusam de não ter trazido senão quimeras, estas eram, pelo menos, quimeras de inteira bondade; e, agora, respondem-lhe evocando os sonhos da morte.

Aquele povo, que durante séculos o esperou,

recebe-o e não sabe reconhecê-lo; Aquele que deve vir, veio, e torna a partir com todos os seus bens. A sua nação repele-o, mata-o, expulsa-o; mesmo reduzido à condição de cadáver, só o quer para lá dos seus muros. Enquanto ele morre, ela está presente para o escarnecer e insultar. Os que não compareceram estão lá ao longe, nos terraços das casas, agitando os braços e soltando gritos como nos seus dias de júbilo ou de cólera, e Jesus vê, por cima dos muros que a sua cruz domina, esses infiéis à sua ternura, esses inimigos distantes.

Quando o cortejo passou a porta de Efraim, os que ali estacionavam desde o atraente aviso do pretório, os que tinham ouvido pronunciar ou repetir a fórmula legal: «*Vai, lictor, prepara a cruz!*» devem ter irrompido outra vez em ruidosas manifestações. Já não gritavam os seus desejos ou exigências, mas o seu furor. O cruel regozijo daquele dia perturbava toda a razão; a palavra *cruz* estava em todas as bocas, tal como as palavras *sangue* e *morte,* misturando-se com as palavras *Galileu, rabi, profeta, Messias,* proferidas entre risadas.

Exalaram-se todas as ferocidades latentes no coração; a espuma das almas espalhou-se, e aquela antecipada delegação da judiaria secular, dos contraditores e dos rancorosos de todas as épocas, já mais não era que um brado de satânica alegria.

As trevas e outros sinais, dentro em pouco, extinguirão tal delírio; um frêmito de temor correrá; os corações sentir-se-ão oprimidos. Os que aclamam a morte baterão no peito... Ainda será a multidão, com a sua emotividade e suas pueris reviravoltas. Mas permanece a dúvida quanto a saber como a transformação verificada agora, foi, apesar de tudo, possível. As explicações demasiado gerais não satisfazem, mas o desnudar mais os corações seria coisa diferente de uma dessas explicações?

Os místicos dizem que sempre as grandes quedas morais são preparadas por causas ocultas; se para tal se oferece ocasião, cai-se, porque se é imperfeito. Neste caso, a imperfeição consistia em faltar à turba judia contemporânea, seriedade nacional, moralidade profunda, verdadeira religião, e, pelo contrário, estar sòmente preparada para as curiosidades místicas e para as práticas supersticiosas.

O êxito junto dela obtido por Jesus provinha mais do interesse momentâneo e do entusiasmo provocado pelos seus milagres, da fascinação da sua palavra, da maliciosa satisfação de ouvir censurar os príncipes dos sacerdotes e de ver que estes

eram desafiados, do ímpeto de uma imaginação seduzida pelos seus próprios sonhos, do que de uma íntima adesão.

Aquele povo foi deslumbrado, não conquistado; foi desiludido das suas esperanças carnais sem se adaptar ao ideal que vinha substituí-las. Jesus, Messias político, promotor de glória, dispensador de benefícios tangíveis e ofuscantes, como a abolição do poder de Roma, a supressão da dízima e o regresso da *dispersão,* — teria conquistado as tribos *de pescoço hirto.*

Mas as tendências e as doutrinas do Salvador não eram dessa espécie, e eis a razão por que, apenas o brilho se desvanece e as esperanças egoístas são interditas, a multidão muda de rumo; a simpatia torna-se hostilidade; o que Jesus não dá parece que o tira, e o Messias, tal como é compreendido, chega a parecer uma vítima daquele Messias absurdo. Jesus vê-se coroado de espinhos e armado com o cetro irrisório, porque, um dia, se negou a permitir que o fizessem rei.

Não amaldiçoemos excessivamente, nós, hoje em dia, essa turba versátil e, por fim, tão cruel. É a ela que devemos os últimos tempos de Jesus. Ela aclamou a sua morte e talvez, se não fosse ela,

Pilatos não tivesse obedecido aos sinedritas; no entanto, esta última hipótese é frágil e o certo é apenas que sem o entusiasmo do dia de Ramos, sem a simpatia antecedente que levava o rabi como sobre um trono, Jesus teria prontamente sucumbido à sua tarefa.

Quantas vezes a sua carreira esteve para ser quebrada! As armadilhas que lhe estendiam falhavam, porque o ambiente dava ressonância às suas palavras e apoio a seus passos. A sua fama protegia-o. Julgar-se-á que, recebidas pelo silêncio das massas, as suas mais vitoriosas réplicas teriam contado? Julgar-se-á sobretudo que quando ele agia — como, por exemplo, no momento em que ousou o acto inaudito de, sòzinho, expulsar os vendilhões do Templo — se teriam contentado, se não fosse a multidão, com perguntar-lhe plàcidamente: «*Com que direito fazes tu isto?*» Não se tocava no Templo impunemente, mesmo para o purificar; ainda menos se tocava, sem perigo de morte, em reputações sacrossantas e em privilégios de que toda a casta dirigente tirava benefícios.

Convém, aliás, repetir que tudo, neste caso, não foi deixado às liberdades benévolas ou hostis; a multidão, tal como os soldados, não salva nem perde Jesus como causa primeira. A acção do homem pertence ao homem e por ela responde o

homem; mas Deus governa por intermédio do homem e da sua acção. O que se passa no Calvário obedece a Deus; aquela desordem é um desígnio de Deus; aquele ódio é amor de Deus; no decurso dos séculos em que a Paixão, quanto aos seus efeitos, continua, o combate dos espíritos e o choque das vontades mais não fazem que traduzir uma ordem imutável; os destinos eternos cumprem-se e aos olhos de Jesus que o contempla ou da posteridade que o evoca, o tumulto da praça de Efraim, como o das idades, é um tumulto divino.

*

* *

Jesus não vê, do alto da sua cruz, Pilatos e Herodes; vê sòmente as suas moradas, a torre Antónia com as suas cinco torres e o palácio dos Hasmoneus, a sudeste do patíbulo.

Jesus sempre desprezou o tetrarca incestuoso que matou João Baptista; chamava-lhe «essa raposa» e desafiava-o a pôr fim à sua obra antes de ele próprio decidir terminá-la. (Luc., XIII, 32).

No momento em que Pilatos o recambia a esse triste soberano para se esquivar a um caso difícil, não parece que Herodes lhe tenha má vontade nem se lembre dos seus próprios desígnios. Era tão

pouco sério! Fica satisfeito por ver Jesus; sente mesmo *grande alegria, porque havia muito tempo tinha desejo de o ver, por ter ouvido muitas coisas* a respeito do rabi. (Luc., XXXIII, 8).

Não deixou, por isso, de convocar a sua guarda. Talvez sinta medo na presença de um poder misterioso; talvez queira apenas proporcionar aos seus soldados, tal como a si próprio, um curioso espectáculo. Seja como for, o que ele espera é *algum prodígio;* quer um acusado divertido, como o povoléu quer um Messias glorioso; nisto, é multidão, como também o é em ser palrador. Eis que se põe a interrogar Jesus *com muitas palavras.*

Mas Jesus cala-se.

Oh! esse silêncio, como pesa e como esmaga o insolente, edificando o fiel! Como Herodes não possui qualquer autoridade religiosa, Jesus não deve explicar-lhe a sua missão; a verdade não lhe aproveitaria, porque não é sincero; um milagre corrompê-lo-ia e seria apenas abusar de Deus. Jesus encerra-se na sua mudez, resigna-se com humilde paciência mas não se compromete.

Ora Herodes assim desprezado pela segunda vez, por sua vez despreza; sem dúvida, no seu íntimo, odeia, e o tigre esconde-se por detrás do homem frívolo; dissimula, no entanto, e só deixa transparecer o seu desdém; pensando descartar-se

espirituosamente, recambia aquele pretendente ridiculamente vestido de luzida túnica, envergando um trajo de gala como usam os príncipes para a sua investidura.

O Evangelho permite-nos saber que entre Pilatos e Herodes havia, então, certa frieza. Jesus, como galileu, dependia da justiça de Herodes, mas, por ter sido preso na Judeia, dependia de Pilatos; o procurador, mandando-o para o tetrarca da Galileia, além de se ver livre de um acusado importuno, dava como que um passo à frente a caminho da reconciliação. Herodes, lisonjeado, corresponde com o gesto de declinar a homenagem, gesto que, sendo uma espécie de julgamento, também retribui a amabilidade. Eis a razão — observa o Evangelho — por que ficam amigos a partir desse dia.

Ora, entre amigos, graceja-se de boa vontade, e o idumeu, em presença do romano, mostra-se espertalhão. Julgam que o enganam? Ele bem sabe o que deve pensar sobre a «realeza» daquele pobre alucinado! É mero joguete de que se pode rir em família, sem manifestar qualquer juízo antes de saber o que a respeito dele decidirá uma política hábil. Que Pilatos faça dele o que quiser!

E eis o Salvador do mundo transformado em trunfo de partida jogada entre puerilidades prin-

cipescas, enquanto ignóbeis furores contra ele se estão erguendo! (Cf. Luc., loc. cit.).

O caso de Pilatos tem, no acontecimento, mais importância que o do tetrarca; deve, portanto, sobrepôr-se nos nossos pensamentos, como também nos de Jesus. No entanto, Jesus falou dele com indulgência. Aquele romano desempenha, por sua vez, um papel providencial. «*Tu não terias sobre mim poder algum*, diz-lhe o Salvador, *se não te tivesse sido dado do alto*». (João, XIX, 11). E, a respeito disto, Pascal faz a seguinte reflexão: «Jesus não quis ser morto sem as praxes da justiça, porque é muito mais ignominioso morrer por sentença de justiça do que por uma sublevação injusta» (1).

Já houve dois julgamentos, mas não puderam concluir pela sentença de morte; é preciso que tudo se passe conforme a lei, para que se diga que Jesus é culpado e como tal o tratem, para que se opere a misericordiosa substituição que salva os homens.

---

(1) Pascal, *Le Mystère de Jesus*.

Basta que, no plano temporal, cada um guarde as suas responsabilidades, e o Salvador não absolve Pilatos; diz apenas que a sua culpabilidade é menor que uma outra abaixo da qual ainda há uma grande margem, pois que é a de Judas. (João, loc. cit.).

Uma justiça deve fazer-se a Pilatos: ele viu claro, imediatamente, na manha dos sinedritas. As primeiras palavras destes eram de natureza a esclarecê-lo. Quando lhes pergunta: «*De que acusais este homem?*» eles respondem com uma altivez e um arrebatamento suspeitos: «*Se não fosse culpado, não to teríamos trazido*». Desejavam uma confirmação pura e simples da sua sentença.

Assim inteirado, Pilatos vai manobrar de maneira a libertar o preso; mas o seu sentimento de justiça não tem muito fortes raízes; a violência e a tenacidade acabariam por vencê-lo. Aquele político, que preferiria proceder bem, não é dos que se sacrificam nem mesmo se expõem; é pela equidade, quando esta nada custa; aceita todos os compromissos, se a sua tranquilidade ou seu crédito o exige. E este é o seu crime.

A leitura comparativa dos Evangelhos sugere bastante bem o que se passa. Os sinedritas, obrigados a explicar-se, apresentam três acusações:

Jesus é um agitador; opõe-se ao pagamento do tributo; diz-se o Cristo rei. Pilatos, como bom jurista e romano expedito, vai direito aos factos e só se ocupa da última acusação, de que as outras, aliás, dependem.

Interroga Jesus e as respostas obtidas convencem-no de que se trata de uma realeza mística, da qual o Estado nada tem a recear, com que um juiz político nada tem que ver. Declara, então, que, a seus olhos, não existe qualquer crime. Para dar mais segurança à sua posição, procura, aliás, obrigar Jesus a falar perante os príncipes dos sacerdotes, seus compatriotas, confundindo assim estes últimos e pondo em evidência os sentimentos que os movem.

Jesus não diz palavra, o que espanta Pilatos, uma vez que lhe oferece, assim, um meio de se salvar. Mas Jesus aceitou a morte; não pretende defender-se; a sua tarefa está terminada e só espera o final. Repugna-lhe discutir questões judaicas perante aquele estrangeiro; já disse o suficiente para esclarecer uma consciência recta e evitar-lhe, se ela nisso se empenha, uma sentença iníqua; calcula que nada mais é preciso e, doravante, calar-se-á.

Pilatos, então, admira. Poucos acusados ligam tão pouca importância à vida; nenhum assim apre-

senta uma atitude de verdadeira majestade! Quereria salvar aquele «*justo*», como, daí a momentos, dirá o seu centurião, como ele próprio vai dizer, mas sem provocar queixas nem dar oportunidade a acusações perante o imperador.

Dirige-se à multidão. Compreendeu que ela é que pode decidir, naquele debate; que a «*inveja*» dos sinedritas tem por objecto a popularidade de Jesus e a difusão de tendências perigosas para o domínio em que actuam. Calculou bem, porque será difícil aos acusadores confessar os seus sentimentos e resistir à plebe. Mas, neste caso, não conviria falar à multidão de maneira a afastá-la da opinião por ele formada; no entanto, é o que precisamente faz Pilatos, obedecendo ao seu invencível desdém pela canalha judia: «*Quereis que eu vos entregue o rei dos Judeus?*» — *Que quereis que eu faça do vosso rei?*» — «*Devo crucificar o vosso rei?*» Tudo isto é, no seu pensamento, perfeitamente revelador de desprezo, e muito ele se engana se julga não ser compreendido. Um apelo aos bons sentimentos talvez representando a salvação; a ironia vai deitar tudo a perder.

Os príncipes dos sacerdotes, por seu lado, não permaneceram inactivos; durante os intervalos das trocas de impressões e dos interrogatórios, enquanto Pilatos e sua mulher discutem acerca de

um sonho, trabalharam a turba, excitaram-lhe o amor próprio, acusaram Jesus de mil malefícios, e quando o procurador insiste na pergunta: — «*Mas que mal fez ele, então?*» já ninguém raciocina, o ímpeto do ódio já actuou e a torrente precipita-se.

A nova ida à presença de Herodes nada altera; pelo contrário, é mais tempo oferecido à propagação das violências. A oferta de uma pena atenuada? Tais concessões mais não fazem do que arruinar as últimas probabilidades, provando à audácia que saiu vencedora.

Depois de se ter realizado a flagelação — que implica já a entrega de Jesus, porque, segundo a lei, era um preliminar do último suplício — Pilatos tenta, uma última vez, parlamentar, para evitar, se for possível, o crime supremo. Verifica o que os seus soldados fizeram na casa da guarda, o estado a que reduziram Jesus; não faz a menor censura; era, sem dúvida, naturalíssimo, e até pode convir: «*Eis o homem!* diz ele, *eis o vosso rei!*» Mas já é demasiado tarde; é erro mostrar sangue ao tigre. A muitidão exalta-se, grita, apela para César.

Então, é o fim. Essa palavra, *César*, é toda poderosa; é mais forte do que uma consciência como a de Pilatos. Doravante, Jesus tem tudo contra ele, excepto a justiça, e esta fraco domínio exerce sobre um ambicioso, um fraco, um diletante,

um inimigo de preocupações; não basta para o levantar contra uma coligação tornada perigosa.

Pilatos «*cede à vontade deles*»; em lugar de ser um árbitro, faz-se executor; renuncia ao seu juízo, ele, responsável, para participar no crime doutrem, e julga proteger-se recorrendo a uma ablução que enfeita com estas palavras: «*Eu estou inocente do sangue deste justo; a vós compete resolver*». (Mat., XXVII, 24).

A sua manha de poltrão tem um certo êxito; a multidão, em nome do próprio povo, toma *sobre si e sobre seus filhos* a responsabilidade do enorme crime; mas, tomando-a, apenas a partilha, pois não pode dela desobrigar o juiz sem o qual nada seria possível.

Quanto à lavagem das mãos, não passa de supersticiosa farçada. Os Romanos e os Judeus, com variantes de interpretação, utilizavam tal gesto para afastar a vingança de sangue. Pilatos crê nessa espécie de esconjuro; a cobardia e a superstição entendem-se muito bem. Além disso, sua mulher ficará mais tranquila; dá-lhe, embora ponha de parte os seus conselhos, um simulacro de satisfação. «Como vês, desinteresso-me e este povo toma tudo sobre si!»

Não insistamos mais sobre a vilania de semelhante procedimento e sobre a gravidade da sentença que deveria ser dada, com toda a justiça, pelo juiz que subiu ao Calvário: Essa sentença é, efectivamente, misericordiosíssima, mas a misericórdia dirige-se ao pecado e este é, em si mesmo, tão terrível, que é necessário, para lhe diminuir o horror, a comparação estabelecida pelo próprio Jesus: «*Aquele que me entregou a ti cometeu maior pecado*». (João, XIX, 11).

*

* *

Antes de chegarmos a essa suprema responsabilidade e de mencionar Judas, há que considerar o caso dos sinedritas e dos seus cúmplices não oficiais, Saduceus ou Fariseus.

A esses, vê-os Jesus, porque vieram regalar-se com os seus sofrimentos, verificar *de visu* o êxito de suas intrigas. A sua dignidade não se ofende nada com misturar-se com a plebe, com a criadagem, com a soldadesca grosseira, quando se trata de injuriar um supliciado. Onde não leva a paixão?! Será ali o lugar daquelas personagens que tão ilustres se consideram? Não temem diminuir

o seu poderio, traindo a sua baixeza? E que ideia fazem da gravidade da morte?

Uma modalidade de atitude parece, todavia, observar-se: aqueles insultadores não se dirigem directamente a Jesus; trocam, entre si, os motejos que lhe destinam.

Podem dispensar discursos directos: outros se encarniçam no seu uso, — outros, cuja língua eles carregaram de frases insolentes. Os «*transeuntes*», o «*povo espectador*», os «*soldados*», os «*ladrões*» são apenas seus mandatários. Eles próprios, os príncipes dos sacerdotes, tomam parte, por momentos, no concerto que desveladamente organizaram (Luc., XXIII, 35), mas é sobretudo de um para outro, em convívio escolhido, que deixam transvasar o seu ódio.

«*Os príncipes dos sacerdotes também escarneciam, com os escribas, dizendo: Ele salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo?! Que o Cristo, o rei de Israel, desça agora da cruz, para que nós vejamos e acreditemos!*» (Marc., XV, 31-32). Dir-se-ia que se encorajam mùtuamente; cada qual quer adquirir a garantia do seu bom direito e provar aos outros que o tem; tranquilizam-se colectivamente.

Talvez haja alguns que hesitam, que lamentam. Sabe-se que no conselho não houve unanimidade

e que José de Arimateia não deu seu voto «*não concordando com a determinação dos outros nem com os seus actos* (Luc., XXIII, 51); sentem-se felizes por o veredicto ter uma última confirmação.

Afinal, ainda seria tempo de voltar atrás! Não há opiniões preconcebidas! Cristo, a quem tudo é possível, que desça «*agora*» da cruz! Esquecer-se-á que nela se deixou pregar; reconhecer-se-á, finalmente, o seu poder e o seu reino. Que se veja isto e, então, crer-se-á.

Ter-se-á notado que a fala destes sacerdotes contém uma confissão? «*Ele salvou os outros...*» Evidentemente podem tomar-se estas palavras no sentido irónico, como se significassem: «Ele pretende ter salvo!» Mas o contexto e os precedentes sugerem antes que a consciência deles os importuna a respeito dos «*sinais*» prodigalizados pelo divino Mestre. Eles viram milagres e fecharam os olhos. Quando lhes mostraram doentes curados, mortos ressuscitados, disseram: «*Que faça um prodigio no céu!* (Mat., XVI, 1). À medida que os prodígios se multiplicavam, exigiam outros e continuavam a dizer: «*Vejamos, que milagre fazes?*» (João, VI, 30).

A má fé é sempre assim; nada jamais lhe basta; à medida que a satisfazem, apresenta novas

pretensões e defende-se de uma adesão inevitável, transferindo-a, sem cessar, para o futuro. Não queria Renan que o milagre se operasse sob os seus olhos, em presença de um júri de sábios, obedecendo às nossas ordens e repetindo-se segundo a nossa vontade? Punha-se, assim, ao abrigo de toda a convicção eventual; o milagre deveria deixá-lo em paz.

Os sinedritas são precursores deste ensinamento. Vede aquele Messias! Quatro pregos são mais fortes que ele, e queriam que nos contentássemos com pretensos milagres nos quais um Messias autêntico tão fàcilmente imprimiria a sua marca? «*Olá (vah, οὐά), tu que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, salva-te a ti próprio; se és o Filho de Deus, desce da cruz!*» — «*Ele pôs em Deus a sua confiança; que Deus o livre agora, se lhe quer, bem; porque ele disse: Eu sou o Filho de Deus*». — «*Se ele é o Cristo escolhido de Deus, que o mostre, libertando-se a próprio*». — «*Se tu és o Cristo, sim, tu, salva-te e a nós contigo*».

Este último grito partia de uma das cruzes e misturava-se com os que subiam da multidão ou com os murmúrios vindos do grupo dos pontífices; mas a origem era idêntica: tratava-se de uma «palavra de ordem», que se acentuava meneando

a cabeça, sinal, nos Judeus, de sarcasmo e de cruel alegria. Porque ali há duas coisas: o orgulho, que zomba; o ódio, que insulta e se refastela.

Jesus, que se recusou aos protestos quando havia ainda esperança de salvação, não vai agora replicar da cruz. Conhece aquelas frases: foram-lhe dirigidas, no início da sua missão, por aquele de quem os Judeus são apenas satélites. Satanás disse-lhe: «*Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo*». (Mat., IV, 6). Mas de que teria servido esse milagre? E para que serviria agora que Jesus se salvasse a si próprio, se, assim, se mostrava incapaz de nos salvar?

Fará um milagre maior. Na verdade, que será mais difícil: descer da cruz ou sair do sepulcro? Há muito tempo que Jesus aponta para esse *sinal de Jonas,* tão deslumbrante aos olhos do futuro que os apóstolos, só porque dele foram testemunhas, julgarão ter uma missão suficiente.

É edificante procurar, como, há pouco, queria Pilatos, os motivos que estabeleceram entre Jesus e os chefes da sua nação, o conflito que a cruz termina. Falámos das razões da multidão: destas

participam os chefes, embora as suas informações, por serem mais seguras, e os seus espíritos, por serem mais cultivados, os defendam dos erros do vulgo. Outras razões tiveram e quanto mais fortes!

Para julgar com precisão, é necessário saber quem é essa gente.

Os chefes pròpriamente ditos compõem o *Sinédrio,* simultâneamente tribunal, parlamento e concílio. A assembleia é formada de três ordens: os *Principes dos Sacerdotes,* os *Escribas* e os *Anciãos.* Os primeiros destes dignitários compreendem o Sumo Sacerdote em exercício, os antigos Sumos Sacerdotes, os seus parentes próximos e os chefes das grandes famílias sacerdotais. Os segundos, os *Escribas,* são sobretudo sábios. Quanto aos *Anciãos,* são padres ou leigos influentes que não fazem parte das duas primeiras ordens.

O Sinédrio é desigualmente recrutado nas duas seitas religiosas que partilham Israel: a dos Saduceus e a dos Fariseus.

Estes últimos são os *separados,* os *puros,* zeladores da lei, comentadores e casuistas subtis, rigoristas interiormente, desconfiados das exteriorizações e grandes inimigos do domínio romano. Esperam o Messias e são espiritualistas, crendo nos anjos, na alma e na imortalidade.

Pelo contrário, os Saduceus, gente rica e pouco

numerosa, são suficientemente céticos, materialistas e amigos dos prazeres; representam uma aristocracia arrogante; admitem a lei, mas não aceitam os comentários e todas as tradições farisaicas; não se preocupam com o Messias; entendem-se bem com o domínio romano e são de opinião que se viva em paz com os estrangeiros. São amigos de Herodes e de César. O povo inveja-os, ao passo que tem seu fraco pelos Fariseus, cuja manifesta piedade e mais elevadas crenças os impressionam.

O *Mau Rico* da parábola parece ser um desses Saduceus, que, após uma vida de gozo egoista, desperta, de repente, numa outra vida, de que duvidara e para a qual não estava preparado.

Toda esta gente está muito dividida, mas sabe unir-se quando lho ordena o interesse comum ou um grande ímpeto apaixonado. Foi o que aconteceu no caso de Jesus.

Os chefes saduceus erguem-se contra Jesus sobretudo por razões políticas; ele perturba o seu poder e, dizem, arrisca-se a pôr em perigo a nação. É o argumento de Caifás: «*Nada entendeis disto; não considerais que é de vosso interesse que um homem morra pelo povo e que não pereça toda a nação*». (João, XI, 50). As contendas doutrinais interessam-lhes pouco, mas entram nelas por cálculo e, sobretudo, servem-se delas.

Os Fariseus fazem incidir neste último ponto o essencial da sua oposição; atacam Jesus em nome do mosaísmo, a seus olhos comprometido por uma pregação *inovadora*. São puros, e Jesus corrompe o povo: respeitam uma tradição a que se prendem mais que à própria lei: Jesus não a tem na menor conta e considera-a em contradição com uma verdadeira moralidade.

Jesus não pratica as abluções; convive com os Publicanos e os pecadores; nem ele nem seus discípulos jejuam; não observam o *sabbat*, visto que, nesse dia, *os Doze* esfregam espigas entre as mãos, ao atravessar as searas, e Jesus cura paralíticos. É um homem de Satanás, um sequaz de Belzebut, o deus de Acaron.

Durante todo o decurso da sua vida pública, Jesus encontrou-se perante estes Fariseus. Os menos rancorosos não lhe perdoavam trazer ao seu mundo, envelhecido por jejuns, palavras eternas; a maior parte enfurecia-se e perseguia-o em todos os campos que ele pisava. Os Saduceus espiavam-no sobretudo de longe, mas também os vemos aparecer aqui e ali.

É certo que ele não os poupava! A sua doutrina não se preocupava com adaptar-se às concepções deles; a sua prática desprezava os preceitos deles; o contraste que acentuava entre a antiga

e a nova lei só podia doer-lhes, e aquela rectificação: «*Eu não vim destruir, mas completar*» não lhes dava a menor satisfação.

Ele pretendia remir os pecados; apresentava-se como mestre do *sabbat;* deixava que lhe chamassem Messias, Filho de David, Filho de Deus, e outras «blasfémias». Mas sobretudo — sobretudo! — tomara, em várias circunstâncias, a ofensiva, uma bem vigorosa ofensiva contra os chefes do seu povo, os quais amachucara com tais desprezos e tais invectivas, que deviam esperar-se terríveis reacções.

«*Guardai-vos com cuidado,* dizia ele, *do fermento dos Fariseus e dos Saduceus*». (Mat., XVI, 6)». «*Não passa de hipocrisia*». (Luc., XII, 1). Pintava esses orgulhosos sectários como falsos puros, que cortesãos precederiam no Reino; opunha à espectaculosa oração deles a do bom publicano, que se retira justificado quando eles são amaldiçoados.

Não tomava a sério o seu ar de jejuadores profissionais, as suas vestes longas e flutuantes, as suas franjas e os seus amuletos. O decálogo dançava, em rolinhos, diante dos olhos deles, mas não os governava; a sua religião mais não era que um instrumento de lucro, uma oportunidade de *exigir os primeiros lugares;* o amor que dedicavam à lei era

um estulto formalismo ao pé da letra e contrário ao espírito, sacrificando a vãs tradições os preceitos divinos. Mercadejavam o Reino dos céus e dele se consideravam bilheteiros e traficantes avaros, mas não entravam nele. *Cegos guias de cegos*, não deixariam cair na cova toda a caravana?

O paroxismo deste combate e o desenlace da crise que, durante três anos, conheceu fases diversas, tiveram lugar dois ou três dias antes da Paixão. Daí, data a acusação pùblicamente fulminada no próprio Templo contra os que deste se diziam guardiões: «*A desgraça recaia sobre vós, Escribas e Fariseus hipócritas, que purificais o exterior da taça e do prato, e, por dentro estais cheios de rapina e de imundície... Sepulcros branqueados que de longe pareceis belos aos olhos dos homens e por dentro estais cheios de ossos de mortos e de toda a espécie de podridão... Serpentes, raça de víbora, como escapareis à condenação da geena?*

Estes anátemas prosseguiam por uma espécie de desafio cujo alcance não podia escapar a ninguém. Jesus evocava, para além dos seus próprios inimigos, todos os matadores de profetas: «*Sois bem seus filhos*», dizia; «*enchei, pois, a medida de vossos pais, de tal maneira que sobre vós caia todo o sangue que foi derramado na terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias,*

filho de Baraquias, que matastes entre o Templo e o altar». (Mat., XXIII).

Calcula-se que uma tal linguagem equivalia, para quem a usava, a uma condenação. A partir desse momento, e talvez mesmo antes, a hostilidade dos chefes de Israel reveste-se de carácter oficial; apresenta-se uma acusação jurídica. É esta a razão por que, no Evangelho, os Fariseus e os Saduceus já só serão designados pelo nome dos seus representantes sinedritas: os *Príncipes dos sacerdotes*, quanto aos Saduceus; os *Escribas*, quanto aos Fariseus, e os *Anciãos*, que abrangem uns e outros.

A opinião dos primeiros devia pesar mais junto do poder romano, visto que essa aristocracia acomodatícia era favorável a Roma, e visto que ela detinha o poder religioso, embora fosse obrigada a exercê-lo, por causa do povo, dentro de certa dependência em relação ao grupo farisaico. Por isso os pontífices se põem em evidência no tribunal de Pilatos, e o seu ódio é de todos o mais feroz, porque é o mais sacrílego e o mais rudemente egoísta.

Apodera-se deles uma tal raiva que nada lhes parecia bastante para punir o inimigo finalmente caído por terra. Aquelas almas de lama e de fel, aquelas víboras viscosas, também são seres sanguinários. Os seus rostos polvilhados e pintados escondem paixões odiosas. Há três anos que lutam:

é preciso que a sua vitória se assinale por um suplício inqualificável.

Sabe-se o que pedem e o que sugerem à multidão que exija, além de Barrabás, como segundo presente festivo? É de recear que no nosso espírito a imagem esteja um pouco desvanecida, e que o hábito de admirar crucifixos elegantes, de marfim e de prata, à cabeceira dos leitos, ou, de bronze, nas estradas, ou de talha, ou em pequenos berloques, tenha embotado, em nós, o sentido do que se continha nesta furiosa vociferação: *Crucificai-o!*

O suplício da cruz era considerado, pelos Romanos, como a mais cruel e a mais infamante das sanções penais; guardavam-no para os escravos que se consideravam inferiores à humanidade. Os Judeus, cuja lei o desconhecia, tinham tal horror a esse tormento estrangeiro que o seu odioso recaía sobre toda a família do supliciado, que passava a ser uma *casa de crucificado.*

A desnudação vinha aumentar o vexame. Quando se trata de Jesus, sobe-nos a cor ao rosto. «*Aquele que se revestiu de luz como de um trajo*» quer despojar-se de tudo, excepto talvez, após um momento de absoluta perturbação, do pano que respeitosas mãos lhe concedem. A lei não parece ter-se oposto a essa suavização; o costume judeu aceitava-o e Maria estava ali, com as santas mulheres.

Mas que necessidade haveria de humilhar ainda Jesus, ladeando a sua cruz, que já se suspeita de gloriosa, de cruzes com celerados!? Preferiram-lhe Barrabás; incluem-no na categoria de dois ladrões. Porquê, dois? É lícito perguntar se, parecendo-lhes atenuado o vexame da vergonhosa vizinhança, não procuram uma compensação no número. A não ser que os algozes procedessem assim para ganhar tempo! Nesse caso, o sentimento e os actores sofrem grande mudança, mas a injúria subsiste.

No que respeita a sofrimento, a cruz era uma invenção satânica; a morte por fogo lento era menos horrorosa. O condenado era pregado à madeira. Calcule-se o efeito de cravos quadrangulares, com 10 a 12 centímetros de comprimento, perfurando uma região enervada e rica de vasos capilares, como as mãos e os pés! O nervo mediano das mãos era particularmente ofendido e a dor irradiava por todo o membro.

Os pés tiveram de ser assentes na madeira para se pregarem, e, repuxados por meio de uma flexão dos joelhos, causavam um sofrimento e cãibras terríveis; os joelhos furavam o espaço e um trabalho muscular esgotante era exigido a todo o corpo. Se houvesse uma cavilha de amparo *(antenna)*, seria, quanto a isso, um alívio, mas também uma dor localizada.

A imobilidade provocava contracções e uma congestão progressivas. Invencivelmente a vítima procurava aliviar-se apoiando-se nas mãos e nos pés. Tentava pequenas deslocações e só à custa de novas torturas conseguia atenuar a angústia.

O esgotamento vinha depressa e não tinha remédio. O paciente não desmaiava; essa evasiva da natureza, que foge da dor pela inconsciência, era repelida por contínuas e violentas picadas.

O peito estava horrível e convulsivamente contraído; a posição dos braços e a tracção dos músculos intercostais tornavam a respiração ofegante; o supliciado sufocava; o coração, sujeito a um trabalho excessivo, palpitava com precipitação e dèbilmente, do que resultava, para o sangue, uma regeneração imperfeita, um excesso de ácido carbónico, uma acumulação de detritos; daí proveio, ulteriormente, a excitação tetânica das fibras musculares, a congestão do cérebro, o «círculo de ferro», coroa interior, se tal pode dizer-se, a completar a outra.

Os músculos do pescoço trabalhavam desesperadamente; a cabeça, a que a coroa de espinhos não permitia manter o equilíbrio, inclinava-se sem encontrar um ponto de apoio; os espinhos torturavam-na não só pelos picos mas pelo tamanho. Daí também provinham cãibras, maior congestão, manifestações tetânicas.

Não esqueçamos a sede, suplício por excelência dos feridos. Jesus nada bebeu desde a sua prisão, digamos desde o Cenáculo; esteve sempre com febre, suou sangue; foi acorrentado; maltrataram-no em casa de Caifás; flagelaram-no em casa de Pilatos; carregou a sua cruz nas condições que sabemos; recusou a bebida calmante, e a estação das trovoadas, em Jerusalém, aumenta muito o ardor da sede.

Agora, o arquejar, que obriga a boca a abrir-se, vai secar, até aos pulmões, as mucosas irritadas. As suas veias esvaziam-se, cada vez mais, se não de sangue, pelo menos de líquido verdadeiramente nutritivo e refrigerante.

A hemorragia—julga-se—não era muito abundante; as feridas dos cravos depressa se obstruiam com os coágulos; o supliciado, porém, nada ganhava com isso: o sangue retido não podia regenerar-se e uma nova espécie de hemorragia substituia a outra; era o que os antigos cirurgiões chamavam uma «hemorragia de dores». Por um esgotamento nervoso comparável a um derramamento sanguíneo, a morte, lentamente, com um método sábio e uma habilidade de verdugo, chamava a si o paciente extenuado.

Compreende-se que a cruz tenha sido chamada um «leito de pavor», e que a sua contemplação,

quando Jesus nela figura, tenha arrancado aos místicos, gritos dilacerantes. O amor é engenhoso na evocação da cena, e integrado naquilo que ama, sofre os espasmos do crucificado com uma lancinante fidelidade.

Foi com certeza um místico quem introduziu no *Vexilla Regis* estas súplicas à cruz, em que o essencial da tortura tão bem se adivinha: «*Flecta ramos, arbor alta, tensa laxa viscera... Curva os teus ramos, árvore poderosa, relaxa essa carne esticada, essas visceras dolorosas; que o teu inato rigor se adoce e que os membros do Rei Supremo se estendam com mais doçura sobre os teus ramos!*»

É o protesto da ternura; ela vai unir-se à queixa do Crucificado interpretada pelo profeta: «*Eu derramei-me como água e todos os meus ossos se desconjuntaram; eis vêm assaltar-me os cães; um bando de celerados ataca-me; trespassaram as minhas mãos e os meus pés; eu poderia contar todos os meus ossos*». (Salm. XXI, 18).

Mas os pontífices de Jerusalém têm almas de hienas; não desarmam; são daqueles orientais que a paixão domina e lambem o sabre com que mataram o inimigo; «*a sua língua é uma espada aguçada*», diz o salmo (Salm. LVI, 5); «as suas mãos estão desarmadas, acrescenta Santo Agostinho,

mas a sua boca não está; dela sai uma lâmina que mata Cristo».

Trata-se, efectivamente, de uma represália; ele próprio os feriu sem piedade; flagelou-os com aquele amor *forte como a morte* que proíbe que se toque nas almas que lhe pertencem. Recusou-se a ser um homem deles e eles mataram-no, julgando assim salvar os seus privilégios; mas a última palavra não foi dita: as forças de vida trabalham e a morte dele matá-los-á.

Dever-se-á pensar que a obstinação dos verdugos os exclui das palavras celestes: «*Meu Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*»? Não. Jesus não exclui ninguém. Também eles, até certo ponto, não sabem o que fazem. Ignoram a extensão do seu crime. Por muito grande que apareça à sua consciência desonrada, este crime não pode pesar nela por aquilo que realmente é: um crime universal.

Poder-se-á pensar que imaginam Jesus, aquele Jesus que vive no meio deles e os ofende, como nós podemos fazê-lo após quase vinte séculos de vida misteriosa, de glória e de amor? É mais difícil acreditar em Jesus quando ele avança por terra da

Judeia do que quando prova um reino sobre-humano.

Os Fariseus vêem os seus milagres e não vêem o seu poder; o Deus oculta-se sob o ser carnal. Estão de má fé, mas também, para crer, teriam necessidade de mais fé. Carnais como nós, não têm o que a nós nos socorre; substituem-no pelas suas conveniências imediatas, as suas prevenções, as suas mútuas influências. Quem poderá dizer até que ponto a consciência deles está iludida, até que ponto ela é claramente e bem abertamente celerada?!

Jesus é um revolucionário; impossível é negá-lo. A sua santa revolução deve ser aceite, mas isso é tão difícil para alguns, que a reacção dos interesses feridos, dos preconceitos contrariados, pode ter uma vaga desculpa. Jesus, que *sabe o que existe dentro do homem* e tudo pesa numa balança exacta, não desespera de encontrar, mesmo nestes inimigos, com que abrandar um pouco seu Pai e em que fundamentar o seu próprio perdão.

*

* *

Depois da turba ruidosa, irrequieta, cobarde e cruel, eis a cloaca secreta, o mistério, a iniqui-

dade sombria e cautelosa, eis Judas. Judas, «*um dos Doze*», como acentuam os Evangelistas; Judas, o homem de Cariot — «indicam-nos a sua pátria, escreve São João Crisóstomo, quando nós quereríamos ignorá-lo a ele próprio».

Cariot é uma localidade da Judeia; Judas não é galileu como os outros; foi, no entanto, chamado nas mesmas condições, encorporado e admitido, no sopé da montanha, após a oração.

Jesus, embora sabendo tudo, não o repeliu. Quando o homem se oferece, Deus recebe-o; Deus não diz: Tu não perseverás, é inútil eu acolher-te. Nós, como seres livres, assumimos responsabilidades que não excluem também uma Providência respeitosa e paciente; a liberdade do homem é um mistério que pode parecer uma limitação do poder divino; digamos que sob esse governo da Providência, a alma é tão independente como se fora só, mas todavia tão dependente como qualquer ser em relação ao seu Criador.

Judas ocupa um lugar bem determinado no grupo apostólico: tem a seu cargo as despesas; guarda o que é oferecido para os pobres e para as necessidades diárias. O tesoureiro do pequeno grupo recebe, portanto, de seu Mestre e de todos, um testemunho de particular confiança. Ora ele é um ladrão. São João assim o classifica, sem

eufemismos, e talvez haja nisso, mesmo que se interprete superficialmente o facto, uma revelação.

Um ladrão que se junta a Jesus não pode ser um ladrão qualquer; é, com certeza, coisa diferente de ladrão: o seu vício é filho de um outro vício, e a sua cobiça deve ter um objectivo de que o dinheiro é mais símbolo do que substância.

Jesus nenhum valor dá ao dinheiro; certamente não permite que o amealhem, e, portanto, pouco haverá que roubar, junto dele. Mas esse fundador do reino de Israel não seria fornecedor doutros bens? O dinheiro virá, sem dúvida, por acréscimo; a grandeza trá-lo, — mas que não será possível obter, sendo-se dos seus, no momento em que a sua glória vai brilhar?

Judas é um ambicioso. Não teve a lealdade de dizer, como os filhos de Zebedeu, pela boca da mãe: Eu quero um belo lugar no reino! Estes são crianças; ele, Judas, é um homem; é um calculista. Introduz-se nas fileiras; conquista confiança; manifestará dedicação enquanto for preciso; não o distinguirão dos outros. Entretanto, os acontecimentos precipitam-se e o Messias torna-se maior; ver-se-á bem em que tempo e sob que forma se deverá revelar.

Acreditou em Jesus, aquele homem! Quer dizer: farejou um poder e entreviu uma vida magnífica.

Entregou-se mas para lucrar; jogou sobre a sua entrada na actividade messiânica, à qual atribui, como a maior parte dos seus compatriotas, um objectivo todo carnal.

Os outros discípulos alimentam muitas ilusões do mesmo género, e também eles têm suas ambições; mas amam; a sua dedicação é, de começo, generosa, e, se houver necessidade, será desinteressada. Judas não ama nem pouco nem muito; o seu coração tão seco, patenteia-se em casa de Simão, o fariseu, quando, presenciando uma cena como bem poucas há na história da humanidade, o ouvimos dizer apenas isto: «*Para que serve tal desperdício?*»

Um homem que fala assim está julgado; está abaixo da vulgar humanidade, e, com mais forte razão, de um mundo superior. Que faz, portanto, num grupo cuja razão de ser é uma superioridade de vida e de concepção? Só pode atraiçoá-lo.

Judas está entre os Doze, mas não é um deles; acompanha o grupo, mas não os sentimentos deles e, muito menos, os do seu Chefe; está ali o seu corpo, mas não a sua alma. Aquele «ladrão» quer roubar o reino de Deus e dele fazer um objecto de lucro; enquanto aguarda oportunidade, tem seus pequenos lucros e vai esperando pacientemente.

Mas a paciência de homens assim, depressa se esgota. Judas não deixa de ver que as coisas da

sua comunidade começam a correr mal; cada vez mais se vão embrenhando numa vereda que não é a sua. Eis um crente a quem o *Sermão da Montanha* deve ter causado grande decepção!

Os perpétuos presságios de desgraças sem dúvida o impressionaram e ouve-se o seu coração a murmurar: Então ter-me-ão enganado!? Transviei-me numa empresa absurda. Prometeram-me um futuro e, agora, confessa-se que subscrevi a minha perda. Pereça Aquele que só fala de perecer e pereça esse lugarejo a que chamam reino!

Já dissemos que parte teve a decepção na reviravolta e na crueldade da multidão judaica; a traição de Judas patenteia uma igual raiz, que se desenvolve ao máximo. Desiludido, Judas torna-se azedo; não amando pouco ou muito, irrita-se; o constrangimento que é forçado a impor-se, vai-o minando surdamente; de dia para dia se concentra mais. Não podendo libertar-se sem retratação, sem se desmentir a si próprio, sem vergonha, talvez sem perigo, odeia.

Isto responde a uma pergunta que ocorre ao espírito quando se tenta compreender um tal monstro. Diz-se: Se Judas moralmente deixou de estar com os Doze e com Jesus, porque não se afasta sem ruído? — «Este caminho filosófico, responde Loisy, é daqueles que um Judas quase nunca segue.

O ser moralmente inferior que se encontra em presença de uma situação demasiado difícil para ele, não se contenta, vulgarmente, com desviar-se; tenta escapar-se por meio de um acto vil e violento».

É assim mesmo. Judas não pode afastar-se sem crise; está demasiado comprometido interior e exteriormente. Que será dele, qualificado involuntàriamente como discípulo e já não tendo as garantias do discípulo, inimigo, ao mesmo tempo, do novo Israel e do velho, de Jesus e de seus acusadores?

A salvação, tal como ele a entende, só pode aparecer, a seus olhos, numa direcção, e, vendo bem, compreende-se a terrível tentação que deve assaltar aquela alma. Quando dois bandos inimigos estão em presença e lutam como em campo cerrado, que faz um soldado ansioso por desertar? Passa para o inimigo; nenhuma outra evasiva se lhe oferece. Tendo atraiçoado, manifesta-se zeloso para vencer desconfianças que fareja; para se resgatar, chega ao extremo.

Judas não segue outro método. Os príncipes dos sacerdotes estão resolvidos a causar a perda de Jesus; Judas sabe-o, uma vez que Jesus sabe, e, além disso, o facto é assaz evidente; só se aguarda uma oportunidade. Ora esses que espreitam do outro lado da ponte, que mais são, para o que espreita do lado de cá, do que secretos cúmplices?

Se fosse ter com eles?... Formando nas suas fileiras, lado a lado com eles, destruindo, pela traição, o efémero Reino, ver-se-á liberto da sua escabrosa posição, terá alcançado terra firme.

Os trinta dinheiros intervêm, é certo, e poder-se-ia pensar que tudo explicam, mas, reflectindo melhor, a inverosimilhança salta à vista. Trinta dinheiros não é nada; não mais de 85 francos franceses, preço de um escravo; não mais do que poderia custar o perfume de Madalena, e Judas recupera assim esse dinheiro «desperdiçado». Mas uma acção de tal consequência poderia só valer aquilo?

Afastemos qualquer consideração de ordem sentimental e ainda nos encontramos perante a audácia que é necessária, os riscos a correr, a procura de meios para realizar... Pode haver espadeiradas, e haverá. Um homem que teve paciência para esperar tanto tempo expõe-se assim e age por semelhante quantia? Não. Os dinheiros, neste caso, são acessórios; a vilania é que surge em todo o seu horror.

Há almas em que a traição ainda pode revestir-se de certo orgulho e procura embelezar as aparências; aqui, não: surge, desenfreada, dando largas às baixezas habituais, e toma uma forma aparentada com os vícios quotidianos. Judas dei-

xa-se ver na sua traição como era no período de infidelidade latente: avaro, ambicioso, e de uma forma grosseira, mesquinha, em harmonia com o seu carácter. Achando bem receber só trinta dinheiros, dir-se-ia que só quer ter à mão qualquer quantia para os primeiros dias da sua liberdade.

No Cenáculo, no momento em que Jesus dá ao traidor pão molhado e assim misteriosamente o designa, João observa: «*A seguir ao que tragou, Satanás entrou nele*». Entrou nele, diz São João Cristóvão, como numa praça sem defesa; entrou nele, diz o Venerável Bède, pela segunda vez, porque já entrara, pela primeira, no momento em que se decidia o seu crime. Nesse dia da traição consentida, Satanás entrara em Judas como numa casa estranha; agora, entra como na sua própria casa.

Não se poderia dizer que já há muito lá se instalara? Pode e deve-se, se remontarmos ao que Jesus disse há já um ano, após a multiplicação dos pães, no momento das explicações sobre o pão da vida e a natureza da divina mensagem. Judas, que no 13 de Nissan se levanta da mesa no meio das efusões eucarísticas para consumar o seu odioso

crime, já, por ocasião da própria eucaristia, manifestara o negrume da sua alma.

Foi daqueles que diziam: «*Esta linguagem é dura, e quem pode ouvi-la?*» A propósito, João observou: «*Jesus sabia desde o começo quais eram os que não criam e quem era o que devia trai-lo*». Por isso, diz: «*Não fui eu que vos escolhi, a vós, os Doze? E um de vós é um demónio*». (João, VI, 67-71).

Eis, pois, Jesus, há um ano pelo menos, arrastando atrás de si um homem que assim desmascarou. Trata-o como aos outros; chama-lhe também um *amigo;* deixa sobre ele brilhar, como sobre todos os outros, a sua alma luminosa; permite-lhe todos os direitos e todos os benefícios da intimidade.

Não o vemos a recusar-lhe os serviços, mesmo no domínio espiritual, nem a excluí-lo, quando no tempo do entusiasmo de seus companheiros, os enviava, dois a dois, encarregando-os de preparar a sua tarefa, confiando-lhes, para os proclamarem, conforme cada qual pudesse entendê-los, *os segredos do Reino.* Na véspera, à noite, lavou-lhe os pés. Tão solene humildade não conseguiria vencê-lo? Pelo menos, é indício de que a doçura ainda não se arredou dele. Pensa-se naquela predição do profeta: «*Ele não quebrará a cana partida e não*

apagará a mecha que ainda fumega». (Isaías, XLII, 1-3).

O procedimento de Jesus para com Judas não é senão o de Deus em relação a cada alma, em relação a cada grupo, em relação à humanidade inteira: paciência verdadeiramente assombrosa, até que toda a esperança esteja perdida e que o homem tenha consumado a sua própria perda.

A longanimidade de Jesus não foi passiva. Quantas sucessivas prevenções! A palavra «demónio», atirada há um ano, sem designação pessoal, convidava às reflexões e permitia reconsiderar. A melancólica frase de ontem: «*Vós sois puros, mas não todos*» era um apelo. «*Um de vós trair-me-á*», era outro. Ainda outro se continha nestas palavras: «*O Filho do Homem vai-se conforme o que dele está escrito, mas desgraçado do homem por quem o Filho do Homem será entregue*». (Mat., XXVI, 24).

Jesus procede com tanta delicadeza que os Doze, até ao último momento, perguntam uns aos outros «*qual dentre eles poderá assim praticar uma tal acção*» (Luc., XXII, 23); cada qual receia por si e não suspeita qualquer outro. Mas entre Jesus e Judas o colóquio não se reveste de mistério. Se

Jesus adverte o «amigo» de que o seu desígnio está descoberto, não será por que premedita afastá-lo do crime, se puder ser, e levá-lo a confessar e a detestar a sua ainda curável felonia? «*O que tu fazes, fá-lo prontamente*», diz-lhe como última palavra, e ele, em vez de cair aos pés do seu Mestre, some-se na noite.

A palavra de ordem: «*Aquele que eu osculár, é ele; prendei-o*» parece ter sido dada no regresso do Cenáculo. Que alma tem, então, aquele desgraçado, para ir assim escolher como sinal um testemunho de amor?

A traição provoca uma dor régia; Jesus há muito lhe conhece o gosto; saboreia-a plenamente nessa cena nocturna. A sua divina face apoiada à ignóbil boca de Judas é a suprema volúpia do seu tormento. Noutras circunstâncias, cala-se; agora, quer comentar e quer abrir ainda a sua alma. «*Amigo*, diz ele, *porque vieste?*» e olhando-o, com certeza bem de frente: «*Judas, tu traiste o Filho do Homem com um ósculo!*»

Oh! que o culpado a quem assim chamam à reflexão, medite no seu acto e pense naquele que lhe suplica! Que o seu coração amoleça, finalmente, e, como o de Madalena, se desfaça numa torrente de pranto! Que o discípulo transviado retome seu lugar nas fileiras, mesmo que seja sob a cruz que

ele ergue e onde Jesus quer morrer por ele, dando seu sangue a quem o terá derramado! Que ele reafirme a sua escolha, que continua a ser válida; de nenhuma das consequências do apelo será privado. Na família que se institui e que o pai voltará a encontrar após três dias de sofrimentos, aquele pródigo tem direito ao vitelo gordo, ao anel e à veste cândida. Que diga apenas: *Meu Pai, meu Mestre, eu pequei contra o céu e contra ti!*

Mas Judas não abre o seu coração. Leva a cabo a sua obra. E, depois, vendo as consequências, medindo-as à luz daquela realidade que sucede às brumas ilusórias, sente-se fulminado de horror perante o seu crime.

Eis o que fez. Abusou, durante três anos, de uma confiança absoluta; pagou essa confiança com a sua felonia; precipitou o fim do seu Amigo, do seu Mestre, oferecendo oportunidade a inimigos ainda receosos e sem nítidos desígnios; quebrou o dique onde esbarrava a torrente dos ódios, das iniquidades e das torturas. Quando deixou o Cenáculo, a sua saída foi, para Jesus, o começo da morte. Depois de ter perturbado as últimas efusões, pôs-lhes fim; depois de ter saboreado o amor no que ele tinha de mais delicado e de mais generoso, escolheu, para trair, o símbolo do amor.

Os velhos autores comparam-no a Joab levando

uma das mãos ao queixo de Amasa para o beijar, e, com a outra, cravando-lhe um punhal no ventre. (I Reis, xx, 9) (1). Mas ele, Judas, não se serve de armas; teme a acção directa; pede que amarrem o seu Mestre e que o *levem segurando-o sòlidamente*. (Marc., xiv, 44).

Certamente realizou assim, em benefício do universo, um bem incomensurável; precipitando a Paixão, activou a salvação; traindo, ofereceu à nossa fidelidade, compensações, e preparou, para o nosso amor, um tesouro. «Um bom negócio para nós! diz um Ancião: «Judas vende-o, os Judeus compram-no e é a nós que o Salvador cabe em sorte. «Visto que Jesus está à venda, declara um outro, compremo-lo com o nosso coração».

Mas estas consequências em nada alteram os sentimentos e as responsabilidades do traidor. A acção de Judas continua sendo o que é: Jesus apresenta-a a Pilatos como a mais terrível, por ser a mais decisiva e a mais sacrílega, e o próprio Judas, agora, sente-se por ela esmagado.

Uma vez Jesus condenado à morte, o homem de Cariot parece querer recuar e, sem uma repa-

(1) O beijo, entre os Judeus, como, ainda hoje, entre os Árabes e os Persas, dava-se, por vezes, agarrando a barba.

ração no sentido moral do termo, renunciar aos seus benefícios. O seu dinheiro abrasa-o; o remorso apagou-lhe a ambição; a acusação implícita que levantou contra o seu Mestre, entregando-o, é-lhe intolerável. Vai ter com os Judeus, «*Eu pequei*, diz, *entregando o sangue inocente*», e traz os trinta dinheiros, como se, em troca, devessem soltar a sua vítima. Mas os pontífices fazem chacota: «*Que nos importa isso, o teu pecado? A ti é que competia ver!*

Então, repelido, sòzinho consigo próprio e não encontrando em si próprio o estofo de um verdadeiro arrependimento, Judas sente-se acossado para um desespero sombrio; a tristeza invade-o como alterosa onda; o sentimento da sua solidão moral apavora-o; apodera-se dele um desejo de fugir que o espaço infinito não chegaria para satisfazer; foge do Templo, foge da cidade, foge até da existência, à qual o seu espírito já não está preso. Com um gesto brusco, atira os trinta dinheiros sobre as lajes, e o campo de Haceldama, o «*campo do sangue*», vai imortalizar o seu crime.

Desgraçado! Que esperaria ele da tentativa que fez, com o objectivo de curar a sua alma? Porque veio, desvairado, àquela geena, onde nenhuma caridade velava? Pode alguém resgatar-se

junto de celerados? O ódio e a ferocidade poderão oferecer remédio aos corações feridos?

Judas arrepende-se, declara o Evangelho; arrepende-se, mas, em lugar de recorrer Àquele que pode jubilosamente acolher o seu arrependimento e torná-lo eficaz, não sai de si próprio e volta-se para os seus cúmplices! Quer afastar-se desses monstros sem voltar a aproximar-se de Jesus; horroriza-se de si mesmo sem se confiar ao seu Mestre; quer purificar-se mas não na fonte de vida, e, vendo-se repelido, só vê, como refúgio, a morte.

É este o seu crime supremo.

Tudo, junto de Jesus, pode ser perdoado. Não o vemos no pobre ladrão, que, tendo compreendido que a Vida está ali a seu lado, nela se precipita com tão comovente simplicidade?

«*Não temes nem mesmo Deus,* grita àquele que blasfema, *tu que sofres a mesma pena? Para nós, é justiça, porque temos a condigna recompensa dos nossos actos, mas Ele nada de mau fez*», e voltando-se para o Mestre, acrescenta: «*Senhor, lembra-te de mim, quando vieres no* esplendor do *teu reino!*»

Fala-lhe familiarmente; dirige-se a um companheiro de infortúnio. Não é ele também um crucificado? Oh! irmão de sangue, não quererás tu, em recompensa do meu arrependimento, fazer de mim um humilde irmão de glória?...

Um tal transporte de confiança comove o divino coração. O pobre judeu, falando do esplendor do reino, parece só aludir à segunda chegada do Messias; mas o perdão dos céus é cheio de munificência. «*Hoje mesmo*, responde-lhe Jesus, *estarás comigo no paraíso*». (Luc., XXIII, 42-43).

Ah! como isto retrata bem o Salvador! Ele esperava, parece, aquele apelo «in-extremis»; à primeira palavra, a sua resposta está pronta; não hesita: acrescenta um codicilo ao seu testamento e lega o seu Reino àquele pobre desgraçado.

É a lição de Judas. Tudo, junto de Jesus, pode ser perdoado, tudo, excepto a recusa do perdão. Essa recusa implica uma soberana blasfémia; nega a soberana bondade; deixa supor uma desconfiança que é, para o amor, o mais cruel insulto e que implica da sua parte uma completa ausência de amor.

E a última palavra é esta: Judas não ama. Não ama e, por isso, traiu; não ama e é por isso que, tendo repelido a traição, porque ela o horroriza, chega a detestar-se sem, em nada, se recuperar. O ódio de nós próprios só é salutar quando associado ao amor de Deus; sòzinho, é homicida; tem o poder de tudo destruir e não tem o poder de reparar coisa alguma.

A partir de certo momento, tendo desconhecido o coração do seu Mestre e não encontrando no seu com que suportar-se, Judas calculou que não havia já lugar para ele no meio dos homens. Enforcou-se naquela manhã, desvairado, sòzinho, mais do que sòzinho, porque até em si próprio já nada encontrava. Enforcou-se, na Sexta-Feira Santa! Erguido entre o Céu e a Terra, como Jesus, mas erguido doutra maneira; mostra-se estranho ao Céu e à Terra e separa-os; Jesus pertence a um e a outra e é, entre ambos, traço de união.

Do alto da cruz, todo entregue ao perdão e ao sofrimento redentor, Jesus não amaldiçoa o que prevaricou; não sente cólera, mas deixa «*no seu lugar*», segundo a terrível expressão dos Actos, aquele que escolheu entre tal *lugar* e o Calvário. Os onze estão ali, em pessoa ou representados; estão ali de coração; Judas não está; Jesus não o vê; Jesus, tristemente, abandona-o. Como nos *Juízos Finais* de Angélico, em que o Juiz, sem cólera, se desvia da esquerda deixando cair o braço, Jesus desinteressa-se, com majestade e dor, do que dele fugiu, empreendendo uma fuga eterna.

Não tem um olhar para o «*filho de perdição*».

Capítulo IX

O SEU TÚMULO

QUANDO JESUS TRANSPÔS a porta de Efraim, aconteceu-lhe como ao mártir que empurram para a arena: o mártir vê a goela dos leões; Jesus viu o seu sepulcro, boca devoradora que lhe deve recordar o texto de Job: «*O sopro da minha vida extingue-se; os meus dias apagam-se; só me resta o túmulo*». (Job, XVII, 1).

No entanto, olhando para mais longe, uma outra perspectiva se lhe abre; confiadamente, podia exclamar como o seu antepassado David: «*Tu não deixarás a minha alma no inferno e não permitirás que aquele que te ama veja a corrupção; tu indicarás o caminho da vida*». (Salm., XV, 10).

Não se verá um belo símbolo no facto de o mausoléu de Jesus ficar a dois passos da sua cruz?

O sofrimento, a morte, é tudo o mesmo; o sofrimento deixa-nos meio prostrados; a morte, por completo. Mas, graças a Jesus, ambos nos erguem e a nossa comum ascensão só apresenta três estádios: a cruz, o túmulo, o céu.

Os túmulos judeus situavam-se correntemente em terrenos cercados que eram logradouros públicos; a zona dos jardins, nas vizinhanças da cidade, continha muitos; ainda hoje alguns subsistem e é muito fácil imaginar a sua disposição.

As câmaras funerárias eram abertas em plena rocha. Os velhos Israelitas, que construiam pouco, escavavam muito; ganhavam, assim, espaço, e faziam obra mais duradoura. Isso explica que as suas necrópoles tenham resistido mais que as suas cidades. Quantas velhas localidades têm por único vestígio covas abertas na rocha e degraus que indicam a entrada dos jazigos.

No tempo de Jesus, esse zelo da picareta e do cinzel atingia o apogeu e a ele se associavam preocupações decorativas que a técnica greco-romana orientava. No vale de Josafat, e um pouco por toda a parte, na sua vizinhança, como na região de Abud, na de Tibneh, etc., encontram-se espécimes característicos. O visitante munido do Evangelho,

pode aí colher, para as suas meditações, os elementos de uma empolgante reconstituição local. O aspecto exterior varia entre a simples cova, quadrada ou rectangular, e o edículo piramidal completamente isolado, cercado de uma pequena trincheira, por vezes sobrepujado por um zimbório. Entre ambos, toda a escala de molduras, ornatos de folhagens, rosáceas, ramos de vinha ou de figueira, grinaldas, pilastras fingidas, colunas, serve para medir o luxo ou o orgulho, a piedade ou o gosto dos proprietários.

Quase sempre, o monumento (μνῆμα, μνημεῖον) abrange um vestíbulo aberto, espaço abobadado precedido de colunas, ou pátio ao ar livre. Esta última solução impõe-se quando é necessário trabalhar numa colina levemente inclinada, como no Calvário. O átrio é, então, uma trincheira nivelada, própria para estadias meditativas e para as reuniões familiares. Na parede do fundo abre-se uma porta baixa que dá para a câmara funerária ou para uma ante-câmara com a qual correspondem uma ou várias câmaras munidas de *arcosólia* (1), de *fornos* (2), de pilares, de arcas sepulcrais.

---

(1) Camadas de pedra sobrepujadas por um arco.

(2) Excavações estreitas onde o corpo é introduzido no sentido da profundidade.

Lendo o Evangelho e confrontando cuidadosamente os pormenores da narrativa com os dados topográficos e arqueológicos, chega-se a ter uma visão muito precisa do que era o túmulo de José de Arimateia, o que foi, primitivamente, o nosso Santo Sepulcro.

Dava-lhe acesso uma trincheira assaz extensa, devido a fraca inclinação. Essa extensão tornava-se menor e ganhava-se altura por meio de uns degraus que, descendo, levavam a um vestíbulo subterrâneo. No fundo, uma porta baixa abria para uma primeira câmara destinada aos ritos fúnebres: lavagem do corpo, embalsamamento, orações. Mais além, por uma porta também baixa, chegava-se ao túmulo pròpriamente dito, aberto à direita de um nicho abobadado, para receber o morto.

Ignora-se se haveria de contar-se com outros lugares. Havia sempre maneira de os abrir, segundo as necessidades. Era a vantagem daquele sistema de excavações; podia-se indefinidamente, sem nada desmanchar, aumentar os domínios da morte, avançando pela montanha.

O chão do nicho sagrado devia ser levemente curvo; no lugar da cabeça, estava colocada uma pequena almofada de pedra; aqui e ali, observam-se estas precauções de inquieta ternura: o morto deve sentir-se bem, para dormir. As duas salas

eram num nível inferior em relação às suas vias de acesso, sempre para ganhar altura; a primeira devia comportar uma banqueta circular e uma cova central, para comodidade da passagem e do trabalho de embalsamamento.

Resta o sistema de abrir e de fechar, que não pode deixar qualquer dúvida. Ao chegar ao Túmulo, as santas mulheres dizem umas para as outras: «*Quem nos há-de revolver a pedra?*» (Marc., XVI, 3). Trata-se, portanto, de uma dessas mós ou discos espessos, que se vêem colocados no *Túmulo dos Reis*, no *Túmulo dos Herodes*, em Abugoch, em Naplusa, etc. Essas mós pesavam, por vezes, mais de uma tonelada; a dos Herodes pesa 1.200 quilos e sabe-se que a pedra do Senhor era «*muito grande*», μεγας σφόδρα (Marc., XVI, 4).

A manobra vislumbra-se fàcilmente. Diante da porta escancarada corre uma ranhura onde circulará a mó para se afastar e se puxar conforme as necessidades. Quando o sepulcro está fechado, a mó encosta-se à parede da direita levemente excavada para formar entalho; uns calços seguram-na. Quando se quer abrir, tiram-se os calços, e a mó, que foi impelida para o seu entalho por meio de alavancas e subindo um plano levemente inclinado, desce, pelo seu próprio peso, para uma vala aberta à esquerda. Um corredorzinho for-

mando cotovelo permite passar por detrás da mó para a içar outra vez, na ocasião oportuna.

Compreende-se que as santas mulheres tenham julgado impossível praticarem tal operação, que certamente exigia dois homens. Para tirar os calços ao bloco de pedra, era preciso guindá-lo um pouco; depois, era preciso sustê-lo na descida. As mulheres arriscavam-se a um desastre, e, além disso, não tinham autoridade para agir sòzinhas.

Todos os dispositivos mencionados eram contemporâneos do monumento; na Sexta-Feira Santa estavam, portanto, prontos, e não é necessário que José de Arimateia tenha premeditado o seu oferecimento. Parece certo que nada foi previsto; São João diz-nos que se agiu por necessidade, devido a estar iminente o *sabbat* e a ficar perto aquele túmulo. (João, XIX, 42).

É bem emocionante a honra que assim recai num homem! José de Arimateia é como que um outro Cireneu: este leva a cruz; aquele, o Crucificado; e se um se encarrega do lenho, o outro fornece a pedra, ao passo que Nicodemos, o doutor da conversa nocturna (João, III, 1) compra cem libras de aloés e de mirra para com eles ornar a cavidade sombria onde vai ter o último encontro com Jesus.

A apressada aromatização da Sexta-Feira não

passará, aliás, de provisório testemunho de piedade; proceder-se-á, no dia seguinte ao descanso «sabbático», a um embalsamamento solene. Mas, então, haverá a aparição de um anjo que dirá o que convém, e fará conhecer, às mulheres, o milagre.

Como tudo isto deve penetrar fundo e provocar longa repercussão sentimental na alma do divino Mestre! Na cruz, já não vê o Túmulo, mas sente-o de certa maneira que o atrai; sente-lhe a proximidade; calcula a grandeza dele; mede-lhe a utilidade para a sua obra. Precisa dele para alcançar o repouso de trabalhador apressado que aspira às tarefas da alvorada; deve nele «*depositar a sua alma*» e, em seguida, «*recuperá-la*»; nele deposita, um instante, o seu fardo de amor.

Ao dizer «*Tudo está consumado*», Jesus pensa no sepulcro; comenta as consequências da cruz como a própria cruz e o que a preparou. Aquela cova vai fornecer-lhe a sua mais convincente manifestação, o seu «*sinal*», e se ali está a sua prova, ali está também o seu último dom.

Com o enterramento completa-se a Paixão. Última perseguição dos inimigos de Jesus, é, quanto ao próprio Jesus, o último vexame, o der-

radeiro sacrifício. Indo até aí, nós damos, nós, o que não podemos guardar, e caímos, dando uma queda definitiva; Jesus dá uma vida senhora de si própria e mais não faz do que alcançar o poder de Deus.

Conta assim cancelar a sua obra e a Sinagoga consenti-lo-á forçosamente, ao fechar a pedra do seu túmulo. Esse túmulo é a última imagem do Evangelho ilustrado, o último símbolo ligado à mais alta realidade redentora. Realçada por tal imagem, a palavra do Filho do Homem jamais será esquecida, o alcance eterno da Mensagem não mais será discutido, os discípulos não poderão mais dormir, nem as gerações, nem a história; porque a humanidade se encontra submetida a uma nova germinação, a vida vai reflorir; não haverá doravante senão um único grande acontecimento para se desenrolar no decurso das idades, aquele que tem seu fim e simultâneamente se inaugura no «antro sagrado».

O homem não é, aliás, aqui, o único interessado. A Paixão tem por alvo a nossa redenção, mas, mais para além, tem por alvo um culto. Jesus, quando cair da cruz nos braços dos seus e passar ao sepulcro, admitirá que exerce a sua última adoração. Deve ir até ali para honra do Pai. Descendo

ao mais profundo, fará proporcionalmente subir essa glória, que, nele, depende do amor.

Dizem-nos que Jesus ressuscitará pela sua própria virtude, mas, como Filho, está dependente do Pai: abandonar-se e ir perdendo terreno até aos limites do nada, representa, da sua parte, louvar o Princípio inicial, oferecendo-lhe a oportunidade do mais elevado trabalho.

Na manhã da Páscoa resplandecerá o poder d'Aquele «*que atrai mesmo o que não existe*»; a sabedoria de seus projectos será então visível; ao amor que o inspira virá unir-se, para melhor o reconhecer, um amor igual, um amor demonstrado ao máximo, um amor exemplar aos olhos de todos e até aos do próprio Deus, visto que é um amor todo imolação.

*

* *

Que a ideia de sacrifício não afaste o nosso espírito dos gloriosos presságios; são eles que dão a esse túmulo, no pensamento de Jesus, a sua imagem real.

Jesus é senhor do tempo; da cruz, abrange-lhe todas as fases; sofre aquele calafrio do tempo futuro que é a emoção profética; lendo no livro

eterno, a sua santa presciência pode nele ver os acontecimentos de amanhã.

Morre; o seu corpo estende-se; a mirra e o aloés evaporam-se; a pedra redonda é posta em movimento com um ruído surdo; a guarda das santas mulheres mantem-se em silêncio; os anjos vigiam; as sentinelas do Sinédrio e as suas chancelas pensam subjugar o céu; o espírito ouve os estalidos da rocha na terceira manhã; o sol da Páscoa ergue-se; trocam-se falas misteriosas entre o anjo anunciador e as santas mulheres; os passos de Pedro e de João, correndo, ressoam no bairro deserto; uma provisão de alegria amontoa-se no coração dos discípulos e nele seca as lágrimas da Paixão; o mistério da sobrevivência tem seu início; os dois homens de Emaús caminham na noite; a barca da última pesca balouça-se nas suas amarras; os anjos da ascensão olham lá do alto e as suas estolas cruzam-se sobre o seu peito. Tudo é preparativo no seio das dores, e os sete gritos de angústia soltados da cruz não impedem que se ouçam as palavras de instituição da Igreja, que vão ser reiteradas de forma solene; o gesto de dispersão dos Doze já está figurado na extensão dos dois braços ensanguentados.

«*Surrexit Christus, spes meal* Ressuscitou Cristo, minha esperança!» Esse túmulo, esperança do mundo, não é especialmente, no Calvário, a esperança de Cristo? Pensemos primeiro nele que não pode desprezar a sua humanidade mais que nós próprios a nossa. Ele sofre; de forma alguma quer deixar de sofrer; aceita a morte, mas encarar, realizada a obra, o fim do sofrimento, será não aceitar?

«*A tarde pertence às lágrimas e a manhã à alegria*». (Salm. XXIX, 6).

A tarde atravessa a noite a caminho do dia.

Os nossos túmulos são, para nós, masmorras até ao fim das idades; se a nossa alma deles foge, o nosso corpo neles se desfaz em pó e a recordação que deixamos neles se apaga. O túmulo de Cristo é simples lugar de passagem; abre-se como um subterrâneo que um arco triunfal remata; Jesus utiliza-o como porta da morte, mas ràpidamente o transforma numa porta da vida; onde nós nos afundamos até ao fim do mundo, ele só paga leve tributo a essa ávida duração.

Mais dois dias e aquela pedra sepulcral quebrar-se-á como a casca donde sai a ave, e ver-se-á, então, a potência das asas; mais dois dias e esse antro abrir-se-á como uns lábios, e, como um riso divino, dele fugirá a vida.

Pascal observou que «Jesus Cristo não fez nenhuns milagres no sepulcro»; mas o milagre vem depois; o milagre consiste, primeiro, na ressurreição e, em seguida, nessa sobrevivência inaudita de que é princípio animador o Espírito que ele nos deixa, e de que é teatro o universo.

O estandarte do Rei avança;
Fulgura o mistério da cruz! (1).

Não será o domínio universal, o *império* que *carregou aos ombros*, segundo a palavra profética, Aquele que sucumbia sob o seu lenho? (Isaías, IX, 6). A cruz erguida soltou o voo da águia; arremessar-se-á de uma a outra extremidade do nosso horizonte; por toda a parte onde ela brilhar, a alma encontrará a sua pátria e Jesus o seu reino.

Se é certo que «a história é a ciência dos factos que têm uma posteridade», Jesus deve ser chamado o dominador da história. Imediatamente se anunciam os dias maravilhosos. Depois da Paixão, os *Actos;* após a Ressurreição, o inebriamento das grandes testemunhas e dos convertores, a fé dos

(1) Prose, *Vexilla Regis.*

taumaturgos e a dos beneficiários que se juntam, a sombra de Pedro que tem o poder de sarar, os céus que se abrem por cima da fronte de Estêvão, o raio benéfico a cair na estrada de Damasco, a conquista que se insinua, se estende, se organiza, as Igrejas que se formam e, em seguida, comunicam, a unidade que se enriquece pela sua concentração e se reforça pela sua riqueza, a sociedade política que se agita, persegue, finalmente cede, — o mundo que, pouco a pouco, é conquistado, a tal ponto que, a partir do século IV, passa a ser cristão tudo o que tem um nome em terras civilizadas.

A continuação apresentar-se-á variável, porque nenhum poder nos constrange como seres livres. Dissemos que, em relação às grandes aspirações que animam o Filho do Homem, o resultado do seu trabalho pode chamar-se um insucesso; mas, apreciando o que existe, em vez de chorar o que falta, vê-se, nesse mesmo futuro, uma imensa regeneração.

Não se pode esquecer que para qualquer observador imparcial, *cristão* e *civilizado* são, hoje, sinónimos; a luz recua à medida que Cristo recua; ela avança com ele. A história tem duas faces: em Getsemani, Jesus contemplou-lhe a face sombria; na cruz, ultrapassando, em espírito, o sepulcro, viu-lhe o lado luminoso.

* * *

Acrescentemos, para terminar, que uma perspectiva mais imediata atrai o olhar do Crucificado, quando a imagem do seu Túmulo lhe aparece. Jesus vê antecipadamente tudo o que vai acontecer após o *sabbat* que se aproxima: a tenaz vilania dos perseguidores; a intervenção destes, junto de Pilatos, no sentido de haver uma vigilância cautelosa; a mentira e a corrupção dos guardas, uma vez ouvidas as testemunhas do milagre. É, no entanto, agradável supor que ele não vai mais longe nas suas previsões, quando se trata dos seus, e que, sem ignorar a inicial perturbação destes, o combate que travaram contra a esperança e as hesitações do seu procedimento, augura, acima de tudo, a alegria que sentirão.

Os seus julgarão tê-lo perdido, como Maria e José o tinham perdido no Templo; depois, tal como no Templo, quando foi encontrado a dialogar com os doutores, porá fim, com um maravilhoso encontro, ao seu diálogo com a morte.

No Calvário, compareceram poucos amigos, e havia sobretudo mulheres; no sepulcro, haverá poucas testemunhas e estas serão sobretudo mulheres. São elas que notarão, antes de partir, na-

quela tarde, a situação do Túmulo, com o objectivo de ali voltar; elas é que ficarão de guarda, silenciosamente; elas é que comprarão os definitivos bálsamos aromáticos e, finalmente, elas é que virão, mal rompa a alvorada, após o *sabbat*, satisfazer o amor de todos.

Encontrarão o vestíbulo aberto; observarão presenças celestiais, mas, julgando ter perdido, pela segunda vez, o grande Ausente, objecto exclusivo do seu pensamento, irão, ofegantes, levar a notícia aos apóstolos. O mistério dos factos não lhes parecerá completamente estranho; dele terão a suspeita e a esperança; todavia, a sua angústia de forma alguma se dissipará antes que, sob a acção de sucessivas aparições, tenha brilhado a clara luz da Páscoa.

É então que ocorre o episódio de Madalena, episódio que se relaciona com a cena do *Lazarion*, com a da refeição em casa de Simão e com a do Calvário.

Madalena estava ali, com *as duas outras Marias*, mulheres de igual nome e de igual coração. Não obstante a luz angelical e a predição, concludente para um espírito menos perturbado, ela, por

si, viu apenas isto: *levaram-lhe o seu Senhor e não sabe onde o puseram.*

Em presença deste latrocínio que a priva do seu derradeiro tesouro, lancinante e doce objecto da sua ternura, fica tal como um corpo sem alma; vê e não vê, ouve e não ouve, não está onde está, mas onde ele está, Ele... E que inquietação alucinada a sua, quando pergunta ao pretenso jardineiro, que se aproxima: «Que fizeste dele?»

Fala com uma espécie de suplicante e desvairada violência; a sua dor faz explosão; nada receia, porque só se receia quando se ama, e, uma vez separada do seu Amor, Madalena nada tem, no mundo, que se sinta obrigada a amar.

Jesus, para se revelar, só lhe dirige uma palavra, mas só ela poderia dizer com que voz: «Maria!...» Reconhece-o pela doçura desse nome. «Maria!...» nomeando-a, ele nomeou-se a si próprio; em «*Maria*» ouve-se «*Jesus*»: tantas foram as vezes que esse nome ressoou, solto dos lábios e do coração do divino Amigo! Por isso, Madalena responde-lhe, como um eco: *Rabboni!* Mestre!...

Quer precipitar-se para ele, mas um gesto detem-na; uma reserva superior impõe-se naquele instante único, intermediário entre vida e sobrevivência, entre terra e céu. Mas o amor manifestou-se e trocaram-se palavras eternas; Aquele que

para todo o sempre nomeia os seres, declarou reconhecer como sua a que tanto o ama, e esta, o seu Mestre.

Assim termina o ensinamento que nos provém de Madalena; a sua própria iniciação, aperfeiçoando-se, corrobora a nossa. A omnipotência das lágrimas e a omnipotência do coração, foram-nos ensinadas por ela, — por aquela que, por ternas lágrimas, obteve o seu perdão, a ressurreição de um irmão querido, a antecipada união com a Paixão e a alegria do túmulo glorioso. Porque foi a primeira a compreender, recebe a missão de anunciar; ela é «o apóstolo dos apóstolos», — privilégio do amor, que, de certo modo, no decurso da história cristã, prevalecerá sobre a autoridade, sobre a força e sobre o saber.

O que aconteceu com Madalena vem a acontecer, guardadas as devidas proporções, com todos que participam dos seus sentimentos e compartilham o seu papel. As outras santas mulheres avizinham-se de sua irmã a ponto de não se ver bem, nos Evangelhos, o que pertence apenas a Madalena ou ao piedoso grupo. Os discípulos têm a sua parte e prevalecem, como deve ser, quando se trata de factos decisivos. Todos os papéis são felizes;

os corações ressuscitam, embora dêem prova de um assombro que parece estranho e das imperfeições de uma fé vacilante.

Quem nos dirá onde está, aqui, a perfeição? Um ser realiza-a. Maria, a Mãe sublime, saboreia secretamente a plenitude da alegria recuperada, depois de ter apresentado, na provação, a virtude exemplar. Ressuscita da sua Compaixão, como Jesus da sua Paixão, como Madalena da sua desolação, como os apóstolos do seu medo e da sua avassalante fadiga.

Não é por esquecimento, mas antes por impotência, que o Evangelho emudece sobre o seu caso. Um sentimento da mais subtil delicadeza exige que um tão suave mistério se recate e não se lhe desflore o encanto. O silêncio que sobre ela paira, muito longe de significar desinteresse por Maria, sublinha a sua grandeza.

Capítulo X

O CÉU

SOB OS OLHOS DO SENHOR que expira, coisas e pessoas jamais se deslocam das suas molduras naturais e se isolam do seu ambiente divino. Meditando sobre o que avista, poderia ele não prestar atenção ao que tudo contém de inefável? O céu envolve a terra e os seres; *erguido acima da terra* mais ainda pela sua alma do que pelas suas dores, Cristo encontra no céu o seu objectivo principal; dele vem e para ele volta; por isso, a sua primeira e a sua última frase, ambas começando pela palavra *Pai,* só se concebem que fossem ditas com os olhos em alvo.

Não confundimos, falando assim, o céu físico e o que ele simboliza; sublinhamos apenas o carácter insistente do símbolo, a inevitável aliança, nos

nossos espíritos, das alturas azulinas e das imensidades espirituais.

A abóbada azul afigura-se-nos a suprema altitude; a ordem total em que estamos compreendidos parece arrastada na sua órbita; os nossos destinos dela dependem; a obra eterna e o seu Obreiro nela brilham incessantemente; a vida futura, alvo das nossas aspirações, parece raiar nas suas profundezas.

É, portanto, natural que o céu intervenha em todos os nossos sentimentos, sobretudo se são os derradeiros, e Jesus, aqui, está no mesmo caso de todos nós. Quando andamos buscando sublimidade e sagrado terror, o céu oferece as suas noites; nas nossas grandes misérias, para ele é que os nossos braços se erguem; para afirmar, tomamo-lo por testemunha; os nossos amores e os nossos ódios invocam-no; a nossa impressão do necessário fundamenta-se na sua indefectibilidade; se acaso querem consolar-nos, é em seu nome que nos falam.

O próprio Deus, sempre indulgente para as nossas maneiras de conceber, relaciona com os fenómenos de que o céu é teatro, os sentimentos que pretende incutir e os acontecimentos espirituais que orienta. Às alturas sobem os seus eleitos, desde o homem do carro de fogo até Cristo e a Virgem; das alturas virá o Filho do Homem anunciado pelas

trombetas de arcanjos; Yahveh fala do trovão como se fosse a sua própria voz; o seu domínio é o éter; a sua tenda de campanha está no sol; as nuvens e os ventos são seus mensageiros; a aurora lenta é o seu olhar; no silêncio das estrelas, ele quer que o crente ouça uma imensa aclamação.

Às vezes, por alusão à *câmara alta* das moradas hospitaleiras e religiosas (ὑπερῶον) o céu, nas Escrituras, é chamado a alta morada de Deus (ὑπερῶχ), e o autor sagrado tem a constante preocupação — a qual atinge o máximo em Jesus — de não deixar a nossa imaginação admitir que essa morada soberana esteja deserta.

Em que se torna o homem, se esquece que um Pai vigia lá do alto, que a luz dele o ilumina e revela, que uma providência se exprime nas nossas leis, que o grande templo anónimo esconde o seu hóspede, aquele mesmo que em nossos corações habita? Um tal desconhecimento começa por provar uma primeira infidelidade; é porque se desviam de Deus que os homens já não compreendem a mensagem da natureza e lhe atribuem, tantas vezes, uma linguagem blasfema. Logo que nos orientamos para o primeiro amor, tudo patenteia aquilo que tudo, dantes, ocultava.

Por isso, a expressão o *Pai Celeste,* criada por Jesus, é destinada a lembrar-nos a paternidade

de Deus, e, além disso, o carácter benevolente, o sentido religioso da própria criação, desse sublime ambiente que São Pedro chama, na narrativa da Transfiguração, a «*glória magnífica*».

Só assim é que a trágica imagem do mundo se nos torna familiar e os seus trilhos reveladores: o horror da imensidade já não nos causa angústia; o seu silêncio já não nos alucina; o aumento desproporcionado do campo visual imposto ao nosso olhar pelo espaço sem limites, formando um tão violento contraste com a exiguidade da nossa acção, já só dá lugar a um amplo e religioso apaziguamento; tudo nos tranquiliza e tudo nos edifica.

Eu estou perdido no universo, mas encontro-me em Deus e não posso sair desse «amplo seio» que não se exterioriza; uns braços desenvolvem sob o horizonte a sua curva invisível; eu sinto o meu Infinito vivo; eu reconheço que o «inacessível» está perto de nós, que o «implacável» tem uma alma e que com ela a nossa se aparenta: *Ipsius genus sumus*. É essa a razão por que posso sem terror abrir, à noite, a minha janela, sobre o abismo. Mas como a noite seria inumana e traiçoeira, se não nos falasse de Deus!

Não é vão observar, aos pés da cruz que une todos os extremos, a correlação existente entre o céu, principalmente o céu nocturno, e o mistério da alma. Incomensurável é o éter, e incomensurável, inexplicável, impossível de alcançar em seu caminho, é o coração. Nós nem subimos aos astros nem penetramos em nossos próprios abismos; dois infinitos se abrem para além do nosso ser experiente, e, em relação a ambos, somos, ao mesmo tempo, atraídos invencìvelmente e mantidos a distância.

Que podemos nós, sem Deus, nas alturas, e sem a sua graça, em nossos abismos? Mas sentimos que esses dois domínios vêm a unir-se, e que Deus, que nos trespassa e nos ultrapassa em todo o sentido, consegue a unidade da natureza absoluta. Abordando esse Deus e a ele nos abandonando, podemos conciliar não só o ser, como o nosso ser, e o Super-Ser de que tudo depende.

Não se pode duvidar de que Cristo, em todos os tempos, sentiu que as coisas eram assim. Se *tudo lhe foi entregue entre as mãos,* foi-o, sem dúvida, em plena consciência; compenetrado do que é, tem, por isso mesmo, a certeza do que faz. A sua vista fixa-se sem desânimo em Deus, céu vivo, na

alma, humilde céu em que o primeiro se reflecte, na natureza universal, e em si próprio, onde estes elementos da realidade se unificam.

Que mais dizer, a propósito? Tudo quanto se exponha não estará condenado à impotência? Quem poderá exprimir o estado de alma de Jesus, erguendo os olhos ao céu? No entanto, é bom tentar o que, de certo modo, é inútil; abortada a descrição, sempre o contacto nos beneficia. Digamos as nossas certezas, mantendo perante o espírito as imensidades que abrangemos nessa palavra *céu*, tão simples e tão carregada de significações.

*

* *

Jesus amou a natureza física. A abóbada azul, a sua radiosa veste de nuvens, a sua mística nocturna, o conjunto de seus reflexos que os nossos objectos disseminam como paredes de esmalte de sempre móvel aspecto, não foram estranhos Àquele que, em tudo, era Filho do Homem.

É agradável ver Jesus no meio da beleza do mundo, dela se aproximando como contemplativo e exprimindo-a como poeta, através de um pensamento silencioso que as suas sóbrias parábolas deixam aperceber. Não detém o seu espírito neste

mundo sublunar nem mesmo nas nebulosas e na sua amálgama de sóis; mas o ambiente imediato com que a sua carne mortal se aparenta, que serve tanto de medida como de objecto aos seus sentidos, que alimenta a sua imaginação, que se fixa na sua memória, não está menos, por isso, no primeiro plano da sua humana concepção.

Dirige um olhar piedoso para esta parcela do céu que se chama terra; é filho dela; voltando-se para a sua origem, dá-lhe em amor tudo quanto ela pode receber, como dela recebe tudo quanto ela pode dar. A natureza, tal como é para nós, extasia-o e encanta-o; sentimo-lo nalgumas rápidas alusões que o Pregador deixa cair, enquanto se espalham palavras de vida. «*Olhai os lírios dos campos como crescem!... Em verdade vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu jamais como um deles*». (Mat., VI, 28).

Com fervor recita, como os seus, muitas vezes com eles, nas orações do Templo: «*Eu contemplo os teus céus, que são obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que tu criaste*». (Salm. VIII, 4).

As suas pregações cheiram a campo, às eiras, ao moinho movido por um jumento ou à mão, ao cortiço, à casa, ao redil ao ar livre e à torre de vigia, à figueira e à oliveira, ao sarmento e à uva pisada; nelas se ouvem os pardais e os pombos

torcazes, a súplica humilde dos cães esfomeados, o angustioso piar da galinha que receia pelos filhos — como ele, pela humanidade — as tempestades e as aves de rapina. A sua mensagem reveste-se de símbolos terrestres, e, por instinto, escolhe os mais belos, que são também os mais familiares, aqueles cuja simples grandeza constitui o fundo da poesia humana.

Nisto, em nada se revela como genuíno esteta; é todo verdade e todo acção, mas a verdade e a acção têm servas, e Jesus, embora não possa dedicar-lhes demorada atenção, aceita firmar com essas auxiliares, alianças de que beneficiarão os seus objectivos espirituais.

Quando fala, o seu espírito, unido ao de seu Pai, procura a inspiração; a sua imaginação, alimentada pela natureza, fornece os símbolos. Em nenhum momento o abandona a impressão geral do mundo; quando se afastar do mundo, nele deixará, para nós, o cunho do seu pensamento, e a natureza tornar-se-á, por isso, mais significativa, espiritualmente mais eloquente, mais senhora de vida, como será, graças ao seu culto, uma bem mais fervorosa adoradora, animada pelo espírito cristão.

Quem, melhor do que aquela alma humana e celestial, podia apreciar Deus na criação e a criação em Deus que sem cessar a está gerando? Associado

à divina harmonia *(Um em Três, Três em Um)*, como haveria a menor dissonância entre ele e a música universal? Filho do Homem, não encontrará na morada do homem a sua própria casa? Resume, por si só, todo o género humano; traz em si a Ideia, mãe dos seres; é o *Princípio da criação de Deus* e é deste o «*Amen*» (Apoc. III, 14); tudo o simboliza, tudo o serve; a natureza prende-se a ele por todas as suas significações e por todas as suas forças. Como poderia ele não amar esse património, esse espelho, essa emanação da Ideia que é ele próprio, e esse terreno murado onde se encontram todas as raças, e esse lugar onde Deus estaciona?

A beleza que entorpece a alma pagã impregnando-a de emoliente inebriamento, leva Jesus a seu Pai, e a adoração desse Pai, que para o místico de acanhada visão é um olvido universal, espalha Jesus na criação.

Ele vê a harmonia criada como uma vontade eterna cujas aplicações à vida humana constituem o objecto do seu ensinamento, das suas exortações e do seu auxílio. Mistura o céu e a terra, a natureza e a alma, o tempo e o remate eterno do tempo, porque esses extremos são solidários e ele próprio pertence a esses diversos reinos.

Dizíamos que o pensamento de Jesus, contemplando a natureza, não se detém no que dela nós distinguimos; a profundidade do seu olhar sobre os céus criados não enferma das nossas limitações. O céu é a abóbada azul, mas o céu também é a reunião dos mundos; para além desses grandes testemunhos e nos seus intervalos, há a «gota de éter» em que eles flutuam, o meio desconhecido que eles atravessam e que os atravessa, vaga espantosa a custo acessível à ideia e que os sentidos ignoram. Até onde se estende esse mar de cadenciadas ondas, onde termina a perpétua maravilha, ninguém o sabe; mas Cristo, unido a seu Pai como Verbo e como Medianeiro, *conta* com ele as *estrelas* e as *esferas* e *chama-as todas pelos seus nomes.* (Salm. CXLVI, 4).

Na direcção oposta, no côncavo do ser, se assim posso dizer, no íntimo das substâncias e dos factos, os infinitamente pequenos, que também são mundos, abrem, ante o olhar de Cristo, céus não menos vastos que os primeiros. Os átomos são astros, e talvez os nossos astros sejam os átomos de mais vastos corpos, tal como Pascal julgou.

Estas indizíveis sobreposições, que nos causam terror e perante as quais apenas podemos aniquilar-nos, têm Cristo por testemunha e por juiz; no espírito de Cristo inscreve-se a sua lei,

que é a lei de tudo; aquela cegueira que, entre nós, é património dos mais avisados, não afecta o seu pensamento nem quanto às ampliações nem quanto ao esforço de penetração que a realidade exige.

Não terá o sábio, tanto como o ignorante, a vulgar impressão de que o visível é tudo? Não se crê vagamente, durante o dia, que as estrelas estão apagadas, e não vemos a matéria que nos cerca como um sistema de massas contínuas, inertes e compactas? Basta uma gota de luz para nos esconder o infinito longínquo, e basta uma superfície enganadora para esconder da nossa atenção, os universos ocultos no seio das substâncias.

Para a contemplação de Cristo, tais limites desaparecem; ele trespassa o Ser de lado a lado; sobe de céus a céus e penetra de abismo em abismo; vai tão longe pelo olhar quanto o Pai pelo seu poder; o seu êxtase é igual a esse sopro criador que faz surgir todas as terras férteis e lhes desperta todas as primaveras.

*
* *

Deverá pensar-se que, na cruz, estas visões se dissipam e que o céu assim definido já não brilha

para as santas dores? Seria uma ilusão e quase uma ofensa. Mais de uma vez fizemos apelo à lembrança dos moribundos, àquele fluxo de velhas imagens que tenta — parece — encher o iminente vazio da morte. Em Jesus, mais do que em todos, no Gólgota como em Getsemani, os cenários de toda a vida passam e repassam, as impressões da natureza, muito longe de se abolirem, regeneram-se e exaltam-se.

No momento da grande morte, o céu e a terra manifestar-se-ão; a sua unidade com Cristo tomará essa forma de comoção e como que de protesto: não será justo que o Moribundo também saúde a natureza fiel?

Aceitou os perfumes de Madalena como um presságio do sepulcro: os que sobem da terra, nesse dia primaveril, os dos lírios que atapetam rochas, os das brisas de Jericó que, abrindo caminho pelo deserto, se erguem para a cruz, não terão a mesma significação e o mesmo acolhimento?

O Homem-Deus, ao morrer, gloria-se de toda a glória do país de pedras grisalhas, de toda a glória do país humano, e, muito para além, dos encantos da pátria universal, que é a sua. Gloria-se dessa glória, tal como, vivo, lhe prestou culto. O céu azul, as colinas verdes e as flores oferecem-lhe cores que seu Pai utilizou. A imagem do

mundo que ele compôs, autêntica e esplêndida, segue-o até à cruz.

Não há dúvida de que a cruz é sombria no meio destas visões! Mas foi ela que as forneceu, porque foi para ela que veio *Aquele que devia vir* e que, caminhando para uma trágica noite, atravessou aquela aurora.

Por isso, Jesus pode ainda, ao morrer, contemplar aquela natureza tão nobre; ele não a repele; a sua dor não é turva; a sua dor é religiosa e calma, e ao esplendor íntimo é fácil enquadrar-se em tal cenário. Morre na Primavera; aves, voando, rodeiam-no; as rolas, a chamarem-se, repetem seus ais; ele saúda com a alma a sua Galileia, a sua Judeia, a verdejante Samaria que as une, e o escrínio dessas jóias associadas, — a terra. Tem o sentido da amplidão que transcende infinitamente o seu globo viandante; a claridade dos espaços ofusca-o; a nuvem sombria de há pouco não passará de véu ténue; as anémonas do Gólgota, vistas a contra-luz, avivaram, enquanto ele subia, o seu colorido de astros vermelhos, e, agora, enfileiram, aos pés da cruz, as suas cerradas constelações, enquanto a distância, sobre o telhado térreo das casas, outras anémonas incontáveis, e incontáveis

papoulas, e margaridas de coração de oiro e corolas estreladas, brancas e róseas, ampliam o céu que ele contempla.

Tudo o que Jesus vê lhe retrata o céu; tudo, para Jesus, é céu; a natureza é celestial à superfície e nas profundezas, nas suas eminências e nos seus abismos, no seu adorno e na sua substância; os atributos divinos que nela brilham encontram em Jesus atributos semelhantes e o ideal contemplativo. O céu, em volta da cruz, estende-se para todos os lados, porque tudo quanto Jesus vê está afogado, sem confusão, na imensidade, e é levado, sem se perder, para a eternidade.

*

* *

Na celeste visão, há um caso que tem de encarar-se à parte. Só aparentemente ou, pelo menos, só por sinais exteriores, se distingue dos outros, mas, para nós, emerge e exige consideração especial, — consideração que seria muito audaciosa se tratássemos de definir; mas só se pretende adorar e proteger, com algumas piedosas palavras, uma zona de silêncio.

Jesus reza; a sua oração na cruz continua a sua oração constante; se o céu é o espaço azul, é o

universo, é a alma e é Deus, o acto pelo qual Jesus liga tudo num pensamento comum, é um convívio com o céu no pleno sentido, um olhar para o céu sem limite de extensão e de poder.

A oração habitual de Jesus obedece antecipadamente à declaração do seu Apóstolo: «*É preciso rezar sempre*». Quer dizer que o desejo, nele, está sempre orientado para Deus, que o Espírito dos *inefáveis gemidos* nunca deixa de estimular as suas aspirações e de as oferecer ao Pai.

Nas suas falas vulgares reza; o seu silêncio reza; o seu próprio ser reza; sob as duas formas em que nos é imposta, a oração é como que o pano de fundo na vida do divino Mestre, porque todos os seus actos, mesmo os mais obscuros, não são mais que longa, solene e perfeita adoração, e, como vítima em todos os tempos oferecida, ele é uma substancial prece.

No entanto, uma vez que é guia da nossa vida e deve servir-lhe de exemplo, ele não pode afastar o que, evidente e periòdicamente, santifica essa vida e a eleva. Reza em tempos distintos; reza no Templo e na sinagoga; reza, além disso, três vezes por dia, como é hábito dos judeus; reza mais demoradamente à tarde, em plena natureza, muitas vezes no alto das colinas, e esta última oração associa

expressamente às sublimidades interiores aquele olhar para o alto que encontramos na cruz.

O Evangelho esboçou esta grandiosa imagem: Jesus, só, num cume, rosto voltado para os espaços, uma vez por outra com certeza, prosternado, de vez em quando com os braços em cruz, rezando com todo o seu ser e sobretudo com toda a sua alma, enquanto o céu reza com todas as suas estrelas.

Quando a noite, como uma cortina, caía sobre a vida terrestre, — quando, cansado de falar e de agir ruidosamente, tinha necessidade de um longo repouso do corpo e da alma, deixava os seus ao abrigo de qualquer rocha ou árvore, subia a encosta mais próxima, e aí, na aresta de uma colina, como à beira do mundo, mergulhava no silêncio eterno.

A noite era, para ele, como uma libertação e um apelo; deixava os trilhos dos homens pela Divindade em que a natureza se expande. Quando a noite chega, o mundo dilata-se; a terra que se apaga nas trevas deixa-nos em pleno céu; os espaços infinitos apoderam-se de nós e os seus luzeiros guiam-nos; tudo nos diz: sobe, deixa o teu coração abrir-se... E a contemplação como que

se nos impõe. Para Cristo, em quem é permanente, a contemplação torna-se, pelo menos, mais intensa e mais doce; torna-se também mais calma e, de boa vontade, o Salvador nela se demora.

Quem sabe se a estrela de alva, ao surgir, algumas vezes não o surpreende ainda! O símbolo encontra então a realidade; sob as asas róseas da manhã brilham juntos o astro anunciador e Aquele que a si próprio se chamou a *Luz do mundo*.

Jesus está perante o éter vibrante; fantasio-o a entoar, em nome de todos, um grande hino, animando e comentando o silêncio, ao passo que se erguem, para reforçar também esse silêncio de adoração, os gritos espaçados do chacal e da ave nocturna.

Quantas vezes deve salmonear o *Laudate Dominum de cœlis* (Salm. CXLVIII):

Louvai o Senhor, vós que estais nos céus!
Louvai-o nas alturas!
Louvai-o vós todos, seus anjos;
Louvai-o vós todos, seus exércitos celestiais!
Louvai-o, sol e lua;
Louvai-o vós todas, estrelas brilhantes!
Louvai-o, céus dos céus,
E vós, águas, que estais sobre os céus!...
Porque só o seu nome é grande,
A sua glória está acima do céu e da terra.

Jesus é quem dirige o coro desta imensa assembleia; Jesus, na criação, é o propulsor dos louvores e sobre o que ele próprio entoa, os outros pesam tão ao de leve como o fardo que uma asa pode suportar. Da sua montanha de oração como de um centro — centro das esferas e centro da vida — ele irradia para toda a parte; dá uma alma a tudo; ele é a prece viva dos seres; o seu mandato universal faz dele o *que é*, em presença de *Aquele que é*, e os astros e os espíritos olham-no.

A sua súplica segue a sua adoração; quer, para todos, o pão que a sua própria substância exige para cada qual: para os nossos corpos, a saúde; para os espíritos, a verdade; para os corações, o amor; para os nossos anseios, a liberdade; para os grupos, a fraternidade; para todos, o remate que completa os seres e a flor desse remate, que é a alegria.

Suplica, e sabe que recebe em toda a medida das capacidades para que pede. Nada limita o seu potencial de oração, como nada limita o seu potencial afectivo, excepto a deficiência da criatura que, pelo mal, se esquiva.

Não haverá, aliás, por causa dessa reserva, diminuição das generosidades divinas; Deus dá sempre tudo; tudo depôs nas mãos do seu Cristo e este, tal como substitui pelo dom de si próprio

os homens que se esquivam, assim acolhe e utiliza o que os homens não podem receber. A sua graça é, de certo modo, infinita, dizem os teólogos; é fonte universal para poder correr para nós, e imenso depósito para que a abundância de Deus nada encontre que a limite.

Quem nos explicará como a cruz pode prestar-se a esse vai-vem e acentuá-lo com milagrosa força? Em nenhuma outra parte Jesus rezou mais ou foi melhor atendido; em tempo algum esteve, sob o céu, em mais íntima relação com o Rei do céu.

Duas palavras, se as soubéssemos pronunciar, dar-nos-iam a chave deste mistério; a primeira de tais palavras é *amor*, e a segunda, *sacrifício*.

O amor constitui todo o impulso das nossas adorações e todo o direito das nossas súplicas.

Em igualdade pessoal, aquele que mais ama é o que melhor honra e mais obtem; o amor de Cristo por seu Pai é, portanto, a alma do seu culto,—mas esse amor onde se prova melhor do que no mortal sacrifício? «*Nenhum amor é maior do que o daquele que dá a vida pelos seus amigos*». (João, xv, 13).

A cruz é, se assim pode dizer-se, o genuflexório por excelência, como é o altar, a custódia e o primeiro tabernáculo. Não é em vão que nos

mandam começar e terminar as nossas orações pelo sinal da cruz; bem compreendido, esse sinal quereria dizer: «Eu vos adoro, meu Deus, pela cruz, por Jesus crucificado, com Jesus crucificado, como Jesus crucificado, com um espírito não só de comemoração e de confiança, mas de obediência e de sacrifício». E ainda quereria também dizer: «Eu vos suplico o que me é necessário em nome da cruz, quer dizer, em nome da mesma lembrança, dos mesmos méritos, aos quais junto humildemente o *que lhes falta,* segundo o convite do Apóstolo».

O silêncio de Jesus nas suas sagradas noites completava o que as suas orações explícitas tinham formulado para nós e para ele próprio. Vemo-lo no alto da montanha, mais familiarizado com o êxtase do que com as palavras; ali permanece longamente absorto, afundando e submergindo a sua vida consagrada na Vida inicial, deixando singelamente pulsar as suas artérias, palpitar o seu coração, aniquilar-se o seu espírito, abandonar-se a sua vontade, prostrenar-se todo o seu ser numa silenciosa e perfeita homenagem.

Não dizíamos nós que ele é a homenagem viva, a exoração viva? A sua pessoa é um culto; para que ele chame e adore, basta que diga: «Eis-me aqui!» Como João Baptista e mais que João Baptista, ele não é, todo inteiro, senão uma *Voz.*

Quando não fala, existe, ama, e isso mesmo salva-nos, e isso glorifica a Paternidade inefável. No seio do nosso infinito, na natureza e na humanidade de todos os tempos, a força radiosa de Cristo não necessita de explicar-se; brilha, e isso basta; a aceitação do céu faz o resto. O infinito é um diadema de oiro e Cristo é o diamante desse círculo.

Na cruz, pelas mesmas razões ainda reforçadas, o silêncio que une as Sete Palavras é, para essas misteriosas manifestações, o mais eloquente comentário. O olhar erguido ao céu fala de si próprio, e que glória poderia igualar, em trágica significação, esse olhar sublime?

O silêncio, que é a flor da adoração, — o silêncio, a mais premente das exorações, quando nele se abriga um desejo que o amor anima, é, pois, no Gólgota, o equivalente às orações de toda a vida do Mestre; contém-nas todas, e, com elas, as nossas; concentra-as, e a Igreja mais não fará do que recorrer a esse tesouro quando por toda a parte espalhar o apelo e o louvor, fazendo-os ressoar como voz de caudalosas águas.

* * *

Cristo olha o céu. Não diremos, finalmente, que não lhe é necessário abrir os olhos, para essa contemplação? Nem mesmo é preciso que um movimento do seu espírito oriente o olhar interior para um objecto diferente de si próprio. Cristo traz, em si próprio, o céu.

Não podemos expor aqui a espantosa psicologia que a *união hipostática* e as suas consequências sugerem à nossa fé. Falar do céu presente em Jesus seria expor toda a doutrina da encarnação. Devemos, no entanto, atribuir-lhe a devida importância, para não corrermos o risco de mutilar o nosso tema.

Cristo é homem e Deus; por muito próximo de nós que se mostre, é sempre «esse bem-aventurado elemento de humanidade que Deus tomou para o unir à sua divindade», como diz São Francisco de Sales. Ninguém concebe esta reunião prodigiosa, mas, felizmente para a obra eterna, as nossas concepções não julgam o ser.

O nosso Cristo é um mistério vivo; usa um nome incomunicável e que *ninguém conhece senão ele mesmo* (Apoc. XIX, 12). O seu nome é-lhe revelado numa plena intuição, possibilidade de contacto

íntimo recusada a qualquer outro, e esse nome é *Verbo de Deus* (Ibid., 13) ao mesmo tempo que *Filho do Homem, Rei dos reis* e *Senhor dos Senhores* (Ibid., 16), continuando sempre a ser o nome de um ser mortal.

Daqui se infere que Jesus jamais é igualado pelo que faz, diz ou pensa no terreno do homem, e que nem o destino humano é todo o seu destino como pessoa, nem a sua missão humana constitui o seu todo. Uma vez em contacto com o Deus que traz e que é, uma vida mais elevada se lhe oferece. Ao mesmo tempo que é o Enviado e o viajante sublime, é o que chegou e é Aquele que não necessita de atingir o fim.

A humanidade não é mais que o seu campo de acção, a terra o seu suporte. Precisamente porque é dado ao mundo, não comunica com o mundo senão por uma porta estreita, aquela por onde Deus passa para ir ter com os homens e que os homens cruzam para chegar a Deus.

O resto é tudo mistério, separação, transcendência; o êxtase é o seu estado normal; sente-se perpètuamente deslumbrado pelo nítido sentimento da sua filiação divina e constante irrupção, em todas as suas forças, do seu Deus, a que está tão ìntimamente unido. O êxtase que, para o místico, é uma projecção para o exterior, é, para ele, uma

tranquila posse de si próprio. Constantemente se refugia onde o humano já não pesa; a sua existência visível é como o voo de um astro que surgiu do domínio das sombras e que nelas torna a afundar-se. Para os grandes corações, a recompensa divina é a sua própria grandeza; o maior de todos os corações tem em si próprio o que lhe basta, tem em si próprio, a sua incompreensível fonte original, donde todos os dons escorrem, para ele e para todos.

Nas suas palavras, só pode mostrar aflorações do inefável, mas o mais profundo, o que não se pode patentear, dá ao que entrega, uma força de penetração e como que uma energia criadora. Desvenda os mistérios, abrindo a mão para dar. Fala «*como quem tem autoridade, não como os Escribas e os Fariseus*». Ilumina-se com a sua própria luz e atravessa a nossa noite como numa auréola. Vê claramente e sem cessar o que nós só distinguimos em clarões de fé. Vendo-o, pode exprimi-lo com segurança, e, disso sendo senhor, pode revelá-lo e recomendá-lo com aquela omnipotência da Palavra inicial que realiza o que diz.

Foi do seu céu interior que Jesus tirou a luz do mundo; foi do mais fundo do seu coração que nos enviou o Espírito.

A natureza não beneficia menos do que a humanidade, da sua vivificante influência; ele é o seu Chefe como homem, é o seu Criador e a sua Providência, como Deus. Em grau igual à luz das almas, a luz dos mundos nutre-se nele; é nele que palpitam as estrelas, e da sua vida brota, como uma onda, a vida universal. Perante as múltiplas manifestações da natureza, o seu pensamento e a sua imaginação de homem admiram, mas a sua íntima divindade cria; ele é a *Sabedoria que cintila, em todos os tempos*, perante o eterno Princípio; ele é, ao mesmo tempo que determinante das forças criadas, a Força eterna.

Não poderá dizer-se que existe em nós uma certa imitação desta dualidade, deste elemento divino e deste elemento humano, ou seja, do que é claridade e do que a esta dá passagem? Nós também temos grandes luzeiros no coração. A graça, a própria natureza profunda, um não sei quê de nós que já quase não é nós, que confina com a Fonte única, que poderá ser senão uma espécie de divindade humana, uma participação desse Verbo que, um dia, nos foi inteiramente oferecido?

Ao mesmo tempo que para nós irradia pelas suas revelações e pela natureza, Deus surge das nossas profundezas; no plano onde desabrocham os nossos melhores pensamentos, onde as nossas graças brilham, ele vem ter consigo próprio, e é um céu interior que nos é assim oferecido, céu estrelado de verdades e cruzado por generosos eflúvios, céu radioso apesar da nossa noite.

Afigura-se assim que o silêncio de Jesus, do qual dizíamos que lhe é mais natural que a própria oração, está aliado a uma solidão que os contactos e relações enumeradas no Evangelho não têm o poder de perturbar. Aquela própria alma que derrama pensamentos e se expande em palavras até encher, se fossem escritas, os livros do mundo inteiro (João, XXI, 25) permanece, no mais íntimo, abismo silencioso; essa alma que está bem presa a todas as almas e a toda a realidade visível ou invisível, está, de certo modo, sempre só.

Jesus encontra-se no meio das nossas agitações como sobre a colina da tarde. A terra desfia os seus dias e as suas noites; Cristo desfia a sua vida com a mesma paciente e forte fidelidade, mas, no seu íntimo, existe o repouso maravilhoso. Ele age e o seu espírito preside à acção, como o seu coração se lhe entrega; no entanto, é livre; pode incessantemente receber mensagens secretas; escuta

música celestial; realiza com plenitude o que o seu Apóstolo exprime: «*O nosso lugar de convívio é no céu*». (Filip. III, 20).

Alma insondável, alma protegida por solidão e silêncio, alma visionária e possuidora, já neste mundo, do Objecto supremo, a alma de Jesus que é, em Deus, o seu céu interior, é, implìcitamente, um abismo de beatitude. A alegria inunda-a e jamais a abandona; o dia eterno nela habita. A dor chega, morde, exerce incomparável domínio sobre uma sensibilidade erguida tão alto como a perfeição do que a suporta; no entanto, para além dessa zona de sofrimento, estendem-se amplas regiões onde só a alegria brota.

Há duas existências de Cristo, uma temporal, que vai do presépio à cruz e ao sepulcro, e outra, imutável, à direita de Deus Pai. Ora a *visão beatífica,* idêntica aqui e ali, confunde, por assim dizer, numa só, estas duas vidas. Para Jesus, a sobrevivência não é, de um modo geral, uma renovação; é uma continuação. Jesus renasce e é glorificado na sua carne, mas, na sua alma, mais não faz que prosseguir o seu destino, e continua a eterno colóquio; a sua sorte divina coroa-se sem alteração profunda. Entre o pó da acção quoti-

diana e sob o fogo das dores, já estava em glória; estava deslumbrado de Deus. Que mais poderia, portanto, alcançar, a não ser a decisiva harmonia do seu ser?

Aqui, na terra, ele está dividido: é um oceano de silêncio e de paz sob uma vaga de agitação; a tempestade assalta-o na sua Paixão, e, por fim, *as torturas da morte atacam-no*, mas, entre os mais opostos aspectos da sua vida, anuncia-se uma concordância, e essa harmonia será realizada pela ascensão.

Será possível associar assim dois estados, ambos extremos, cada qual com tendência a dominar toda a acção vital: — o sofrimento quase permanente e uma permanente beatitude, a alegria celestial e a cruz? Tem de ser possível. A *união hipostática* implica a união beatificante como um direito; o sofrimento é o instrumento redentor: ao Todo Poderoso compete conciliar essas duas coisas. E como o Criador está aqui bem unido à sua obra, não podemos ter dúvidas de que não recuará nem provará incapacidade perante o problema psicológico que tem de resolver.

* * *

Ainda não é tudo. Onde tantos mistérios já nos perturbam, os nossos doutores procuram ainda mais um mistério. Apoderam-se daquele grito: «*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*» e sem nele ver, como alguns querem, desesperança, atribuem-lhe um carácter tão lancinante que, perante o estado de alma assim expresso, a Agonia da véspera já, por assim dizer, nada seria. Esse grito significaria a angústia suprema.

Deve confessar-se que tal interpretação não é exigida pelos factos. A exclamação de Jesus é tirada do salmo XXII e constitui o princípio deste; pode, portanto, muito naturalmente sugerir a ideia de uma oração mental que se continua, e não de um clamor trágico.

Esse salmo é profético e nele se assinalam os mais frizantes aspectos da Paixão. Por fim, vêm as visões de glória e a esperança de abundantes frutos de todas aquelas dores. Não há razão peremptória para isolar o grito inicial e dele fazer coisa diferente de uma intonação ou, se quiserem, de um resumo do salmo.

Tão simples observação pareceu demasiado superficial aos nossos doutores; alguns deles, pelo

menos, suspeitam outra coisa. Cristo, pensam eles, ainda encontra resto de fezes para esgotar, no fundo do seu cálice; já sofreu todas as torturas do homem, mas falta que as veja aumentadas por uma divina perturbação.

O sentimento da esperança ampara-o: tem de perdê-lo. Seu Pai é o seu recurso contra a crueldade e o abandono dos homens: seu Pai afastar-se-á. Repelia-o a terra, mas guardava o céu: esse céu vai velar-se perante o seu olhar interior, como o espaço azul vai cobrir-se de trevas. O inferno! É necessário que conheça a sensação do inferno! Conhecê-la-á e sob duas formas. O castigo de que ele nos liberta comporta duas penas: *a pena do dano e a pena do sentido;* a primeira estará representada pelo abandono de seu Pai, e a outra, pela cruz. Só então haverá direito para dizer que a Paixão terminou, que a redenção é completa; a onda da dor, no seu apogeu, já só poderá descer; a sua força esgotar-se-á; mas, sem isso, um último abrigo, na alma de Jesus, permaneceria inacessível.

Seja! Enterneçamo-nos ao pensar que o nosso Salvador perdeu o seu céu para nos restituir o nosso. Perdeu-o, embora conservando-o; quer dizer: já dele não tem a sensação, vê-se perante seu Pai como perante um Deus inexorável, ou, ainda pior, já não encontra o céu e, portanto, sofre

toda a dor do inferno no Éden onde o mantém a sua qualidade de Filho de Deus.

«Parece já não saber que é Deus», escreve Santo Anselmo; um não sei quê de horroroso se interpôs entre a sua humanidade e a Divindade que a anima; sente uma espécie de maldição: a nossa, que tomou sobre os seus ombros, cobrindo-se com os nossos pecados. A sua amargura é então infinita, porque é infinito o amor que lhe foge, infinito o bem de que parece ter desmerecido, infinita a beatitude extinta.

Mas ele ama e isso é lenitivo para a sua terrível dor; prende-se com tal ardor ao Bem que lhe foge, que o seu coração não pode sossobrar. Desespera-se quando se quer com toda a nossa vontade a vontade do que se ama? Se Santa Teresa definiu bem o inferno como um lugar onde não se ama, um inferno em que se ama é já um céu. Mas esse céu todo tenebroso não deixa de ser, para Jesus, a angústia extrema. O seu sol espiritual morreu! Ele é uma terra sem sol, que o frio abraça pelos dois polos. Entre seu Pai e ele já não passa a corrente consoladora. O coração do seu coração abandona-o. Pense-se no que pode inflingir ao Filho de Deus a sensação de que, para ele, já não há Deus!

*

* *

«*Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*» Este aparente e provisório abandono encontra o seu lugar, no Calvário, entre duas fases de confiança e de acalmia, como a Agonia no horto é intermediária entre as efusões do Cenáculo e a sublime coragem no acto da prisão, como as quedas têm lugar entre dois degraus. Terminada a provação, Jesus vai recuperar a sua serenidade; o seu céu reabre-se; os braços do Pai estendem-se outra vez; como Santo Estêvão e antes dele, Jesus vê *os céus abertos* e o seu pensamento neles penetra.

Trata-se, diremos nós, doutro céu, do último de que temos de ocupar-nos, céu que, desta vez, ele conquista em lugar de só o contemplar e habitar, céu que já não é ùnicamente o seu, mas o nosso. Visão decisiva que é simbolizada, no Calvário, pelo olhar erguido para os espaços através de um véu de sangue.

O céu físico não terá, a nossos olhos, esta significação de um estado espiritual afastado e elevado em relação à estância presente, mansão de

radioso desabrochar e de paz, lugar de delícias? Cristo prometeu-nos esse céu e disse aos seus, no decurso do último festim: «*Eu vou preparar-vos o lugar*». Medita, para breve, a escensão, que parecerá situar acima das nuvens a misteriosa sede da sua glória. Entretanto, vai alcançando que mereçamos ter nela acesso.

Aquele que foi reconhecido como elemento intermediário entre a Divindade e a humanidade saberá, sem dúvida, unir-se a ambas; Aquele que transporta o céu poderá abrir-no-lo. Presentemente sacode-lhe as portas. Dentro em pouco, forçosamente as abrirá. Não foi o que ele disse ao bom ladrão naquela assombrosa frase: «*Hoje, estarás comigo no paraíso?*» (Luc., XXIII, 41).

Quando, no Monte das Oliveiras, uma leve névoa oculta a primeira alvorada, e a estrela de alva penosamente palpita, pouco basta para que o astro ascensional se liberte e paire sobre o que ainda há de nocturno. Essa estrela é Jesus. Ele é *aquele Luzeiro que não conhece declínio, aquela luz que sobe da terra e brilha, serena, aos olhos do género humano* (1).

---

(1) Bênção do Círio Pascal.
(2) Hino da Dedicatória.

Ora o céu para que sobe o Astro vivo e no qual todas as constelações humanas devem segui-lo, está ali bem patente; Jesus nele mergulha pela vista espiritual; sem abstrair da obra actual, de que tal imenso futuro é o alvo, ei-lo a inspeccionar a sua cidade, a *cidade aérea*, a cidade coroada de *anjos como a desposada se coroa com sua cabeleira* (²); a cidade das harpas e das taças de oiro, das trombetas e dos turíbulos, das vestes brancas e das palmas, dos cânticos e das coroas, das asas trigémeas e dos olhos incontáveis. É a cidade *em que já não há lágrimas, em que já não haverá morte, em que já não haverá nem luto, nem clamor, nem dor, porque as primeiras coisas desapareceram.* (Apoc. XXI, 4 e *passim*).

Jesus olha e esse olhar quer dizer: Subamos às alturas, homens, eu primeiro, e vós todos atrás de mim. A coroação está certa, mas *só é coroado o que legìtimamente combateu* (II Tim. II, 5). Trata-se de vencer. «*Aquele que vencer, eu o farei sentar comigo no meu trono, assim como eu mesmo também venci, e me sentei com meu Pai no seu trono*». (Apoc. III, 21).

Estai todos comigo para a grande vitória, e, visto que a vitória não se alcança sem sofrimento, soframos; visto que a vitória implica a morte santa, morramos, preparai comigo a morte santa. «*Bem-aventurados, agora, os mortos que morrem no Senhor*».

«*Sim, diz o Espirito, que descansem dos seus trabalhos, porque as suas obras os seguem*». (Apoc. XIV, 13 .

EPÍLOGO

O FIM CAMINHA LENTAMENTE. Jesus deve ter empenho em patenteá-lo, para que os acontecimentos sigam a marcha voluntária que lhes predisse. Absorve o seu último fel, que vem recordar-lhe todos os outros; as dores exacerbadas, fazem-lhe sentir que, nele, a vida lança o seu derradeiro clarão. A sua obra está terminada; a árvore já só tem que crescer. Concluída a acção, as suas consequências seculares já não necessitam de Cristo e até mesmo o excluíriam. «*A vós convém,* dizia ele, *que eu me vá*». (João, XVI, 7).

As Escrituras nele se cumpriram; tudo o que tinha a fazer está feito, e sofreu o que tinha a sofrer. Tudo vem reunir-se no seu espírito, e, com uma sublime frase ele o diz, como que para dar licença à Morte de se aproximar do seu Senhor.

Sim, «Carne bem-amada de Deus», como diz uma inscrição do século XII, alma celeste a nós concedida durante aquele tempo que a eternidade cinge, é verdade, tudo está consumado para vós e tudo, portanto, também está consumado para nós, que as anunciações visavam e que devíamos beneficiar das promessas. O homem já nada tem que vos pedir, e vós, que meditáveis generosidades infinitas e transcendendo as suas súplicas, vós já não tendes para lhe oferecer nada que doravante já não lhe esteja concedido. Tudo restaurastes em vós; essa cruz erguida é, para sempre, entre o céu e a terra, condutor dos bens, pára-raios dos males... Que mais desejais vós e que poderíeis ainda realizar?

Os sinais precursores precisam-se e sucedem-se ao aproximar-se a nona hora. A noite do Gólgota adensa-se; o Gareb está coberto de panos de luto como um catafalco. Se a escuridão é tão grande é porque Deus quer anunciar a luz que avança.

A terra começa a tremer; na rocha onde se cavam sepulcros, produz-se agitação; mortos libertam-se. O véu do Templo — talvez arrebatado por

rajada violenta, pelo siroco negro, presuntivo autor das trevas — rasga-se de alto a baixo. Esse véu desvenda segredos, declara Orígenes; é o primeiro véu, que do Santo separa o Vestíbulo; revela os mistérios de Cristo e os mistérios notificados por Cristo, não deixando subsistir para além, por detrás do véu do Santo dos Santos, senão o Mistério supremo.

Assim Deus se manifesta. Se, para tal, recorre à natureza, é apenas para realizar mais uma harmonia. Proclama, numa linguagem de factos, a sua terrível misericórdia.

Jerusalém, sob a nuvem, reúne as suas cúpulas lívidas como os pintainhos da parábola; a cidade de sangue está ali, já cadáver, sob o gládio do Romano, já erguido.

Nem uma clareira na natureza; nem uma luz nos corações cerrados; só o amor do grupo santo sobe em direcção ao chefe crivado de espinhos; só o amor de Jesus cobre o universo.

Madalena continua a soluçar; um pouco mais longe, as santas mulheres olham; os raros discípulos estão silenciosos; João serve de apoio à sua «Mãe», a mulher alquebrada e firme, de pé e desfalecida. Se as próprias pedras se fendem, que será daquele terno coração!?

Jesus, esgotado, deixa esvaírem-se, pouco a

pouco, as suas últimas forças. Vêem-no arquejante e sempre devorado pela sede; sede ardente, mas de um ardor mais espiritual que físico; tem sede da terra que também tem sede dele, mas não o sabe. Não parecerá, assim, com seus lábios convulsos, querer dar a esta terra que ama um último beijo, receber o dos seus, e talvez, humildemente, uma última vez, por hoje e por todos os tempos, oferecer a face aos ósculos infames?

O seu corpo exangue está pronto para o sepulcro; a sua alma vazia de si própria está pronta para o seu Deus.

Ante o seu olhar, a paisagem começa a desvanecer-se; o Moab há muito se apagou no escuro; as linhas do monte das Oliveiras e as encostas de Sião vacilam e extinguem-se; o Cenáculo e o palácio de Herodes, o Templo e a Torre Antónia, as muralhas onde o caminho de Efraim continua sempre escancarado, os próprios flancos do Gólgota, tudo sossobra, tudo se desmorona nas trevas interiores; as anémonas sangrentas já não fulguram; as da fronte endurecem o seu aro sob a coroa atroz.

Jesus, no entanto, está plenamente senhor de si: «ninguém *lhe arrebatou a sua alma»;* vai «depositá-la». — Onde? — Nas mãos de seu Pai.

PAI, NAS TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPÍRITO.

A mão de Deus tudo contém, mas tudo quer receber dos seres livres que associa ao seu poder. Cristo, como ser livre, presta-lhe essa suprema homenagem. O seu último gesto é o gesto definitivo, que corresponde ao gesto inicial: «*Eis que eu venho*», que resume os de toda a sua vida e os perfaz. Gesto de confiança e de amor, de união e de dom; gesto único, do qual todos os homens devem participar, de que são solidários, porque os eleitos de todos os séculos e de todos os mundos dele colherão o fruto.

Depois disto, não tendo na terra nada mais que fazer, regulando ele próprio a sua partida, pronto a deixar repousar — ele, e não a morte — a sua cabeça sobre o peito, de modo que a coroa lhe aureole também o coração, e não tendo, portanto, enfim, mais nada que contemple com aquele olhar que vai ao encontro do Mistério supremo,

JESUS CERROU OS OLHOS.

PÁG.

Prólogo 7

Capítulo I — O OBSERVATÓRIO 11
Capítulo II — SIÃO 27
Capítulo III — A CASA DE SEU PAI 43
Capítulo IV — O CENACULO 65
Capítulo V — O MONTE DAS OLIVEIRAS 103
Capítulo VI — OS TRANSEUNTES 137
Capítulo VII — OS SEUS 169
Capítulo VIII — OS SEUS INIMIGOS 205
Capítulo IX — O SEU TÚMULO 269
Capítulo X — O CÉU 287

Epilogo 323